textos DO BRASIL Nº17

FUTEBOL

Índice

Prefácio 04

Futebol nas crônicas de José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues
Fatima Martin Rodrigues Ferreira Antunes 06

Maracanã: templo do futebol
Pedro de Castro da Cunha e Menezes 20

Os grandes rivais do Brasil na Copa
Mário Araújo 34

Entrevista: Zico 46

Cicatrizes (uma história de futebol)
Luiz Ruffato 52

Futebol e literatura: desencontros e tabelas
João Cezar de Castro Rocha 64

78 Duas perguntas para Pelé

Política externa e futebol, ora bolas...
80 *Vera Cíntia Alvarez*

Cooperação sul-sul brasileira em matéria esportiva
92 *Marco Farani*

96 Entrevista: Sócrates

O futebol na música brasileira
98 *Assis Ângelo*

Futebol, o campo da palavra
104 *Leonel Kaz*

Futebol e identidade nacional
112 *Luiz Carlos Ribeiro*

122 O futebol na língua portuguesa

Prefácio

Embora seja costume creditar aos ingleses a invenção do futebol, as origens desse esporte remontam a tempos bem mais longínquos. Tanto os chineses como os gregos, antes de era cristã, e também os florentinos, na Renascença, praticavam atividades de natureza lúdica que se baseavam na movimentação de uma esfera com os pés. *Tsu-chu*, na China, *Kemari*, no Japão, *Epyskiros*, na Grécia, e *Harpastum*, no Império Romano, são algumas denominações de práticas esportivas rudimentares que vieram resultar no *football*. Este, desenvolvido pelos ingleses a partir do século XII, somente ao final da primeira metade do século XIX recebeu um conjunto de regras, que visavam a diferenciá-lo do *rugby*, outro esporte de grande popularidade nas escolas britânicas. Em 1863, foi instituída a *Football Association*, que consolidou tais normas e organizou as primeiras partidas e torneios do novo jogo.

No Brasil, o chamado "esporte bretão" faria sua aparição três décadas mais tarde, quando o paulistano, filho de ingleses, Charles William Miller, regressou da terra de seus pais trazendo duas bolas de couro na bagagem. A paixão pelo jogo começou rapidamente a se alastrar, de tal forma que, nos primeiros anos do século XX, diversos clubes haviam sido fundados em São Paulo, no Rio de Janeiro e em outras cidades brasileiras. Os jogadores eram em sua imensa maioria descendentes de europeus. Alguns anos mais tarde, clubes como o Bangu e o Vasco da Gama, do Rio, e o Internacional, do Rio Grande do Sul, passaram a aceitar atletas negros e mestiços em suas fileiras, fato que se revelaria fundamental para o surgimento de toda uma linhagem de futebolistas talentosos, capazes de revolucionar a maneira de se praticar o futebol, e que acabariam por dar ao Brasil uma imagem de excelência nessa área.

A Copa do Mundo, criada em 1930, mostrou-se, desde o início, a grande vitrine do futebol mundial, onde as diversas nações participantes podiam exibir suas habilidades futebolísticas e afirmar-se diante de um público internacional cada vez mais interessado nessa nova forma de entretenimento. Após duas participações modestas nas primeiras edições da competição, a Seleção Brasileira de Futebol demonstraria sua força na Copa de 1938, graças à categoria de Leônidas da Silva, jogador negro e de brilho inegável, que assombrou os europeus com sua técnica refinada.

A qualidade do futebol brasileiro, observada no seu exercício cotidiano em campeonatos regionais cada vez mais apreciados pelo público e difundidos pela mídia, levou o País a acreditar na possibilidade de consolidar mundialmente a sua supremacia no esporte. E, mais do que isso, de afirmar as potencialidades da nação brasileira, mestiça e possuidora de talentos e habilidades singulares, merecedores de respeito e admiração. A essa altura, portanto, o futebol já era para o brasileiro mais do que uma simples diversão popular; era a contribuição do Brasil para o mundo no âmbito da cultura.

A partir da década de 1950, a conquista de cinco Copas do Mundo e o aparecimento de jogadores como Pelé, Garrincha, Zico, Romário e Ronaldo, deram ao Brasil o reconhecimento internacional de sua excelência no futebol, contribuindo para a divulgação de uma imagem positiva do País em todos os cantos do mundo. Prova disso é que dos 46 jogadores convocados para a Seleção Brasileira nas duas últimas Copas do Mundo, somente cinco atuavam no Brasil no momento da convocação; todos os demais foram contratados por alguns dos clubes mais fortes do planeta, seduzidos pelo modo especial de o brasileiro jogar bola.

A presente edição da revista ***Textos do Brasil*** apresenta ao leitor alguns dos principais aspectos desta vertente muito particular da cultura brasileira que é o futebol. A revista buscou harmonizar textos de caráter mais ensaístico, que se propõem a analisar a importância do futebol para a construção da identidade nacional, com artigos de cunho jornalístico, que descrevem a paixão diária do brasileiro pelo esporte. Há, ainda, interessantes contrapontos entre o futebol, elevado ao patamar de grande manifestação cultural da nação, e outras linguagens artísticas, tais como a música e a literatura. A presença do futebol na literatura brasileira, aliás, é ilustrada por um conto do premiado escritor Luiz Ruffato. Os grandes mestres também foram convidados a opinar: em três entrevistas, Pelé, Zico e Sócrates comentam questões de grande atualidade no futebol brasileiro e mundial.

Distribuídos pela revista o leitor encontrará, também, pequenos quadros com curiosidades históricas e informações sobre os maiores jogadores brasileiros de todos os tempos, além de uma relação de expressões da língua portuguesa que se originaram a partir do jargão futebolístico.

Ciente da excelência do futebol brasileiro e da contribuição que este tem dado à divulgação do país em todo o mundo, o Ministério das Relações Exteriores vem conferindo especial atenção à cooperação internacional em matéria esportiva, tema que merece exame detido nesta edição de ***Textos do Brasil***. Além disso, no seu papel de promover a cultura brasileira no exterior, o Departamento Cultural do Itamaraty tem buscado apoiar, cada vez mais, a realização de exposições, palestras, lançamentos literários, exibições de filmes e outros eventos que tenham o futebol como tema.

Convidamos o leitor a apreciar nestas páginas um pouco da história do futebol brasileiro e a compreender o modo como este veio a se tornar um dos mais caros patrimônios do povo brasileiro. A presente edição de ***Textos do Brasil*** traz ainda um anexo com figurinhas de cartazes de todas as Copas do Mundo, no melhor estilo dos álbuns de figurinhas que, ontem e hoje, têm encantado os admiradores deste esporte extraordinário.

Coordenação de Divulgação

Futebol nas **crônicas** de José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues

Por Fatima Martin Rodrigues Ferreira Antunes

A Copa do Mundo de 1938, a primeira que o brasileiro acompanhou ao vivo pelo rádio, superou todos os índices de audiência registrados até então e tornou o futebol ainda mais popular no Brasil. A novidade aproximava os torcedores dos acontecimentos, fazendo-os vibrar com os lances no momento exato em que aconteciam. Se o rádio semeava o entusiasmo, a imprensa escrita repercutia o clima de envolvimento popular que sobrevivia aos jogos e conduzia ao debate sobre o sucesso da equipe brasileira, terceira colocada no torneio na França.

Ramón Muniz

Enquanto os brasileiros voltavam os olhos ao futebol e procuravam entender a originalidade que o jogo inglês adquirira em terras tropicais, intelectuais refletiam sobre os problemas nacionais e sobre o caráter nacional nos chamados "estudos brasileiros", ensaios de interpretação histórica que, por vezes, combinavam a abordagem sociológica, naquele período entendida mais como um ponto de vista do que como uma pesquisa objetiva da realidade social. Estudos como os de Paulo Prado (*Retrato do Brasil*, 1928), Gilberto Freyre (*Casa-grande & Senzala*, 1933) e Sergio Buarque de Holanda (*Raízes do Brasil*, 1936) buscavam as origens do temperamento brasileiro; desvendar sua lógica interna de funcionamento, para melhor compreendê-lo e agir no sentido de seu aperfeiçoamento. As descrições que construíram sobre a cultura e o povo brasileiros são extremamente ricas e se consolidaram como interpretações da realidade do País. Eram intelectuais orgulhosos de sua postura nacionalista, para os quais o nacionalismo seria um processo de tomada de consciência das fronteiras e das virtudes do corpo social.

Transformados em marcos na avaliação do Brasil e dos brasileiros, as ideias que esses intelectuais sistematizaram suplantaram os limites do ensaio e adentraram as artes plásticas, as ciências sociais, bem como outros gêneros literários. Cativaram intelectuais, estudantes, jornalistas e artistas, que, no desempenho de suas atividades, foram

GRANDES JOGADORES

Castilho – 1927-1987

Posição: goleiro
Clubes: Fluminense
Seleção Brasileira: 1950-1962 (25 jogos)

construindo suas próprias interpretações sobre o assunto, estabelecendo novas correlações, tentando extrair dela significados novos, que não haviam sido notados em leituras anteriores. O resultado da revisão que promoveram do Brasil e de seu povo também chegou à imprensa diária e, consequentemente, às crônicas literárias, ligadas ao jornal de forma visceral.

Ideias expressas nos "estudos brasileiros" continuariam ecoando nas décadas seguintes em textos de cronistas como José Lins do Rego (Vila do Pilar, PB, 1901 – Rio de Janeiro, RJ, 1957), Mario Filho (Recife, PE, 1908 – Rio de Janeiro, RJ, 1966) e Nelson Rodrigues (Recife, PE, 1912 – Rio de Janeiro, RJ, 1980), tendo como enfoque o futebol. O tema foi abordado em nossa tese de doutorado, publicada pela Editora UNESP em 2004 sob o titulo de "*Com brasileiro, não há quem possa!: Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues*", onde analisamos as discussões acerca da identidade nacional nas crônicas de futebol publicadas por estes autores entre os anos 1950 e 1960, período marcado por forte industrialização e pelo populismo na política.

José Lins do Rego e os irmãos Nelson Rodrigues e Mario Filho são considerados os maiores expoentes da crônica de futebol pela constância na temática, pela qualidade literária de seus textos e por sua repercussão entre o público leitor. Suas trajetórias pessoais confundem-se com a história do gênero no Brasil. Foram grandes incentivadores do esporte e extremamente apaixonados pelo futebol. Dedicaram-se à crônica, mas também se aplicaram com notoriedade a outras atividades.

José Lins do Rego, dirigente do Clube de Regatas do Flamengo e membro de entidades esportivas, alcançou a fama como escritor e romancista. *Menino de engenho* (1932) e *Fogo morto* (1943) estão entre suas obras mais conhecidas. Mario Filho era jornalista e dono de um jornal especializado em esportes – o *Jornal dos Sports* –, atividade que lhe permitia relacionar-se com diversas pessoas ligadas ao meio, além de políticos e intelectuais. Nelson Rodrigues não era ligado ao futebol profissional nem ao poder instituído, mas, como dramaturgo, cultivava amizades nos meios artístico e intelectual. Os três eram amigos e tinham amizades comuns. Frequentavam as tribunas de imprensa dos estádios, as redações de jornais e revistas, instituições administrativas do futebol, bares e restaurantes tidos como pontos de encontro de artistas e intelectuais no Rio de Janeiro, num período de intensa efervescência cultural. Eram assíduos frequentadores da livraria e editora José Olympio, inaugurada em 1934 na Rua do Ouvidor. A casa alcançou o posto de terceira maior editora da época, cujo sucesso se devia ao investimento no gênero literário mais rentável – o romance. Mas a fama veio mesmo com o lançamento da coleção Documentos Brasileiros, cujo primeiro título foi *Raízes do Brasil*.

Como outros escritores de sua época, José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues viveram em um contexto de interesse renovado pelo Brasil. Homens afinados com seu tempo, levaram algo das concepções dos "estudos brasileiros" às suas crônicas, baseados nos fatos do futebol.

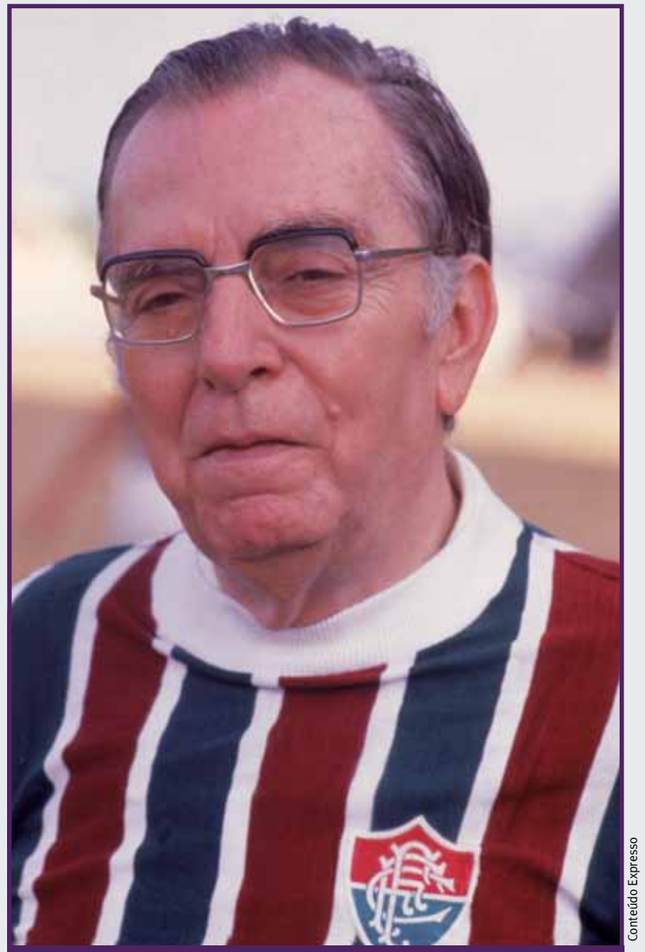
RETRATO PSICOLÓGICO DE UM POVO

O paraibano José Lins do Rego tornou-se conhecido pelos romances em que retratou o apogeu e a decadência de uma sociedade ancorada na produção e na exportação de açúcar, no latifúndio e na família patriarcal. Sua preocupação era analisar as condições de vida no Nordeste, recriando a cultura regional em suas diversas formas de manifestação: a língua, os hábitos alimentares, as superstições.

Zé Lins, como passou a ser carinhosamente chamado pelos amigos desde que se mudou para o Rio de Janeiro em 1935, foi indiferente ao futebol até 1938, quando acompanhou entusiasmado a primeira transmissão radiofônica de uma Copa do Mundo. Ficou encantado com a genialidade e o carisma de Leônidas da Silva, aclamado o herói brasileiro da Copa da França. À época, Leônidas jogava no Flamengo e, admirando-o, tornou-se torcedor do rubro negro carioca. Com o tempo, ficaria conhecido como um dos maiores torcedores e dirigentes da história do clube.

Zé Lins julgava-se comprometido com a "observação social", provavelmente em virtude de sua amizade com Gilberto Freyre desde os tempos em que ainda cursava a faculdade de Direito no Recife. Nas crônicas de futebol que publicou no *Jornal dos Sports* entre 1945 e 1957, na coluna "Esporte e Vida", abordou questões relativas ao caráter nacional, promovendo comparações entre brasileiros e estrangeiros, apontando seus virtuais defeitos e qualidades.

Como Gilberto Freyre no artigo "Foot-ball mulato", publicado no *Diário de Pernambuco* em 17 de junho de 1938, José Lins do Rego associava o futebol brasileiro à dança e ao samba, ritmo musical mais


Conteúdo Expresso

Artista e intelectual de peso, Nelson Rodrigues foi também um torcedor fanático

comumente vinculado à identidade nacional. Parecia esquecer completamente que o futebol viera de outras terras; mas, em sua visão, assim como o samba podia ser considerado brasileiro apesar de suas raízes africanas, também o futebol seria expressão da "novidade" brasileira, resultado de um rico amálgama cultural. Zé Lins orgulhava-se de ver jogadores brasileiros confundindo adversários estrangeiros em passes mágicos e carnavalescos, expressão da alegria herdada do negro, segundo Freyre, e que resultava na novidade do futebol

praticado no Brasil. Comentando a campanha da Seleção Brasileira na Copa Rio Branco de 1932, torneio disputado entre Brasil e Uruguai, Zé Lins mostrava como o futebol espelhava a democracia racial existente no Brasil, embora usasse o termo "democracia social" em sua crônica. De cunho cultural e não político, a noção de democracia racial fora tomada de empréstimo das formulações de Gilberto Freyre:

Conteúdo Expresso

As teses do sociólogo Gilberto Freyre serviram de inspiração para os cronistas

> *Os rapazes que nos representaram, triunfalmente, em Montevidéu, eram no fundo um retrato da nossa democracia social, onde Paulinho, filho de família importante, se uniu ao negro Leônidas, ao mulato Gradim, ao branco Martim. Tudo feito à boa moda brasileira.* (*Jornal dos Sports. apud* RIBEIRO, 1999:50)

José Lins do Rego afirmava que Leônidas da Silva era um caso para o estudo da miscigenação no Brasil. O Diamante Negro, como era chamado, contrariava as teorias que pregavam a inferioridade e a fragilidade da raça mestiça do Brasil: era forte de corpo e sagaz. Inspirado em Gilberto Freyre, Zé Lins elogiava o dionisíaco Leônidas, encarnação suprema do futebol mestiço do Brasil, que estaria mais para arte que para esporte: "O Leônidas de hoje é um caso para os estudiosos da miscigenação brasileira" (*Jornal dos Sports*, 16.3.1949).

Lembrando os passos da capoeira, com um gosto especial pelos "floreios" e pelo inusitado, o futebol praticado no Brasil definia o estilo emocional do brasileiro, assim como a tourada identificava a Espanha e o espanhol. O raciocínio de Zé Lins era simples: o futebol mestiço ou mulato traduzia e sintetizava a brasilidade, tese que defendeu na crônica "Fôlego e classe", publicada em 1945 no livro *Poesia e Vida*. Para ele, uma partida de futebol consistiria numa "exibição da natureza humana", reveladora da personalidade daqueles que se confrontavam no gramado.

> *Os espanhóis fizeram de suas touradas espécie de retrato psicológico de um povo. Ligaram-se com tanta alma, com tanto corpo aos espetáculos selvagens que com eles explicam mais a Espanha que com livros e livros de sociólogos. Os que falam de barbarismo com relação às matanças de touros são os mesmos que falam de estupidez em relação a uma partida de* football. *E, então, generalizam. (...) Ironizam os que vão passar duas horas vendo as bicicletas de um Leônidas, as tiradas de um Domingos [da Guia]. Para esta gente tudo isto não passa de degradação. No entanto, há uma grandeza no* football *que escapa aos requintados. Não é ele só o espetáculo que nos absorve, que nos embriaga, que nos arrasa, muitas vezes, os nervos. Há, na batalha dos 22 homens em campo uma verdadeira exibição da natureza humana submetida a um comando, ao desejo de vitória.*

O sentimento franco e democrático gerado pela mestiçagem, no entanto, não seria soberano no brasileiro. A vaidade, por exemplo, seria decorrente de um individualismo excessivo, que já fora reconhecido como um traço do caráter nacional por Paulo Prado, Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda e, aqui, era visto por Zé Lins em seu aspecto negativo. Investigando a formação da sociedade brasileira, Sergio Buarque de Holanda associara o personalismo exagerado do brasileiro à "incapacidade de organização sólida" e à fragilidade do sentimento de solidariedade.

Enquanto observador social, como Zé Lins se autodenominava, apontou defeitos e qualidades do brasileiro; definiu o caráter nacional, refletindo as preocupações de uma época em que o Brasil buscava posicionar-se no novo quadro político e econômico que se configurava após a Segunda Guerra Mundial. Via o futebol como um espaço para a promoção da unidade nacional e, consequentemente, de superação das divergências regionais. Acreditava que, por meio do futebol, a civilidade do brasileiro se tornava patente, postura altamente valorizada e prerrequisito para a inserção do País no rol das grandes nações desenvolvidas. Zé Lins era um incentivador incansável do brasileiro à ação e à reversão de um quadro de dificuldades.

LEVANTANDO O VÉU DA ALMA BRASILEIRA

O jornalista Mario Rodrigues Filho tornou-se diretor-proprietário do *Jornal dos Sports* em 1936, um dos mais conceituados periódicos do País em seu gênero, e exerceu grande influência sobre o estilo da imprensa esportiva e sobre o universo do esporte carioca, transformando-se num "ministro sem pasta do futebol brasileiro", como bem o definiu Ruy Castro. O respeito conquistado não apenas no meio esportivo, mas também entre políticos e intelectuais, permitiu-lhe exercer uma ação política real na conformação e no desenvolvimento, sobretudo, do profissionalismo no futebol. Conquistou a confiança do presidente Getúlio Vargas e teve acesso facilitado ao seu gabinete, tanto no período do Estado Novo (1937 - 1945) quanto posteriormente, durante o seu mandato constitucional (1951 - 1954). Nas tribunas de honra, sempre teve assento garantido ao lado de personalidades. Juscelino Kubitschek, Presidente da República entre 1956 e 1961, tinha grande apreço por Mario e atenderia com prontidão a qualquer pedido seu. Amigo de José Lins do Rego, costumava assistir aos jogos no Estádio do Maracanã ao seu lado. Zé Lins era míope e confiava na opinião de Mario, sobretudo em lances duvidosos.

O conhecimento acumulado no desempenho de sua profissão permitiu que Mario Filho se destacasse também como cronista e como um pretenso historiador do futebol brasileiro. Em 1942, criou uma coluna diária em *O Globo*, "Da primeira fila", em que levou a público o resultado de suas investigações sobre a história do futebol carioca e exibiu sua habilidade como pesquisador. Cinco anos depois, esses textos foram reunidos e publicados em forma de livro, sob o título de *O Negro no Futebol Brasileiro*. Gilberto Freyre, que escreveu o prefácio a pedido de José Lins do Rego, saudou a obra como a primeira no País a estudar o futebol "sob critério sociológico ou para-sociológico",

GRANDES JOGADORES

Gilmar – 1930

Posição: goleiro
Clubes: Corinthians, Santos
Seleção Brasileira: 1953-1969 (94 jogos)

GRANDES JOGADORES

Leão – 1949

Posição: goleiro
Clubes: Palmeiras, Vasco, Grêmio, Corinthians, Sport
Seleção Brasileira: 1970-1986 (80 jogos)

trazendo "contribuição valiosa para a história da sociedade e da cultura brasileira na sua transição da fase predominantemente urbana". O livro mostra como o futebol serviu de instrumento de ascensão social ao negro e ao mulato no Brasil, contribuindo também para sua integração à sociedade e à formação de uma mentalidade que valorizava a participação do elemento negro na formação da cultura brasileira.

A mesma postura disciplinada e metódica seria adotada na elaboração das crônicas que publicou semanalmente na revista *Manchete Esportiva*, entre 1955 e 1958, e no *Jornal dos Sports*. Nelas, transmitia a emoção viva de quem presenciara os acontecimentos das tribunas, complementada pelas informações colhidas diretamente dos vestiários — os bastidores do futebol —, em estilo despojado e lúcido. Essa onisciência do espetáculo futebolístico, narrado em linguagem direta, coloquial, ágil e envolvente garantia a Mario Filho a confiança do público leitor.

As crônicas eram escritas em tom de reflexão sobre fatos do passado, suscitados por acontecimentos do presente. Também havia aquelas de caráter analítico, porém inflamadas pela euforia do momento. Essas divagações sobre o passado do futebol, aparentemente despretensiosas e apenas saudosistas, no entanto, compõem um conjunto coeso de concepções sobre a construção social que esse esporte adquiriu no País. Partindo de fatos corriqueiros do universo futebolístico, Mario Filho empreendeu um trabalho cujo método consistia em revelar o estilo emocional do brasileiro, fosse ele jogador de futebol ou simples torcedor.

Por várias vezes, enfocou o conflito entre racionalidade e irracionalidade das ações e comportamentos dos brasileiros, na tentativa de buscar as origens de uma série de atitudes que caracterizariam seu "jeito de ser", sobretudo em seus defeitos ou imperfeições, com o objetivo e a esperança de indicar o caminho de sua superação.

O Vasco da Gama foi um dos primeiros clubes brasileiros a aceitar jogadores negros

Arquivo CR Vasco da Gama

Mario Filho costumava dizer que o torcedor brasileiro, no passado, identificara-se com o estilo elástico e imprevisível de Leônidas, também chamado de Homem Borracha e Diamante Negro. Ainda segundo seu julgamento, entre os anos 1930 e 1940, o negro Leônidas sintetizara o ideal do caráter nacional, por suas jogadas plenas de malabarismos e por seu brilho inflamado. Com essas características, encantara as plateias do Brasil e do mundo.

> *(...) A sobriedade, que se chamou inglesa, de Domingos [da Guia], não sacudia o público. Leônidas foi considerado mais brasileiro. O brasileiro era aquilo, um pouco pernóstico, fosforescente. E muito jogador se julgou obrigado a fazer o seu malabarismo com a bola. Sabendo que agradava o torcedor. Achando que se não fosse aquilo, podiam achar que ele não era craque. (Manchete Esportiva,* 10.12.1955*)*

Mario garantia que o talento e a habilidade do negro e do mestiço brasileiro, no futebol, passaram a ser reconhecidos, admirados e valorizados por intermédio de Leônidas. Contudo, na "Nota à segunda edição" de *O Negro no Futebol Brasileiro*, Mario afirmava que a derrota de 1950 teria provocado um recrudescimento do racismo no Brasil. Durante certo tempo, ficou-se com a impressão de que a integração racial não se realizara plenamente no País, a ponto de, ao sofrer um revés, identificar-se o negro como fator de atraso e empecilho ao pleno "desenvolvimento da raça brasileira", uma "sub-raça de mestiços". Essa reação, no entanto, teria sido momentânea, explicada pela forte identificação do torcedor com o jogador de futebol, de quem esperava uma atuação de semideus. Para Mario Filho, a identificação do torcedor com o jogador seria tão forte que, caso o Brasil tivesse sido campeão, em 50, com certeza, o herói seria um negro, como ocorrera com Leônidas na Copa do Mundo de 1938, quando a obtenção do terceiro lugar na classificação geral foi aclamada como uma grande conquista internacional.

CURIOSIDADES

Ao longo da história, o clube brasileiro a ceder mais jogadores para a Seleção Brasileira foi o Flamengo, com 117. O Botafogo foi o que teve maior número de convocados para Copas do Mundo: 46.

É verdade que o brasileiro se chamou, macerando-se naquele momento, de sub-raça de mestiços, uma sub-raça incapaz de aguentar o rojão.

Pouca gente se dá conta do que se exige de um jogador de futebol. Ele tem de representar um clube, uma cidade, um Estado, a Pátria. O que se espera dele é que encarne as melhores virtudes do homem, no caso do brasileiro, as melhores virtudes do homem brasileiro.

Quando o brasileiro acusou Barbosa, Juvenal e Bigode, acusou-se a si mesmo. (...)

No fundo o torcedor quer que o jogador seja melhor do que ele. O jogador representa-o, representa o seu clube, a sua cidade, o seu Estado, a sua Pátria. A derrota do jogador é a derrota do torcedor. Quem perdeu em 50 foi o brasileiro. Mais o brasileiro que não jogou do que o que jogou. (RODRIGUES FILHO, 1964)

A tendência à supervalorização do craque após a oficialização do profissionalismo, em 1933, teria intensificado, na opinião de Mario, ainda mais o individualismo no futebol brasileiro. O craque, alçado à posição de ídolo nacional, tentou obter ainda mais privilégios e favores, diferenciando-se do ordinário dos jogadores. Conforme a interpretação que o cronista dá ao individualismo – uma "tendência nacional", uma certa inclinação ou propensão coletiva –, seria praticamente impossível destruí-lo.

O individualismo excessivo do craque e do técnico poderia dar lugar, por vezes, à humildade e ao "platinismo" – a admiração pelo futebol argentino, mas que também podia se transformar em admiração pelos ingleses, pelos húngaros ou quaisquer estrangeiros. A admiração pelo estrangeiro e os dilemas interiores dariam a dimensão do "complexo de ser brasileiro".

Mario Filho exaltava a mestiçagem e o futebol-arte como elementos centrais da brasilidade, cujo símbolo máximo estaria em Garrincha. Com uma deformação nas pernas, Garrincha dera ao brasileiro uma grande lição na Copa de 58: a autoaceitação. Ele não imitava ninguém e deixava os estrangeiros boquiabertos com seus dribles desconcertantes. Para Mario, Garrincha confirmaria mais uma vez a habilidade do mestiço brasileiro para o futebol, a exemplo de Domingos da Guia e Leônidas, que tiveram suas trajetórias analisadas em *O Negro no Futebol Brasileiro*. Então nas crônicas de *Manchete Esportiva*, Mario Filho voltava a insistir na importância do futebol, no Brasil, como meio de ascensão social ao negro, ao mulato e ao branco pobre. No entanto, deixava de ressaltar que, se o futebol lhes permitira a ascensão, foi porque a sociedade lhes negou espaços para isso e porque o branco das classes abastadas se desinteressara por esse esporte.

GRANDES JOGADORES

Júlio César – 1979

Posição: goleiro
Clubes: Flamengo e Internazionale (Itália)
Seleção Brasileira: 2004-2010 (47 jogos)

VIRA-LATA OU MOLEQUE GENIAL?

Nelson Falcão Rodrigues formou-se nas redações dos jornais, sob a orientação dos irmãos mais velhos, Milton e Mario Filho. Experimentou a reportagem policial, os editoriais e a página de esportes, desde o jornal *Crítica*, de propriedade de seu pai, o jornalista Mario Rodrigues, até *O Globo*, de Roberto Marinho. Mas se destacou como autor de teatro, em textos como *A Mulher sem Pecado* (1941), *Vestido de Noiva* (1943) e *A Falecida* (1953). A carreira de jornalista se confundia com a do teatrólogo, de estilo dramático e inovador pela valorização da oralidade popular.

Figura controvertida por suas posições políticas, Nelson cultivou as crônicas de futebol como um verdadeiro ganha-pão. Escreveu-as para a revista *Manchete Esportiva* entre 1955 e 1959 e para *O Globo* entre 1962 e 1978. Publicou-as, esporadicamente, no *Jornal dos Sports*. Em seus textos, as discussões sobre o caráter nacional brasileiro ganharam espaço e destaque. Nelson discorreu sistematicamente sobre o significado do futebol no Brasil e como uma nação inteira se identificava com esse jogo, podendo mesmo ser "explicada" através dele: o futebol era um paradigma do homem e do povo brasileiro.

Nos anos que se seguiram à Copa de 50, a derrota da Seleção Brasileira para o Uruguai no último jogo foi atribuída à instabilidade emocional dos jogadores. A imprensa esportiva alardeou que o que faltava aos brasileiros era maior garra, disposição para a luta e vontade de vencer. Nelson concordava com a associação entre o fracasso de 50 e a instabilidade emocional do jogador brasileiro, mas divergia quanto à identificação de suas causas: atribuía a responsabilidade à falta de consciência nacional, à falta de convicção do brasileiro quanto às suas reais potencialidades. Dizia que "Cada povo tem a sua irremediável catástrofe nacional, algo assim como uma Hiroshima. A nossa catástrofe, a nossa Hiroshima, foi a derrota frente ao Uruguai, em 1950" (*Realidade*, junho de 1966). Para o cronista, na medida em que o brasileiro de modo geral se conhecesse melhor, que soubesse identificar suas qualidades e seus defeitos e superasse estes últimos, alcançaria a vitória no futebol e em todos os campos de atividade. Só assim o Brasil obteria o reconhecimento internacional, enquanto nação portadora de uma identidade própria.

CURIOSIDADES

O Brasil jamais havia decidido uma partida nos pênaltis até a derrota de 4 a 3 para a França, na Copa de 1986.

Nelson afirmava que o torcedor brasileiro era um "Narciso às avessas", que cuspia na própria imagem. Na última crônica publicada antes da estreia do Brasil na Copa de 58, chegou à melhor definição do que considerava ser a razão de todo o pessimismo, do espírito derrotista do brasileiro, e que fora potencializado com a decepção de 50 e sua associação à inferioridade do tipo humano indefinido, resultante da mistura racial: o brasileiro sofria de um irremediável "complexo de vira-latas".

(...) A pura, a santa verdade é a seguinte: qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: – temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de "complexo de vira-latas".

Por "complexo de vira-latas" entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos "os maiores" é uma cínica inverdade. (...) Já na citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: – e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: – porque Obdulio nos tratou a pontapés como se vira-latas fôssemos.

GRANDES JOGADORES

Djalma Santos – 1929

Posição: lateral direito
Clubes: Portuguesa, Palmeiras, Atlético Paranaense
Seleção Brasileira: 1952-1968 (98 jogos, 3 gols)

Eu vos digo: – o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. (*Manchete Esportiva*, 31.5.1958)

O Brasil fez boas apresentações no começo da Copa de 58. Com o passar dos jogos, Garrincha tornou-se um "tipo ideal" de jogador brasileiro, cuja melhor qualidade, segundo o cronista, era acreditar em si mesmo. Por obra de um mestiço de pernas tortas, o brasileiro começava a sentir-se orgulhoso de ser o que era: "E, com dois minutos e meio, tínhamos enfiado na Rússia duas bolas na trave e um gol. Aqui, em toda a extensão do território nacional, começávamos a desconfiar que é bom, que é gostoso ser brasileiro". (*Manchete Esportiva*, 21.6.1958)

Após a vitória sobre a equipe da Suécia, que garantiu o título de campeão do mundo ao Brasil, Nelson se tornou ainda mais eufórico. Para ele, o Brasil e o brasileiro estariam se descobrindo e acreditando em suas virtudes, tanto pessoais quanto humanas.

Graças aos 22 jogadores, que formaram a maior equipe de futebol da Terra em todos os tempos, graças a esses jogadores, dizia eu, o Brasil descobriu-se a si mesmo. (...) Os 5 x 2 lá fora, contra tudo e contra todos, são um maravilhoso triunfo vital de todos nós e de cada um de nós. Do presidente da República ao apanhador de papel, do ministro do Supremo ao pé-rapado, todos aqui percebemos o seguinte: – é chato ser brasileiro!

Já ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional. (...) O povo já não se julga mais um vira-latas. Sim, amigos: — o brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem. Ele já se vê na generosa totalidade de suas imensas virtudes pessoais e humanas.

Vejam como tudo mudou. A vitória passará a influir em todas as nossas relações com o mundo. Eu pergunto: – que éramos nós? Uns humildes.

E vou mais além: – diziam de nós que éramos a flor de três raças tristes. A partir do título mundial, começamos a achar que a nossa tristeza é uma piada fracassada. Afirmava-se também que éramos feios. Mentira! Ou, pelo menos, o triunfo embelezou-nos. Na pior das hipóteses, somos uns ex-buchos. (*Manchete Esportiva*, 12.7.1958)

Quatro anos depois, a partida final da Copa de 62 entre Brasil e Tchecoslováquia ganharia contornos, aos olhos de Nelson, de uma batalha simbólica entre róseos europeus e brasileiros feios e tortos, estes últimos representados de forma notável por Mané Garrincha. Mané teria divulgado mundialmente "um traço decisivo do caráter brasileiro": a molecagem livre, inesperada, ágil e criadora, composta pela combinação de ingenuidade e esperteza e que já era associada ao caráter nacional brasileiro desde o Modernismo na figura de Macunaíma, personagem definido como "o herói sem nenhum caráter" do romance homônimo de Mario de Andrade, foi então retomada positivamente. A molecagem seria a síntese da brasilidade.

(...) a Europa podia imitar o nosso jogo e nunca a nossa qualidade humana.

(...) o brasileiro não se parece com ninguém, nem com os sul-americanos. Repito: o brasileiro é uma nova experiência humana. O homem do Brasil entra na história com um elemento inédito, revolucionário e criador: a molecagem.

Esse toque de molecagem brasileira é que deu à vitória uma inconcebível luz. (*Fatos & Fotos*, Junho/1962)

Nelson exultava de otimismo e alegria. O vira-lata, o tipo racial indefinido e feio, que se transformara em ser capaz, era um moleque de alma e dono de uma "alegria insopitável e gratuita" – um "moleque genial". Com esses atributos, vinha conquistando o mundo – assegurava o cronista –, querendo acreditar que o Brasil entrara para o rol das grandes nações, por meio das vitórias no futebol. Com uma identidade definida e reconhecida, o País teria conquistado uma espécie de "cidadania" internacional.

UM PROJETO PARA A NAÇÃO BRASILEIRA

Zé Lins, Mario e Nelson ponderavam sobre cada uma das condutas encontradas no brasileiro durante um jogo de futebol ou em situações a ele

Casagrande, Figueiredo e Edinar. No meio deles, uma cara que faltou no Maracanã: Sócrates

Juninho foi à luta. Ganhou nota 10 na Bola de Prata de PLACAR

Biro-Biro vira dois em jogos decisivos. Marcou o primeiro gol

FUTEBOL

COPA BRASIL

O lindo baile do alvinegro

O time corintiano avisou a semana inteira que o dragão rubro-negro seria domado em São Paulo. São Jorge fez a festa: 4 x 1

Grandes rolos de fumaça negra subiram ao céu quando o Corinthians entrou em campo para tentar o que se considerava impossível: derrotar — e por dois gols de diferença — o melhor time do Brasil, o temível dragão rubro-negro. A inédita saudação da torcida simbolizava, ainda que inconscientemente, o clima em que muita gente quis transformar o Parque São Jorge durante toda a semana que antecedera a decisão do Grupo V contra o Flamengo. Como sempre tem acontecido em momentos difíceis dentro de campo, agora também já se havia escolhido o culpado: a democracia corintiana. Pois não fora devido à exagerada liberdade que Sócrates acabara se machucando num amistoso de futebol de salão em Ribeirão Preto às vésperas dos jogos com o Flamengo? Bagunça, baderna, irresponsabilidade. Chamaram de tudo os profetas do apocalipse. Pediram a cabeça de Sócrates. Acusaram-no de corpo mole. E, no domingo, surgindo do meio da fumaça negra, lá estava ele em campo. Exatos 13 dias depois de ter sofrido uma lesão muscular que, em geral, demora 20 dias para deixar um atleta normal em condições de jogo. Mas Sócrates não é um atleta normal. O Corinthians não é um time normal. Aí é que está o engano de quem não entende o Timão.

Quando Biro-Biro, que mais uma vez parecia dois jogadores, aos 32 mi-

PLACAR 11/05/84

PLACAR 11/05/84

O futebol é tema diário para todos os brasileiros

Conteúdo Expresso

CURIOSIDADES

Zagallo é o técnico que mais vezes dirigiu a Seleção Brasileira. Foram 126 partidas, com 90 vitórias, 26 empates e 10 derrotas.

relacionadas. Insuflavam algumas e rejeitavam outras. Definiam um critério de pertencimento à nação idealizada. Nesse sentido, além de conterem reflexões sobre a identidade nacional, pode-se afirmar que as crônicas de futebol eram portadoras de um projeto para a nação brasileira, que se imaginava grande e vitoriosa, como o brasileiro se sentia nos dias das gloriosas conquistas de seu futebol-arte, sinônimo da criatividade, agilidade, malícia e alegria de um povo.

Um projeto de civilização diferente do modelo ocidental, fundada sob uma nova ordem social e um novo contrato social, como em Rousseau, que preservasse o estado de natureza do brasileiro e o impedisse de incidir nos mesmos pecados de outros povos. Seus discursos enfatizavam que o brasileiro encontraria soluções próprias para seus problemas e, por essa via, alcançaria o *status* de nação autônoma.

Pregavam uma identidade mestiça. Se, por um lado, apontavam os defeitos derivados da mestiçagem como um empecilho ao pleno desenvolvimento do brasileiro, por outro lado e, segundo seu ponto de vista, mostravam que, por intermédio dela, o Brasil e o brasileiro alcançariam uma posição de destaque. A cordialidade, por exemplo, característica sublinhada por Sergio Buarque de Holanda, poderia ser alçada à categoria de elemento definidor do padrão de sociabilidade maduro do brasileiro, desde que mesclada e aprimorada com a incorporação de certa dose de civilidade.

Na medida em que escreviam sobre futebol e em veículos de comunicação de grande circulação, voltados para o torcedor de futebol, traduziam e divulgavam certas ideias e conceitos sobre a identidade nacional, às quais o grande público não teria acesso de outra forma. Noções que se incorporaram à maneira de pensar e de refletir sobre a relação entre futebol e Brasil ou futebol e povo brasileiro, construídas em doses homeopáticas, quase que imperceptíveis, diariamente em suas crônicas. Em sintonia com os desejos e as emoções de uma sociedade, os cronistas produziram textos através dos quais tentavam identificar os medos e traumas coletivos, nomeá-los e expurgá-los de uma vez por todas. Visões que se perpetuaram e que, hoje, ajudam a compreender certos tipos de comportamento e de posturas que não são mais questionadas.

Zé Lins, Mario e Nelson não eram ligados às universidades. Pertenciam a um grupo de intelectuais radicados no Rio de Janeiro, então o Distrito Federal e centro irradiador de cultura para o restante do País. Seus espaços de sociabilidade e atuação eram os cafés, as livrarias, as tribunas de imprensa dos estádios, as instituições diretivas do esporte, as redações dos jornais. Desses lugares, observavam e refletiam sobre o Brasil. Estavam mais perto do público e tinham um poder de formação de opinião muito maior que os intelectuais ligados à academia. Não eram detentores de um saber institucional, mas não devem ser desmerecidos por isso. A seu modo e de outros lugares sociais, produziram suas interpretações sobre o Brasil e chamaram a atenção dos acadêmicos para uma série de fenômenos sociais que lhes passavam despercebidos, seja por pertencerem a círculos sociais que os distanciavam da cultura popular, seja por simples preconceito. Nelson criticava o "sociólogo", aquele que tinha explicações prontas para todos os fenômenos sociais, mas que era de uma miopia atroz em relação a manifestações populares como o futebol. Zé Lins, por sua vez, era frequentemente censurado por intelectuais conservadores pelo seu envolvimento e atuação em entidades esportivas.

Conhecer as raízes, desvelar a alma, compor retratos do Brasil, eram as tarefas que os cronistas de futebol se impunham, consciente ou inconscientemente, enquanto comentavam fatos do futebol, ainda que não trouxessem ao primeiro plano essa formulação. Queriam conhecer o Brasil, desvendar o funcionamento de seu organismo social para descobrir a origem de seus males e propor-lhes soluções; superar o atraso por uma via própria e nova, sem copiar o europeu ou o americano, e, sobretudo, sem reproduzir os seus erros.

GRANDES JOGADORES

Carlos Alberto Torres – 1944

Posição: lateral direito
Clubes: Santos, Fluminense, Flamengo, Cosmos (EUA)
Seleção Brasileira: 1964-1977 (53 jogos, 8 gols)

Fatima Martin Rodrigues Ferreira Antunes. *Bacharel em Ciências Sociais (1986) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; mestre (1992) e doutora (1999) em Sociologia pela mesma universidade. Atua como socióloga no Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.*

Referências bibliográficas

- ANTUNES, Fatima M. R. F. *Com brasileiro, não há quem possa!*: Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. O herói sem nenhum caráter. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.
- CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico*: A vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- COUTINHO, Edilberto. José Lins do Rego, futebol e vida: a emoção flamengo. In: BEZERRA, Angela & COUTINHO, Edilberto (orgs.). *José Lins do Rego*: Fortuna crítica. Rio de Janeiro/João Pessoa: Civilização Brasileira/Ed.FUNESC, 1991.
- FREYRE, Gilberto. *Foot-ball* Mulato. In: Diário de Pernambuco, 17.6.1938.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 20ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.
- FREYRE, Gilberto. Prefácio à primeira edição (1947). In: RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil*: Ensaio sobre a tristeza brasileira. 8a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- REGO, José Lins do. Fôlego e classe. In: *Poesia e Vida*. Rio de Janeiro: Universal, 1945.
- RIBEIRO, André. *O diamante eterno*: Biografia de Leônidas da Silva. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.
- RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras*: novas crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

Maracanã: templo do futebol

Por Pedro de Castro da Cunha e Menezes

Todos os domingos pela manhã, a rotina se repete em dezenas de milhares de lares cariocas. O café com leite e o pão com manteiga dividem a atenção do torcedor com o caderno esportivo de algum dos grandes matutinos da cidade. Olhos ávidos e ansiosos escrutinam o jornal em busca da escalação da equipe preferida. Os onze que se alinharão mais tarde são idolatrados como heróis prestes a se digladiar em um sangrento campo de batalha. Quase tão importantes quanto eles são os reservas, que, sentados no banco, poderão ser convocados a qualquer momento para compor o time. Como o técnico formará o ataque, qual a estratégia de defesa, de que maneira o meio de campo vai atuar? Tudo interessa ao torcedor que também está preocupado com o adversário, suas potencialidades e pontos fracos.

Este será o palco da final da Copa de 2014

Conteúdo Expresso

Terminada a refeição é hora de telefonar aos amigos, combinar horários e locais de encontro. O resto da manhã é passado na praia debatendo os detalhes do embate que ainda está por acontecer. Geralmente não há almoço, só um rápido banho e um lanche reforçado. É imperioso chegar cedo ao estádio, escolher um bom lugar, garantir o conforto. A partir das três da tarde, a Zona Norte do Rio de Janeiro respira futebol. Uma procissão de ônibus lotados transporta torcedores dos mais longínquos bairros, os vagões do metrô despejam na estação Maracanã hordas de fiéis seguidores das equipes cariocas. Camisas e bandeiras colorem a cidade. O som metálico dos radinhos de pilha propaga aos quatro ventos o espetáculo que está por vir. Na rua, a caminho do estádio, alguns se benzem fazendo o sinal da cruz, outros tremulam o pavilhão querido.

Aqui, espoca um rojão, acolá, ouve-se um grito (pacífico) de guerra, mais adiante um grupo canta em uníssono o hino de seu time. O cenário está pronto, tudo é festa, tudo é excitação.

Esse é o prelúdio da maior cerimônia de adoração do planeta: o amor que o brasileiro nutre por seu time de futebol. Uma dedicação sincera e entranhada até as vísceras. Uma paixão louca e perdida. Uma veneração gratuita e generosa, feliz nas vitórias, condescendente nos empates insossos mas, sobretudo, solidária e inabalável no infortúnio das derrotas. A ligação do brasileiro com sua equipe de coração é um casamento sem divórcio, porque o amor por um time de futebol é único e eterno. A união entre torcedor e time é indissolúvel até que a morte os separe.

Essa devoção tem sua catedral. Seu nome oficial é estádio Mario Filho, em homenagem à luta do jornalista em favor de sua construção, ou simplesmente Maracanã, que também é o bairro à sua volta e o rio cujas águas fluem à sua frente. Construído para a Copa do Mundo de 1950, não poderia ser um estádio pequeno, nem de médio porte, pois precisava ter espaço para albergar a maior legião de apaixonados de todo o mundo. Alguns incautos tentaram apequená-lo. Em 1947, da tribuna da Câmara de Vereadores do Distrito Federal, o poderoso político Carlos Lacerda vociferou contra sua edificação, que comparou a um elefante branco. Para Lacerda, levantar uma arena capaz de abrigar mais de 80 mil pessoas era um delírio tropical, um desperdício de dinheiro público. Vaticinou que, uma vez finda a Copa do Mundo, o estádio permaneceria vazio.

Recordou ainda que defronte ao local projetado para o Maracanã havia uma clínica inacabada: "é uma vergonha construir um estádio defronte a um hospital jamais terminado".

Lacerda esqueceu-se que o amor é mais forte que a razão. Talvez por isso tenha tentado a vida inteira, sem sucesso, ser Presidente da República. Havia de ser ruim da cabeça ou doente do pé. Começou a ver o fim de sua cruzada quando o jornalista Mario Filho resolveu comprar a briga: "quanto mais estádios de futebol tivermos, menos precisaremos de hospitais".

Proprietário do *Jornal dos Sports*, Mario Filho sonhava "com uma revoada de lenços brancos nas arquibancadas, como se fossem pombos". Ao contrário do político, o jornalista conhecia seu rebanho. Sabia o poder do futebol. Lembrava-se de outros carnavais, quando o futebol superou as expectativas e a realidade econômica. Em 1918, o Brasil viu-se em um beco sem saída. Comprometera-se a sediar o Campeonato Sul-Americano de Futebol de 1919, mas não tinha estádio, nem orçamento para construí-lo. Não foi necessário um milagre para sanar o problema. O Fluminense Football Club, então presidido por Arnaldo Guinle, se ofereceu para levantar a maior tribuna desportiva do Brasil, com capacidade para 18 mil torcedores. Em menos de um ano, com dinheiro cotizado entre os sócios, estavam prontas as arquibancadas de concreto das Laranjeiras, hoje tombadas pelo Patrimônio Histórico. Poucos anos depois, em 1926, a história se repetiu. O Vasco da Gama foi proibido de jogar na primeira divisão se não possuísse estádio próprio. Os torcedores da equipe consideraram a interdição uma heresia. Enfiaram as mãos nos bolsos e pingaram seus dízimos. Amealharam o suficiente para comprar 6.000 barris de cimento e 252 toneladas de ferro com os quais, em dez meses, foi erguido São Januário, cuja capacidade para 40 mil torcedores o transformava no maior estádio de futebol em seu tempo.

Antes de ser reformado, o estádio tinha capacidade para 200 mil torcedores

Conteúdo Expresso

Sobretudo, Mario Filho sabia que a soma das partes era maior que o todo. Não pelejava somente pela construção do palco da Copa do Mundo de 1950, mas sim do mais imponente templo do futebol mundial. Baseava-se no fato de a então capital do Brasil ser a única cidade do planeta a contar com quatro grandes clubes de futebol, cada um capaz de, sozinho, encher arquibancadas projetadas para receber mais de 170 mil pessoas.

Estava certo. O Maracanã, em seus 60 anos de vida, nunca foi o elefante branco de Carlos Lacerda. Até ter sua capacidade reduzida para 103 mil torcedores nas obras de modernização concluídas em 1999, o estádio recebeu mais de 100 mil torcedores em 197 ocasiões, uma média de quase quatro vezes por ano. Dessas, apenas 37 partidas envolveram a Seleção Brasileira ou dois elencos de fora da cidade. Todos os outros confrontos incluíram pelo menos um time do Rio de Janeiro. Com efeito, beneficiadas pelo palco do Maracanã, as quatro grandes equipes cariocas são as que mais vezes jogaram para um público maior que 100 mil pessoas em todo o mundo. O Flamengo em 105 ocasiões, o Vasco em 63, o Fluminense em 58 e o Botafogo em 43. A seguir, vem uma equipe paulista, o Corinthians, cuja torcida é a segunda maior do país, e que atuou defronte a mais de 100 mil espectadores em 23 partidas.

Nem por isso vamos pensar que o Maracanã é um templo discriminatório. Pelo contrário, trata-se de uma catedral ecumênica. As próprias 23 apresentações do Corinthians para mais de 100 mil torcedores incluem três jogos no Maracanã, dois contra o Fluminense e um contra o Vasco. Mas não fica por aí.

Não é exagero afirmar que, apesar de sediado no Rio de Janeiro, o Maracanã pertence a todos os torcedores brasileiros. Quando o Santos de Pelé foi à final do Campeonato Mundial Interclubes em 1962, contra o Benfica de Portugal, preferiu jogar no Mario

GRANDES JOGADORES

Leandro – 1959

Posição: lateral direito
Clubes: Flamengo
Seleção Brasileira: 1981-1986 (27 jogos, 2 gols)

Conteúdo Expresso

A torcida do Fluminense costuma comemorar lançando nuvens de talco no ar

Filho a jogar no seu próprio estádio, ou mesmo no Pacaembu, na capital do seu estado. Apostou que o Maracanã era a casa de todos os times do Brasil. Venceu por 3 a 2 com dois gols de Pelé e um de Coutinho. Na partida de volta, em Lisboa, nova vitória santista, dessa vez por 5 a 2, garantiria à equipe o título mundial.

Em 1963, a dose se repetiria. Na final da Taça Libertadores da América, o Santos fez do Maracanã sua casa e bateu o Boca Juniors da Argentina por 3 a 2, garantindo posteriormente o título do continente no jogo de volta em Buenos Aires. Quando chegou a hora de disputar a decisão do mundial contra o Milan, contudo, as coisas foram mais duras. O time brasileiro perdeu a primeira partida em San Siro por 4 a 2. Para a partida de volta, o Santos novamente escolheu sair de São Paulo e jogar no Maracanã. Viajou cerca de 500 km até o Rio de Janeiro e, mais uma vez, não se arrependeu. Na noite de 14 de novembro, data da revanche, a cidade foi encharcada por um grande temporal, mas os cariocas não se intimidaram e inundaram o estádio com 132 mil pessoas dispostas a apoiar o time paulista. Segundo relato dos próprios jogadores, a torcida foi fundamental. O Santos começou perdendo por 2 a 0, mas, a partir daí, as arquibancadas não pararam de cantar empurrando a equipe, que acabou virando para a 4 a 2 e forçando novo confronto dois dias depois, ocasião em que o Santos, de novo, optou por jogar no Rio de Janeiro. Na verdade, os jogadores santistas sequer saíram do estádio. Dormiram em um hotelzinho que naquela época havia no quinto andar do Maracanã. Dessa vez, 121 mil cariocas foram incentivar a equipe de todos os brasileiros.

Funcionou. Seus gritos e cantigas ajudaram o Santos a ganhar o título de bi-campeão mundial, após derrotar o Milan por 1 a 0.

Aliás, não faltaram decisões mundiais ao Maracanã. A começar pela Copa do Mundo de 1950, para a qual o estádio foi especialmente construído, quando 199.854 pessoas se espremeram nas arquibancadas para torcer pelo primeiro título do Brasil na partida decisiva contra o Uruguai. A Seleção Brasileira podia empatar. Fez 1 a 0, levou a torcida ao delírio, mas acabou vítima do excesso de autoconfiança. O escrete celeste soube enfrentar inabalável a cantoria eufórica de uma multidão inebriada que já se considerava campeã e que nem se incomodou com o gol de empate assinalado por Schiaffino. Continuou peleando. Era o pequenino David contra o colossal Golias. Próximo do fim, Giggia derrubaria o gigante e calaria duas centenas de milhares de brasileiros: 2 a 1 Uruguai.

A depressão profunda que acometeu os fiéis torcedores brasileiros logo se dissiparia. Ainda em 1950, Mario Filho idealizou a Copa Rio. Com o apoio da Fifa, que indicou os árbitros e enviou seu vice-presidente Ottorino Barassi para acompanhar a competição, a Confedereção Brasileira de Desportos organizou o primeiro grande torneio intercontinental de futebol. Como naquele tempo não havia nem a Copa Libertadores da América nem a Liga dos Campeões, optou-se por convidar as equipes líderes dos torneios nacionais mais relevantes à época. Assim, essa competição foi tratada por imprensa, público e jogadores como o primeiro campeonato mundial interclubes da história. Na sua primeira edição, em 1951, participaram Olympique (França), Estrela Vermelha (antiga Iugoslávia), Juventus (Itália), Nacional (Uruguai), Austria Viena (Áustria), Sporting (Portugal), Vasco da Gama e Palmeiras (Brasil). O jogo final, em 22 de julho, não incluiu nenhuma equipe carioca. Mesmo assim 101 mil torcedores foram ao Maracanã ver o Palmeiras levantar a taça.

GRANDES JOGADORES

Cafu – 1970

Posição: lateral direito
Clubes: Palmeiras, São Paulo, Roma (Itália), Milan (Itália)
Seleção Brasileira: 1990-2006 (142 jogos, 5 gols)

No ano seguinte, repetiu-se o mundial oficioso. Dessa vez um time da casa viu-se consagrado melhor do planeta. No ano de seu cinquentenário, o Fluminense conquistou o caneco invicto. Para o atleta tricolor Telê Santana, que depois seria técnico da seleção canarinho nas Copas de 1982 e 1986, essa foi a conquista mais significante de sua vida:

> *a Taça Rio reunia os melhores times do planeta, era um mundial interclubes. Cada jogo era uma guerra, verdadeiro clima de Copa do Mundo. Contra o Penãrol ninguém acreditava no Fluminense, afinal eles tinham sete jogadores da seleção uruguaia campeã do mundo em 50. Mas nós não nos intimidamos, partimos para cima, queríamos vingar o Brasil. O esquema de Zezé Moreira (treinador do Fluminense) funcionou como um relógio suíço e os uruguaios não resisitiram. Ganhamos fácil. Nunca uma vitória foi tão doce.*

Na decisão, o Fluminense sagrou-se o melhor do mundo após um empate em 2 a 2 e uma vitória de 2 a 0 sobre o Corinthians no Maracanã, e comemorou o resultado com uma festa inesquecível, enevoada por toneladas de pó de arroz, marca registrada da torcida tricolor.

GRANDES JOGADORES

Nilton Santos – 1925

Posição: lateral esquerdo
Clubes: Botafogo
Seleção Brasileira: 1949-1962
(75 jogos, 3 gols)

Quase cinquenta anos depois, o maior templo do futebol daria oportunidade ao Corinthians de sentir a magia de sua graça. Em 2000, a Fifa organizou no Maracanã seu primeiro campeonato mundial interclubes oficial, em moldes muito próximos àqueles adotados pela Copa Rio. Dessa vez, todas as confederações continentais já contavam com seu próprios torneios, o que facilitou a escolha dos representantes das diversas partes do globo. Na primeira fase, o campeonato teve duas sedes. Em São Paulo, jogaram Corinthians, Real Madrid (Espanha), Al Nassr (Arábia Saudita) e Raja Casablanca (Marrocos). No Rio de Janeiro, se enfrentaram Vasco da Gama, Necaxa (México), Manchester United (Inglaterra) e South Melbourne (Austrália). A final entre os vencedores de cada grupo, Corinthians e Vasco, foi jogada no Maracanã no dia 14 de janeiro. O placar não saiu do zero a zero durante os 90 minutos iniciais e permaneceu intocado na prorrogação, forçando uma decisão por penalidades máximas, que foi vencida pela equipe paulista por 4 a 3.

Não se tratou da primeira grande festa corintiana no Mario Filho. Em 1976, a equipe paulista chegou à semi-final do Campeonato Brasileiro contra o Fluminense. Diferentemente de outros estádios pelo mundo, o Maracanã não é casa de um time específico, mas sim um santuário do futebol. Assim, acolheu de portas abertas cerca de 40 mil membros da fiel torcida corintiana, que viajaram 400 km para louvar seu time. Na véspera, as imediações do Mario Filho já estavam atulhadas com centenas de ônibus e automóveis emplacados em São Paulo. No dia do jogo, 5 de dezembro, despencou um verdadeiro dilúvio que inundou as ruas cariocas, mas não impediu 146.043 torcedores de fazerem do estádio sua Arca de Noé. Futebol propriamente dito não houve. A bola não rolava, os atletas atolavam no charco em que o gramado se travestira. O jogo, transformado em um pastiche de pólo aquático, não andou no tempo normal e acabou decidido nos pênaltis. Assim como fizeram contra o Vasco em 2000, os corintianos não perdoaram. Despacharam os tricolores por 4 a 1, levando a Fiel, em seu delírio, a desencadear uma algazarra lendária que alguns garantem ter sido ouvida em São Paulo, a quase meio milhar de quilômetros de distância.

Mais ensurdecedor do que a comemoração corintiana, contudo, foi o silêncio da torcida rubro-negra em 1984: uma prostração depressiva que só teve paralelo na derrota do Brasil em 1950. O tamanho da dor não se mede pela importância do torneio perdido, afinal, tratava-se apenas de um campeonato carioca, mas sim pela inexplicabilidade do fato, que alguns qualificam como intervenção divina. Era um Fla x Flu valendo título. O Fluminense precisava da vitória a qualquer custo, pois de outra forma estaria eliminado. Ao Flamengo, bastava o empate. Antes do jogo, houve um presságio que encheu de euforia os tricolores e calou os flamenguistas. Com um urro de incentivo, a torcida do Flamengo soltou um urubu de suas arquibancadas. O pássaro símbolo do rubro-negro circulou em sobrevoo o anel do Maracanã algumas vezes antes de, aparentemente desorientado, pousar no gramado. Aí, Aldo, lateral direito do Flu, se abaixou e, devagarinho, sem grande alarde, foi se chegando na direção do bicho, até que... zás! Deu um bote, imobilizou o abutre e o enfiou dentro de um saco de estopa. O jogo podia começar.

A equipe rubro-negra, apesar de poderosa, já que contava com Leandro, Mozer, Junior, Andrade, Tita e Adílio, entre outros, armou-se para fazer uso da vantagem que tinha e veio para empatar o jogo, fazendo seguidas faltas no meio de campo e amarrando a partida. Quase deu resultado: aos 45 minutos do segundo tempo, o placar ainda marcava zero a zero e a posse de bola era do Flamengo, que naquele instante partia para o seu campo de ataque. A Torcida do Fluminense já se adelgaçava nas arquibancadas, sofrendo a debandada derrotista dos menos otimistas. Eis que, de repente, como que por milagre, o juiz marcou impedimento do Flamengo na proximidade do meio de campo. A infração foi rapidamente cobrada por Delei, lançando a bola redonda e cristalina para Assis, que surgiu do nada para dominá-la e, ignorando solene o goleiro rubro-negro, empurrá-la macia para estufar as redes do Flamengo. O que se seguiu lembra uma comédia de Hollywood. Logo que uma piada é contada, os que entendem inglês riem, os outros ficam calados até que a legenda surge na tela do cinema.

Assim aconteceu no estádio Mario Filho. Metade pulou, deixando escapar ensurdecedor berro de felicidade que ficara retido durante 90 minutos. A outra metade, sem compreender nada, manteve-se presa à arquibancada, esperando a explicação do que tinha acontecido. O árbitro Arnaldo César Coelho apontou para o centro do campo e, em largas passadas, dirigiu-se para a meta de Raul,

Conteúdo Expresso

O milésimo gol de Pelé teve um cenário perfeito

GRANDES JOGADORES

Júnior – 1954

Posição: lateral esquerdo
Clubes: Flamengo, Torino (Itália) e Pescara (Itália)
Seleção Brasileira: 1979-1992 (70 jogos, 6 gols)

onde apanhou a bola, colocou-a embaixo do braço e trilou o apito fazendo com as mãos o gesto que caracteriza o fim da partida. O Flu marcara seu gol, não no último minuto de jogo, sequer no último segundo, mas na derradeira menor medida de tempo existente, por mínima que seja ela. Quando a bola estava sobre a linha do gol do Flamengo ainda havia jogo, no exato instante em que ela rolou para o lado de lá esgotou-se o tempo regulamentar. Nunca, antes ou depois, em toda a história do Maracanã, os Deuses do Gol do Último Minuto atuaram com tanta precisão.

Saiu a Torcida Tricolor do estádio a cantar e dançar em busca da festa a que fazia jus. Enquanto isso, 40 mil flamenguistas mantiveram-se chumbados às arquibancadas à espera de alguém que lhes explanasse o ocorrido. Se fosse uma comédia de cinema, tratar-se-ia de uma anedota derivada de uma expressão idiomática. Intraduzível. Mas não era cinema, era a vida real.

Não foi a única vez que Deus parece ter inspirado algum jogador no relvado sagrado do Maracanã. Em 5 de março de 1961, jogavam Santos e Fluminense. Era uma partida morna e desinteressante até que, aos 40 minutos do primeiro tempo, Pelé recebeu um passe próximo da sua própria grande área. Levantou a cabeça e, em vez de passar a bola, partiu célere em direção ao gol adversário: espremeu-se entre Valdo e Edmilson, fintou Clóvis, evitou Altair, enganou Pinheiro, driblou Jair Marinho e, de repente, encontrava-se nas imediações da meta tricolor. Com um toque habilidoso bateu Castilho, marcando o que todos os que presenciaram afirmam ter sido o gol mais bonito da história do futebol. Em sua arrancada, Pelé sobrepujou sete jogadores do Fluminense. De tão belo, o gol foi homenageado com uma placa de bronze no *hall* de entrada do Maracanã e deu origem à expressão "gol de placa", que desde então é utilizada para adjetivar um gol excepcionalmente bonito. Segundo Mario Filho, a reação ao gol foi uma demonstração de respeito devotado ao futebol, quase tão formosa quanto o próprio gol:

Então aconteceu uma coisa inédita. A multidão não se levantou. Continuou sentada, mas prorrompeu em palmas. Não houve um só espectador que não batesse palmas. Era uma ovação de Teatro Municipal. As palmas não paravam, aumentando de intensidade. Batia-se palmas olhando para o campo, para Pelé. Pelé ouviu as palmas e olhou para as arquibancadas do Maracanã. Depois levantou o braço e acenou com a mão, agradecendo. Recebia os abraços de Coutinho, de Zito, de Pepe, de Dorval e continuava a escutar as palmas....

As palmas só cessaram quando Valdo deu a nova saída. Iam recomeçar logo depois, pois acabava o 1º tempo. E Pelé saía de campo. A diferença é que agora a multidão se pôs de pé para aplaudir Pelé. Quando Pelé desapareceu no túnel, ninguém ficou quieto. A vontade que todo mundo tinha era de se abrir, de compartilhar com alguém a alegria do gol de Pelé. Formavam-se grupos. Gente que não se conhecia tornava-se íntima pelo milagre do gol de Pelé.

O mesmo estádio santificado que deu ao Rei do Futebol o palco para seu gol mais bonito, também foi o púlpito de onde Pelé deixou para o mundo seu milésimo gol, em 19 de novembro de 1969. Não são todos os dias em que um jogador de futebol faz o seu gol de número mil. O de Pelé poderia ter vindo antes, em outra cancha, porém o Rei parece ter segurado a ânsia de modo a atingir a marca no maior templo que o mundo já dedicou ao futebol. No dia 12 assinalou os tentos de números 997 e 998 na vitória contra o Santa Cruz, no Recife. No dia 14, em João Pessoa, fez o de número 999 contra o Botafogo local. Segundo a imprensa, esse jogo foi muito fácil. Pelé poderia ter feito mais um gol e liquidado a fatura logo ali, mas não o fez. No dia 16, contra o Bahia, em Salvador, teve uma atuação discreta, como se estivesse se guardando. Finalmente, na partida em que enfrentava o Vasco da Gama, no dia 19, aos 34 minutos do segundo tempo o árbitro marcou um pênalti contra a equipe carioca. O público começou a pedir para Pelé bater. O Rei preferia que seu milésimo gol não fosse de pênalti, mas faltavam pouco mais de dez minutos para o fim do jogo e Pelé fazia questão de se consagrar no Maracanã. Cobrou a penalidade máxima e GOL. Entrou para a história.

Assim como o Santos de Pelé, outra equipe, dessa vez carioca, encantou as arquibancadas do Maracanã na década de 1960: o Botafogo de Futebol e Regatas. O alvinegro de então contava com a genialidade de Garrincha e suas pernas tortas, a técnica impecável de Nilton Santos, a elegância de Didi, os lançamentos precisos de Gérson e as arrancadas furiosas de Jairzinho. Suas atuações pareciam bailados bem ensaiados em que cada movimento se assemelhava a um ato e cada jogada a uma coreografia estudada nos mínimos detalhes. Esse time enfeitiçou milhões de brasileiros que nunca o viram entrar em campo. Eram tempos em que a televisão não chegava aos grotões do Brasil, mas em que a Rádio Nacional transmitia ao vivo do Maracanã. Nesse sentido, não havia música de melhor compasso que a do Botafogo. Essa equipe foi campeã carioca cinco vezes no período (1961, 1962, 1967, 1968 e 1969), além de ganhar um título nacional, a Taça Brasil, em 1968, e três torneios Rio-São Paulo, competição nacional mais importante até a criação, em 1967, do Torneio Roberto Gomes Pedrosa, precursor do Campeonato Brasileiro.

Ainda durante essa década, assim como fez com o Brasil na final da Copa de 1950, o Maracanã castigou a soberba de dois grandes clubes. Em 18 de dezembro de 1960, perante 100 mil torcedores, o Fluminense chegou à final do Campeonato Carioca contra o América podendo empatar, começou vencendo por 1 a 0 e ainda perdeu um pênalti, cobrado por Pinheiro. Sua superioridade parecia inquestionável e o time não tardou a relaxar. Quando a torcida já cantava vitória, o América a desencantou e virou o jogo para 2 a 1, conquistando o derradeiro cariocão de sua história. Em 1966, sucedeu algo parecido. O despretensioso time suburbano de Bangu alcançou a final contra o favorito Flamengo, que conquistara o campeonato do ano anterior e já se considerava bicampeão do Rio de Janeiro. Tranquilos, 143.978 flamenguistas lotaram o Maracanã em 18 de dezembro para comemorar um título que não viria. No Estádio Mario Filho não há vencedores antecipados, ali só o futebol é sagrado, e quem

CURIOSIDADES

Pelé foi o maior artilheiro da história dos clubes brasileiros, assinalando 1.091 gols pelo Santos. Roberto Dinamite marcou 617 gols pelo Vasco da Gama e Zico 502 em favor do Flamengo.

CURIOSIDADES

A maior goleada da história dos campeonatos brasileiros foi do Corinthians sobre o Tiradentes, do Piauí: 10 a 1. Mas a maior goleada de todos os tempos no Brasil foi do Botafogo sobre o Mangueira: 24 a 0 no campeonato carioca de 1909.

o trata com mais devoção e fidelidade acaba premiado. Na final, o Bangu bateu o Flamengo e sua arrogância por 3 a 0 e levou a taça para os confins da periferia carioca.

Nas décadas de 1970 e 1980 foi a vez de Fluminense e Flamengo se redimirem e brilharem no Maracanã. Nos dois decênios, a dupla Fla x Flu embolsou 15 campeonatos cariocas e seis brasileiros. A equipe tricolor jogava de forma que não parecia haver nenhuma falha. Não lhe bastavam títulos, queria mais, buscava a arte, o belo, a essência do futebol. No biênio 75/76 o time, que ficou conhecido como "A Máquina", era tão poderoso que todos seus titulares (e alguns reservas) em algum momento de suas carreiras estiveram na Seleção, inclusive quatro tricampeões mundiais: Renato (Félix), Carlos Alberto Torres, Miguel, Edinho e Rodrigues Neto; Rivellino, Paulo Cezar e Pintinho, Gil, Doval e Dirceu. Uma equipe tão boa que o grito de guerra da Torcida Tricolor era: "É covardia, é covardia, Rivellino, Paulo César e companhia..." Embora tenha durado muito menos tempo que o Santos de Pelé e o Botafogo de Garrincha, essa equipe foi uma das que melhor executou a liturgia do futebol no Maracanã. Vencer era uma mera consequência, o importante, o fulcro da partida, era jogar bonito, rolar a bola macio, encher os olhos e emocionar com a leveza dos toques até o mais duro dos corações. A torcida correspondia; tricolores e outros amantes do futebol lotavam o Maracanã para contemplar Rivellino lançando milimetricamente, desde o meio de campo, bolas redondíssimas nos pés de Gil, assistir Paulo César Lima e Pintinho trocarem passes em que a bola rolava exatamente sobre a linha de cal que divide o gramado, sem resvalar uma polegada sequer à direita ou à esquerda, ou para presenciar os dribles perfeitos de Dirceu e a raça de Edinho.

O Flamengo dessa época era um time ainda mais poderoso e, sobretudo, vencedor. Atuava como uma orquestra, cuja batuta era empunhada por Arthur Antunes Coimbra, um jogador completo que atacava, defendia, marcava, cabeceava, cobrava faltas e pênaltis, fazia gols e exercia uma liderança agregadora sobre os demais. Simbolizava o time de tal forma que esse período da história do Flamengo ficou conhecido como "Era Zico", em homenagem ao apelido pelo qual ficou globalmente famoso. Em 1981, após uma brilhante campanha na Libertadores, a equipe foi campeã mundial em Tóquio – longe da Gávea, mas próximo do coração da maior torcida do Brasil, que soube retribuir transbordando o estádio sempre que o Flamengo jogava no Maracanã e sendo, durante a "Era Zico", responsável por seis dos 12 maiores públicos da história do Campeonato Brasileiro .

Ainda na década de 1970, a Seleção canarinho finalmente fez as pazes com o maior templo do futebol mundial e se redimiu do fracasso da Copa do Mundo de 1950. Em 1972, para comemorar o sesquicentenário da Independência do Brasil, o Governo organizou a Taça Independência, que pela magnitude e qualidade das equipes convidadas teve praticamente a mesma dimensão de uma Copa do Mundo. Vinte selecionados participaram da Taça Independência: Brasil, Portugal, União Soviética, Iugoslávia, Argentina, Uruguai, França Tchecoslováquia, Irlanda, Escócia, Peru, Colômbia, Chile, Bolívia, Paraguai, Equador, Venezuela, Irã, Seleção da África e Seleção da Concacaf. A final, como não podia deixar de ser, foi programada para o Estádio Mario Filho. Dessa vez, o Brasil não desonrou o futebol e jogou para valer, sem soberba e sem se sentir vitorioso antes da hora. Bateu-se valentemente em campo e derrotou Portugal por 1 a 0, com um gol de Jairzinho a um minuto do fim, conquistando assim um título de campeão no Maracanã e resgatando uma dívida de 22 anos com a torcida brasileira.

Ainda na década de 1980, em um dos poucos anos do período em que Flamengo e Fluminense proporcionaram uma lacuna a outras equipes, o Maracanã hospedou um dos mais bonitos duelos de sua história. Em 31 de julho de 1985, Bangu e Coritiba enfrentaram-se ali pela final do campeonato brasileiro. Nenhum dos dois times tem grande torcida no Rio de Janeiro. O Coritiba está sediado

GRANDES JOGADORES

Roberto Carlos – 1973

Posição: lateral esquerdo
Clubes: Atlético Mineiro, Palmeiras, Internazionale, Real Madrid (Espanha), Fenerbahçe (Turquia), Corinthians
Seleção Brasileira: 1992-2006 (125 jogos, 11 gols)

Vasco e Flamengo levaram ao Maracanã alguns dos maiores públicos da história

Conteúdo Expresso

a quase mil quilômetros da capital fluminense, e o Bangu, apesar de tradicional, goza de pouca expressão na cidade. Mesmo assim, 91 mil pessoas honraram a cerimônia e, com um fervor quase religioso, afluíram ao estádio para assistir àquilo que o Maracanã oferece de melhor: o futebol mais talentoso do mundo. Ao fim, depois de 1 a 1 no tempo regulamentar e prorrogação, o Coritiba sagrou-se campeão ao derrotar o Bangu por 6 a 5 nos pênaltis e saiu do gramado sob aplausos de uma torcida que voltou para casa mais do que satisfeita com o espetáculo proporcionado.

Também foi na década de 1980 que o Botafogo terminou um jejum de 21 anos sem ganhar títulos, ao levantar o Campeonato Carioca de 1989. No mesmo ano, o Vasco foi campeão brasileiro, dando o tom de quem dominaria o decênio seguinte e o Brasil venceu a Copa América, em 16 de julho, após derrotar o Uruguai por 1 a 0 perante 132.743 torcedores.

Na década de 1990, o Vasco da Gama reinou soberano no Maracanã. Embora, oficialmente, a sede da equipe da cruz de malta seja o estádio de São Januário, na prática, todos os grandes jogos do clube acabam sendo disputados no campo do Mario Filho, pois sua imensa torcida extrapola em muito os 40 mil lugares da sede oficial. Durante o período, os fãs vascaínos tiveram o privilégio de ver seu time levantando quatro campeonatos cariocas, um torneio Rio-São Paulo, um Campeonato Brasileiro e uma Copa Libertadores da América. Foi uma época de grandes times e craques inesquecíveis, entre eles, Roberto Dinamite – posteriormente, presidente do clube e maior artilheiro de sua história, com 703 gols, aposentado em 1993 – Edmundo, Juninho Pernambucano e Felipe. Nesse decênio, além do campeonato brasileiro vencido pelo Vasco, mais duas finais do maior torneio do Brasil foram realizadas no estádio: em 1992, quando o Flamengo levantou a taça, e em 1995, quando o Botafogo sagrou-se campeão. Por fim, em 1999, o jogo Botafogo 0 x 0 Juventude, pela final da Copa do Brasil, marcou a última vez em que o estádio recebeu mais de 100 mil torcedores (101.581 pessoas assistiram à partida). Obras realizadas posteriormente reduziram a capacidade do Maracanã para os atuais 82.238 lugares.

Na década que se inicia no ano 2000, além do mundial vencido pelo Corinthians, o Maracanã sediou a final do Campeonato Brasileiro de 2000, quando o Vasco fechou o ciclo iniciado em 1989 e sagrou-se mais uma vez campeão nacional. Ainda em 2000, para comemorar o aniversário de 50 anos do estádio, foi inaugurada a Calçada da Fama, onde jogadores cujas passagens pelos gramados do Mario Filho marcaram a história do futebol deixaram seus pés moldados em cimento. Entre os craques homenageados estão Pelé, Zico (maior artilheiro do Maracanã, com 333 gols), Jairzinho, Roberto Dinamite, Rivellino, Zagallo, Beckenbauer e, como não podia deixar de ser, Giggia, o carrasco do Brasil, em 1950. A partir de 2006, o Maracanã passou a abrigar o Museu do Futebol, com acervo dedicado à própria história do estádio, ao futebol carioca e à Seleção Brasileira.

O Mario Filho fechou para reformas modernizadoras em 2005 e 2006. Em 2007, serviu como sede das finais do torneio de futebol dos Jogos Pan Americanos. No masculino, a medalha de ouro coube ao Equador. Já no feminino, o Brasil subiu ao topo do pódio, após derrotar os Estados Unidos por 5 a 0 na final. Próximo ao término do período, em 2008, o Maracanã se cobriu de pó de arroz, quando 80 mil pessoas lotaram suas arquibancadas para ver Fluminense 3 x 1 LDU de Quito, pela final da Taça Libertadores da América. O resultado levou o jogo para a disputa de penalidades máximas (a LDU havia vencido por 4 a 2 no Equador) e a LDU saiu do estádio como campeã da América do Sul.

O decênio iniciado em 2000, com o Maracanã sediando a final de um Campeonato Brasileiro, encerrou-se da mesma forma. No dia 6 de dezembro de 2009, o Flamengo derrotou o Grêmio de Porto Alegre por 2 a 1 e embolsou seu sexto título brasileiro, recorde só igualado pelo São Paulo. Nesse mesmo ano, o Fluminense, que já andara nas séries B e C durante a década de 1990, chegou, segundo matemáticos, a ter 98% de possibilidades de ser novamente rebaixado para a segunda divisão. Não caiu. Segundo Fred, líder da reviravolta que manteve o clube na elite do futebol brasileiro, o Maracanã foi fundamental. Para ele, o time começou a reagir quando a torcida colocou uma faixa nas arquibancadas do estádio com os dizeres “lutem até o fim”. Ainda segundo o atleta, a partir daí, a afluência em massa dos tricolores ao Maracanã, com seus cânticos, bandeiras e mosaicos fizeram a diferença. O Maracanã cheio é capaz de transformar até um time medíocre no mais poderoso esquadrão.

Em 2010, o Mario Filho novamente fechou para obras, dessa vez com vistas a adequá-lo à Copa do Mundo de 2014 e aos Jogos Olímpicos de 2016, quando o estádio receberá sua segunda final de uma Copa do Mundo, que a torcida brasileira espera com fervor que seja ganha pelo time da casa. Torcer é bom, mas, como dizia Nelson Rodrigues, maior dramaturgo da história do Brasil e frequentador assíduo das tribunas do Maracanã, “é prudente calçar as sandálias da humildade” e se dedicar a jogar futebol de alta categoria, sem contar arrogantemente com vitória alguma antes do apito final, porque o estádio Mario Filho costuma não perdoar a soberba. Quando a bola rola no seu gramado sagrado, normalmente vence o melhor.

Pedro Cunha e Menezes. *Nasceu em 1964 no Rio de Janeiro. Frequenta o Maracanã desde a mais tenra idade. Torce desvairadamente pelo Tricolor das Laranjeiras. É autor de uma dezena de livros sobre o Rio de Janeiro, entre eles “Fluminense Football Club, 100 Anos de Glória”.*

GRANDES JOGADORES

Domingos da Guia
1912 - 2000

Posição: zagueiro
Clubes: Bangu, Vasco, Nacional (Uruguai), Boca Juniors (Argentina), Flamengo, Corinthians
Seleção Brasileira: 1931-1946 (26 jogos)

GRANDES JOGADORES

Bellini – 1930

Posição: zagueiro
Clubes: Vasco, São Paulo, Atlético Paranaense
Seleção Brasileira: 1957-1966 (51 jogos)

Os grandes **rivais** do Brasil na Copa

Por Mário Araújo

Terminada a décima nona Copa do Mundo de futebol, a Seleção Brasileira, única a ter estado presente em todas as edições, contabiliza 97 jogos disputados, com 67 vitórias, 15 empates e igual número de derrotas. Foram oito décadas desafiando adversários de todas as regiões do planeta, sobretudo da Europa, continente onde nasceu o esporte, de onde provém a grande maioria das seleções participantes e onde têm atuado, ao longo da história, os jogadores mais talentosos do mundo, graças à eficiência alcançada pelos europeus na administração do futebol como negócio. Apesar do retrospecto amplamente favorável, a verdade é que um bom número de outras equipes tem sido capaz de rivalizar com o Brasil, exibindo tradicionalmente um futebol de altíssimo nível, alternando vitórias e derrotas nos confrontos contra a seleção verde-amarela e contribuindo para alguns dos momentos mais memoráveis da história das Copas do Mundo.

Algumas dessas seleções, como a Itália, mostraram sua força desde as primeiras disputas; outras, como a Hungria, depois de encantarem as plateias de aficionados, entraram em decadência; e outras ainda, como a Holanda, revelaram seu poderio somente em anos recentes, dando novo fôlego a esse grande espetáculo do futebol mundial, inaugurado em 1930.

BRASIL X FRANÇA. OS "BLEUS" VIRAM O JOGO

Até as vésperas da Copa do Mundo de 1986, no México, o histórico de confrontos entre Brasil e França se resumia a uma sonora goleada por 5 a 2 aplicada na semifinal da primeira Copa conquistada pela Seleção Brasileira. Nos anos seguintes, enquanto o Brasil se consolidava como potência futebolística, os franceses tiveram participações pífias nas Copas, sendo natural, portanto, que fossem vistos como mais uma esquadra a ser facilmente batida pelo escrete nacional. Mesmo a dramática derrota nos pênaltis, em 1986, que eliminou a Seleção da Copa do México, não foi suficiente para elevar o adversário ao status de grande rival. Afinal, em breve, Platini e seus companheiros se aposentariam e a França voltaria a ser uma equipe apenas mediana, enquanto o Brasil, onde a cada minuto nasce um fora de série, já contava com Romário e Bebeto, prontos para serem convocados. De fato, os "Bleus" não conseguiram nem mesmo se classificar para as duas Copas seguintes, provando que estavam longe de ameaçar a supremacia dos quatro grandes do futebol mundial: Brasil, Itália, Alemanha e Argentina.

Mas foi justamente em 1998, ano do retorno obrigatório da França às Copas do Mundo, que as duas seleções voltaram a se enfrentar, e na finalíssima. Atenta ao desempenho dos rivais de sempre, a torcida brasileira pareceu não dar grande importância à campanha de cinco vitórias e um empate que os gauleses perpetraram antes de chegar à final. Às vésperas da semifinal contra

Conteúdo Expresso

Sócrates foi um dos craques brasileiros que enfrentou a França em 1986

a Holanda pensava-se que se a Seleção auriverde vencesse estaria com o título praticamente garantido. No entanto, o que se viu durante uma partida antecedida por incidentes misteriosos foi o domínio absoluto da França e a vitória incontestável por 3 a 0. A crise supostamente sofrida por Ronaldo antes da partida e a apatia dos atletas em campo possivelmente jamais serão esclarecidas, mas o fato é que a França de Zidane, Henry, Vieira e Blanc soube se aproveitar dos erros do Brasil para inscrever o confronto entre os dois times no seleto rol dos grandes clássicos das Copas do Mundo.

Campeão em 2002 e protagonista de grandes atuações nos anos seguintes, graças a uma nova geração de craques que incluía Kaká, Adriano e Robinho, o Brasil era considerado (e se considerava) o grande favorito ao título na Copa da Alemanha, em 2006. Mesmo não tendo correspondido às expectativas nas quatro primeiras partidas, esperava-se uma exibição pelo menos honesta da Seleção contra a França, nas quartas de final. Por honestidade, no caso, entenda-se dedicação, espírito de luta e o costumeiro futebol ofensivo. Esperava-se que Ronaldinho Gaúcho, então o melhor jogador do mundo, enfim mostrasse seu valor nos gramados alemães e superasse o astro francês Zidane, como fizera nos últimos encontros entre seus respectivos clubes, Barcelona e Real Madrid. Ao final dos 90 minutos, porém, a França havia se credenciado para as semifinais da Copa, após um show de Zidane e uma das atuações mais pavorosas já realizadas por uma Seleção nacional. A apatia dominou o time do início ao fim e desta vez não havia nem mesmo a desculpa do mal-estar de Ronaldo. O mal-estar era de todos, e não antes, mas durante a partida. O modesto placar de 1 a 0 não traduziu o predomínio da França e mostrou apenas que aquela foi mais uma Copa sob o império dos esquemas táticos medrosos.

Conteúdo Expresso

Duas finais contra a Itália e duas vitórias brasileiras. Aqui, no estádio Azteca lotado

Ao longo de 50 anos, portanto, a Seleção Brasileira saiu de uma posição de absoluta superioridade nos confrontos diretos com os "Bleus" para a incômoda situação de, como se diz na gíria futebolística, "freguês de caderno" do rival.

BRASIL X ITÁLIA. EQUILÍBRIO EM ALTO NÍVEL

Rivalidade muito mais antiga o Brasil tem cultivado contra a Itália. Não bastasse o fato de os dois times serem, hoje, os maiores detentores de campeonatos mundiais, também no cotejo direto foram protagonistas de algumas das batalhas mais emocionantes da história das Copas, seja pelo caráter sempre decisivo dos enfrentamentos, seja pela dramaticidade das ações dentro de campo.

Já em 1938, a "Squadra Azzurra" mandava de volta para casa a primeira Seleção Brasileira merecedora de atenção especial, por ter mostrado ao mundo uma maneira particularmente criativa e talentosa de se praticar o esporte inventado pelos britânicos. Aquela Seleção, que ainda trajava camisas brancas, e não amarelas, contava com um dos primeiros grandes gênios do futebol nacional: Leônidas da Silva, brilhante, negro, inventor (ou aperfeiçoador) da jogada conhecida como "bicicleta", artilheiro da Copa. Apesar da derrota, o terceiro lugar conquistado no torneio deixou a impressão de que, com um mínimo de organização e aproveitamento adequado dos talentos existentes, o futebol brasileiro poderia não somente competir de igual para igual com as melhores escolas europeias, mas ainda oferecer um diferencial de criatividade e beleza.

Trinta e dois anos depois, quando o Brasil vivia sua fase áurea na esteira do bicampeonato mundial e contava – para não falar em Pelé – com craques que merecem figurar em qualquer lista de melhores do mundo (Carlos Alberto, Gérson, Tostão e Rivellino), os dois rivais se reencontraram em circunstâncias grandiosas. Era a final da Copa de 70, no México, e cada uma das equipes possuía dois títulos mundiais. Além disso, tratava-se da última disputa da Taça Jules Rimet, o que permitiria ao vencedor a posse definitiva do troféu. Aquele era também o desfecho de um torneio marcado por confrontos sensacionais, em que mediram forças Brasil x Uruguai, Itália x Alemanha, Brasil x Inglaterra, Itália x Uruguai e Alemanha x Inglaterra. Foi, ainda, a última Copa de Pelé e a que mais público levou aos estádios, até então. E foi nesse ambiente propício que o Brasil obteve o tricampeonato, com uma vitória inesquecível por 4 a 1, com direito a um fantástico gol de Carlos Alberto, considerado pela crônica esportiva o mais belo gol de todas as Copas, resultado de criação coletiva (o mais belo gol, fruto de criação individual, foi o segundo de Maradona, contra a Inglaterra, em 86).

Depois de um encontro de menor expressão, na disputa pelo 3º lugar da Copa de 78, vencido pelo Brasil por 2 a 1, as duas seleções voltaram a se cruzar nas quartas de final da Copa da Espanha, em 1982.

GRANDES JOGADORES

Zózimo – 1932-1977

Posição: zagueiro
Clubes: Bangu, Flamengo, Portuguesa
Seleção Brasileira: 1955-1962 (35 jogos, 1 gol)

Por obra de uma fórmula de disputa diferente da utilizada nas Copas anteriores, ao Brasil bastava o empate. Mas as razões para o otimismo que inundava os corações verde-amarelos vinham mesmo da superioridade arrasadora do jogo brasileiro sobre o italiano nas partidas anteriores da competição. Enquanto a Itália empatara suas três primeiras partidas, safando-se por pouco de perder para a estreante seleção de Camarões, o Brasil estufara as redes adversárias 13 vezes em apenas quatro jogos. Ao contrário do que ocorrera nas Copas de 74 e 78, em que o Brasil envergonhara seus torcedores com um futebol medroso, o escrete nacional resgatara o futebol-arte na melhor tradição das seleções de 58 e 70, exibindo uma nova fornada de craques que entraria para história, entre os quais Zico, Falcão, Sócrates e Júnior. As gerações que cresceram nutridas pelas narrativas sobre as façanhas de Pelé, Garrincha, Didi e Gérson presenciavam agora a Renascença do futebol brasileiro, a reencarnação do jogo bonito que transformou o futebol em algo diverso do que os ingleses haviam concebido no século XIX.

Esse otimismo se manteve no decorrer da partida, mesmo com a Itália tendo ficado duas vezes à frente no placar. A Seleção Brasileira tinha um ataque poderoso e conseguiu igualar o marcador nas duas ocasiões, compensando falhas de uma defesa que naquele dia encontrava-se particularmente vulnerável. Contudo, na terceira vez que os italianos tomaram vantagem, o nervosismo dos brasileiros e as defesas milagrosas do goleiro Zoff garantiram a vitória dos europeus.

Não seria exagero afirmar que essa partida mudou os rumos do futebol, não somente brasileiro, mas mundial, tanto do ponto de vista tático como no tocante à atitude das equipes durante as partidas. A vocação para o jogo ofensivo, uma das características mais marcantes do futebol brasileiro, sofreu um sério abalo e começou a perder terreno para um modo considerado mais eficiente de se jogar, sem preocupações com o espetáculo, com dribles e mesmo com gols em demasia. A partir de então, passou a importar somente a vitória, ainda que magra, sem excessos – as campanhas nas Copas de 90 e 94 foram exemplos dessa dieta rigorosa a que se impôs a Seleção. Assim, a derrota do Brasil para a Itália, em 1982, vinha se somar às derrotas de Hungria e Holanda para a Alemanha Ocidental, respectivamente nas Copas de 54 e 74. Em ambas as ocasiões, as equipes derrotadas haviam mostrado futebol superior ao dos alemães, pelo menos no que se refere à beleza do jogo e ao desejo de atacar o tempo todo, assinalando o maior número possível de tentos, de tal modo que se tornaram mais famosas e seu futebol mais admirado do que o dos vencedores. E, assim, veio à tona a questão fundamental: o que é mais importante, jogar bem ou vencer? Encantar as plateias com lances mágicos, como fizeram a Hungria de Puskás, a Holanda de Cruyff e o Brasil de Zico, ou ater-se a um futebol que atinge seu momento supremo na vitória por 1 a 0? O fato é que no futebol, mais do que em outros esportes coletivos, são enormes as chances de o time mais forte não confirmar seu favoritismo, situação que é levada ao paroxismo pelo modelo de disputa da Copa do Mundo, no qual um único revés é suficiente para arruinar toda uma bela campanha. Na realidade, o fantasma da Copa de 82 tem assombrado os brasileiros até hoje, a ponto de a torcida temer por uma catástrofe cada vez que a Seleção começa a "jogar bonito". E a ponto, também, de os técnicos invocarem a dura lição aprendida no estádio Sarriá sempre que desejam justificar sistemas táticos receosos e de parca criatividade.

A rivalidade entre Brasil e Itália teve ainda mais um capítulo. Na final de 1994, em Los Angeles, aconteceu o primeiro empate entre os tradicionais adversários e a primeira final decidida em cobranças de pênalti. Sinal dos tempos: ao contrário de 1970, a dramaticidade da partida ficou por conta não dos gols e das jogadas de ataque, mas da escassez de ambos. A emoção e a beleza da construção coletiva deram lugar à angústia de dois atletas, cobrador e goleiro, um contra o outro na execução de um movimento único, estranhamente dissociado das tramas e enredos que caracterizam o jogo, com suas estratégias elaboradas e envolventes. Foi assim que Roberto Baggio, sem ter recebido um passe e sem ter driblado ninguém, chutou a bola por sobre o travessão e definiu a quarta vitória brasileira em Copas.

BRASIL X ARGENTINA. RIVALIDADE ACIMA DAS COPAS

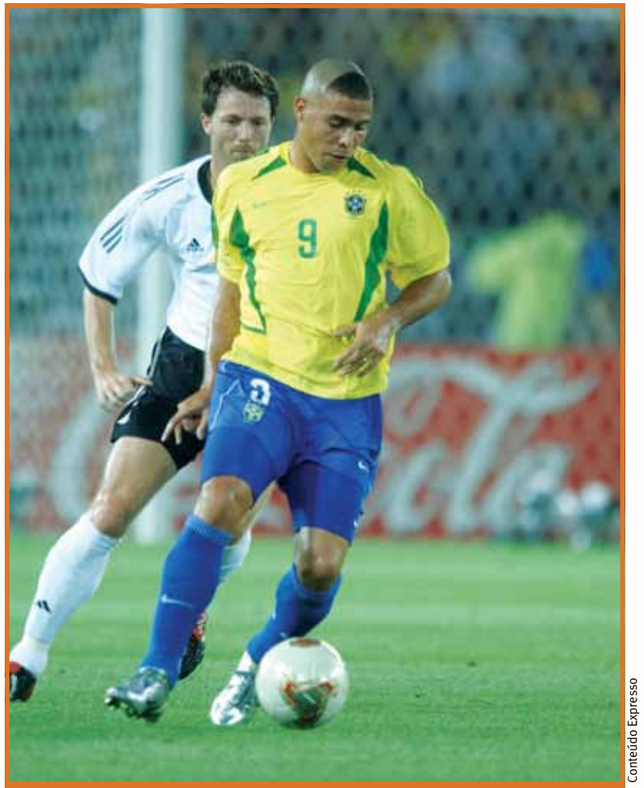
A rivalidade futebolística entre Brasil e Argentina tem suas raízes em tempos muito anteriores à primeira Copa do Mundo. A vizinhança dos dois países e as dificuldades para uma equipe viajar grandes distâncias no início do século XX fizeram com que o clássico sul-americano correspondesse a quase metade dos jogos disputados pelo Brasil contra seleções nacionais entre 1914 (ano de fundação da Seleção Brasileira) e 1930. Nesse período, a esquadra alviceleste venceu oito vezes, contra cinco do escrete nacional, dando início a uma vantagem que sobreviveu mesmo à época de Pelé e Garrincha e só foi revertida no período atual. Seria natural, portanto, que algumas das mais inflamadas batalhas desse conflito tivessem como cenário o mais importante torneio de futebol do planeta. No entanto, passaram-se 44 anos e nove Copas até que os dois gigantes estivessem frente a frente. O adiamento desse encontro deve-se ao fato de que a participação argentina na disputa da Taça Jules Rimet esteve, curiosamente, muito aquém do seu potencial futebolístico. À exceção do vice-campeonato em 1930, a Argentina colecionou fracassos e desistências nas edições seguintes, tendo marcado presença em somente quatro das oito competições. Além disso, durante a década de 1940, época em que o futebol platense contou com alguns dos seus maiores craques (Labruna, Lostau, Perdenera), a Copa teve sua disputa interrompida em razão da Segunda Guerra Mundial.

Conteúdo Expresso

Brasil comemora mais um gol contra a Argentina, na Copa de 82

O primeiro enfrentamento deu-se em Hannover, em 1974, e reuniu formações que estavam longe de representar o que de melhor os dois países já ofereceram ao futebol. Pelo Brasil, havia poucos remanescentes do time tricampeão, enquanto a Argentina vivia um período de transição entre a brilhante geração de sessenta e os heróis que venceriam a Copa seguinte. A vitória brasileira por 2 a 1 de nada serviu, pois ambas as seleções acabariam desclassificadas pela Holanda.

Em 1978, porém, o cenário não poderia ser mais favorável: a Argentina, atuando em casa, apostava alto na conquista de sua primeira Copa e para isso contava com a pressão da torcida e com a valentia dos seus jogadores, dispostos a tudo para chegar à final. O Brasil, por outro lado, parecia ter se equivocado ao tentar assimilar os ensinamentos do futebol total, visto na Copa anterior. O técnico Claudio Coutinho, ao prescindir dos maiores talentos da nova geração, demonstrava que, no seu modo de ver, classe e eficiência eram incompatíveis. Só isto poderia explicar o fato de Zico ter sido mantido no banco de reservas durante quase toda a partida e de, ainda mais grave, o craque Falcão não ter sequer figurado na lista de convocados.


Conteúdo Expresso

Ronaldo, então com 25 anos, foi o herói do pentacampeonato em 2002

Quando o relógio marcou um minuto de bola rolando, quatro atletas já haviam sido advertidos por cometerem faltas violentas, dando o tom do que seria a refrega. E assim correu o jogo, truncado e marcado por lances ríspidos de parte a parte, até o desfecho sem gols e o adiamento, para a rodada seguinte, da decisão sobre quem iria para a final. A Argentina classificou-se ao derrotar o Peru por 6 a 0 com uma facilidade inesperada, o que lançou sobre o episódio a suspeita, jamais confirmada ou dissipada, de que alguns dos jogadores peruanos teriam sido subornados para permitir a goleada argentina. O fato é que embora não tivesse havido vencedor no confronto direto, a Argentina chegou ao seu primeiro título após deixar o Brasil pelo caminho, o que deu à conquista um sabor especial e serviu para atiçar ainda mais a rivalidade entre os dois países.

Na Copa seguinte, os detentores do título já contavam em suas fileiras com o maior jogador surgido depois de Pelé: Diego Maradona. O Brasil, por outro lado, era superior no conjunto e tinha uma equipe que fazia reviver os melhores tempos do seu futebol. No final, a vitória brasileira por 3 a 1 foi indiscutível, mas quem avançou no torneio acabou sendo a Itália do inacreditável Paolo Rossi. Em 1990, por fim, naquela que foi considerada a pior Copa da história, o estádio Delle Alpi, em Turim, assistiu a uma das mais medíocres seleções brasileiras de todos os tempos ser eliminada por uma Argentina igualmente inexpressiva, mas que dispunha de um Maradona sempre capaz de sacudir o marasmo da cena com uma jogada genial. Assim, a dez minutos do fim, o maestro argentino deixou Caniggia frente a frente com Taffarel para mandar a Seleção de volta para casa. Embora os dois arquirrivais não tenham voltado a se enfrentar nas quatro Copas subsequentes, a possibilidade de um embate é sempre algo capaz de tirar o sono das duas torcidas.

BRASIL X ALEMANHA. RIVALIDADE DE UMA PARTIDA SÓ

Ao longo de 16 Copas do Mundo (de 1930 a 1998), Brasil e Alemanha travaram um duelo silencioso, semearam uma rivalidade crescente sem nunca terem estado em lados opostos do gramado. Décadas de fantasias sobre o confronto direto entre as duas seleções foram alimentadas pelo desempenho excepcional de ambas na história dos mundiais. Embora a Itália tenha vencido mais títulos, somente a Alemanha se equipara ao Brasil em número de finais disputadas e de presenças entre as quatro primeiras colocadas. Sem levar em consideração as edições de 30 e 50, das quais os alemães não participaram, todas as outras semifinais contaram com pelo menos uma das duas equipes. Das 16 finais disputadas até 1998, nada menos que 13 tiveram Brasil ou Alemanha em campo. É evidente, portanto, que em diversas ocasiões tivessem estado a ponto de medir forças. Na Copa de 70, por exemplo, as campanhas notáveis dos elencos liderados por Pelé e Beckenbauer prenunciavam o que teria sido uma decisão inesquecível, mas a igualmente extraordinária vitória da Itália sobre os germânicos, na semifinal, impediu o desfecho esperado. Em 74, o encontro entre os então tricampeões e o time da casa foi evitado pelo carrossel holandês. Em 86, a melancólica derrota para França, nos pênaltis, não permitiu que as equipes de Zico e de Matthäus se cruzassem em uma das semifinais.

GRANDES JOGADORES

Luís Pereira – 1949

Posição: zagueiro
Clubes: Palmeiras, Atlético Madrid (Espanha), Flamengo, Portuguesa, Corinthians
Seleção Brasileira: 1973-1977 (33 jogos)

Em 2002, porém, duas seleções desacreditadas pelas suas torcidas ultrapassaram todos os obstáculos e chegaram a uma final histórica, na primeira Copa realizada no continente asiático. As condições estavam dadas para que aquela fosse uma das maiores finais de todos os tempos. Brasil e Alemanha contabilizavam em seus currículos também o maior número de vitórias e os ataques mais produtivos da história dos mundiais. Ao entrar no gramado do estádio de Yokohama, na noite de 30 de junho de 2002, o Brasil apostava nos gols de Ronaldo, até aquele momento o artilheiro da competição, enquanto os germânicos depositavam suas esperanças nas mãos de Oliver Kahn, que até então vinha justificando sua fama de melhor goleiro do mundo. Curiosamente, foi uma falha do arqueiro alemão, já na metade do segundo tempo, que abriu o caminho da vitória para o Brasil, confirmando a sua hegemonia na mais importante competição internacional de seleções.

BRASIL X INGLATERRA. OS INVENTORES VERSUS OS REINVENTORES

Sendo os ingleses os inventores do futebol, e tendo os brasileiros sido tantas vezes proclamados os seus reinventores, era de se esperar uma grande rivalidade entre as duas seleções. O primeiro confronto, porém,

GRANDES JOGADORES

Mauro Galvão – 1961

Posição: zagueiro
Clubes: Internacional, Bangu, Botafogo, Grêmio, Vasco
Seleção Brasileira: 1986-1990 (24 jogos)

realizado na Copa de 58, esteve muito aquém disso. De um lado, o Brasil ainda sem Pelé e Garrincha, ou seja, sem a força irresistível que o faria sagrar-se campeão do mundo semanas mais tarde. Do outro lado, a Inglaterra traumatizada pelo acidente aéreo que, meses antes, vitimara a equipe do Manchester United, e também um tanto desenxabida pelos fracassos nas duas Copas anteriores – vale salientar que os britânicos, talvez por se considerarem superiores aos adversários, menosprezaram o certame em suas três primeiras edições. O produto dessa soma de circunstâncias negativas foi a primeira partida sem gols da história das Copas.

Na competição seguinte, no Chile, os rivais se cruzaram nas quartas de final e o Brasil, impulsionado por uma atuação estupenda de Garrincha, venceu por 3 a 1. No México, em 1970, a partida adquirira contornos de um grande clássico do futebol, reunindo os então campeões do mundo, liderados por Bobby Charlton, e os mágicos bicampeões, comandados pelo Rei do Futebol, que se dizia disposto a encerrar sua carreira com a conquista definitiva da Taça Jules Rimet. Assim, em um jogo equilibrado e de altíssimo nível técnico, o Brasil teve melhor sorte e venceu por 1 a 0, fazendo surgir a crença de que cada vez que enfrentasse a Inglaterra, a Seleção seria campeã. O encanto se quebrou na Copa de 94, quando o Brasil ficou com a taça sem passar pelos ingleses, que sequer haviam se classificado. Em 2002, porém, mais um título seria conquistado pela Seleção após sobrepujar a Inglaterra (2 a 1), quando a maioria dos analistas e videntes previa o triunfo do time de Beckham sobre o menosprezado esquadrão de Felipe Scolari.

BRASIL X HOLANDA. QUATRO ENCONTROS ELETRIZANTES

O futebol ofensivo tradicionalmente praticado por brasileiros e holandeses resultou em partidas memoráveis e numa rivalidade que teve início com a derrota do Brasil na semifinal de 1974, na Alemanha. Se, por um lado, o resultado foi considerado normal em razão do espetacular futebol apresentado pelo time das camisas alaranjadas, por outro, causou perplexidade pelo fato de que, até então, os Países Baixos simplesmente não existiam no mapa do futebol – em suas duas únicas participações em Copas do Mundo, nos longínquos anos de 1934 e 38, viram-se eliminados logo na estreia. Quatro décadas mais tarde, no entanto, ao combinar uma geração de excepcionais jogadores com um sistema tático inovador, que alterou profundamente a forma das equipes se posicionarem no campo, os jogadores de uniforme alaranjado encantaram o mundo e frustraram o sonho brasileiro de conquistar o tetracampeonato.

Passados outros 20 anos, o Brasil voltou a se deparar com uma formação holandesa, nem de longe genial como a anterior, mas, ainda assim, merecedora de respeito. Nas quartas de final da Copa dos Estados Unidos, a magia das tabelas entre Romário e Bebeto acabou por desequilibrar uma disputa parelha, garantindo ao Brasil a vitória por 3 a 2 em um dos confrontos mais emocionantes do Mundial, acalentada vingança contra um adversário que já havia conquistado seu lugar entre as seleções mais fortes do planeta.

Na Copa de 98, uma Holanda de grandes talentos mediu forças com o Brasil dos jovens Ronaldo e Rivaldo, numa semifinal tida por muitos como a decisão antecipada da competição. Após empate de 1 a 1 no tempo regulamentar, os contendores brindaram a plateia com uma prorrogação especialmente dramática, graças à nova regra segundo a qual o lado que marcasse primeiro seria o vencedor, sem necessidade de se prosseguir até o final dos trinta minutos. Assim, assediados a cada instante pelo medo da derrota definitiva, os dois times lançaram-se ao ataque, fazendo do tempo extra o melhor momento da partida. O placar, no entanto, não foi alterado, e a classificação teve que ser decidida nas séries de pênaltis, quando duas extraordinárias defesas do goleiro Taffarel deram ao Brasil o direito de disputar a final.

Finalmente, na Copa da África do Sul Brasil e Holanda travaram mais um duelo de alto nível em momento decisivo da competição. Embora acusadas de optar por um futebol menos encantador que outrora, as duas equipes exibiram um toque de bola superior ao da maioria das seleções em mais uma Copa marcada pelo defensivismo. No placar, 2 a 1 para a Holanda, dando ao confronto o status definitivo de grande clássico do futebol mundial e adiando para o Maracanã, em 2014, o sonho do hexacampeonato verde-amarelo.

BRASIL X URUGUAI. A DERROTA QUE NUNCA SERÁ VINGADA

Contra a seleção uruguaia, o Brasil disputou apenas duas partidas em toda a história das Copas do Mundo. A primeira delas, contudo, causou tamanha comoção em atletas e torcedores de ambos os lados a ponto de estabelecer uma rivalidade automática e permanente. Na verdade, a exemplo do ocorrido contra os vizinhos argentinos, disputas acirradas entre Brasil e Uruguai já ocorriam muito antes de

Conteúdo Expresso

Neeskens marca e desclassifica o Brasil em 1974

CURIOSIDADES

O maior público em uma partida de futebol no Brasil aconteceu na final da Copa do Mundo de 1950: 199.854 pessoas assistiram à derrota do Brasil para o Uruguai (10% da população uruguaia naquela época!).

ser instituída a Copa Jules Rimet, sustentadas pela realização periódica do Campeonato Sul-Americano e da Taça Rio Branco, esta última disputada somente pelos dois países. No panorama mundial, enquanto os uruguaios desfrutavam da glória de terem vencido a única Copa de que participaram até então, o Brasil pretendia, com a organização do certame em seu território, revelar ao mundo a sua verdadeira força.

Às vésperas da grande final, as chances das duas equipes eram medidas com base no seu desempenho na competição (enquanto o Brasil aniquilara Suécia e Espanha, marcando 13 gols em duas partidas, o Uruguai não obtivera mais do que um empate e uma vitória apertada frente aos mesmos adversários), o que levava a nação brasileira a ter como certa a conquista do título. Apenas dois meses antes, porém, em disputa da Taça Rio Branco, em São Paulo, o Brasil encontrara enormes dificuldades para superar o Uruguai, sendo derrotado uma vez (3 a 4) e vencendo duas por escores pouco confortáveis (3 a 2 e 1 a 0). É interessante notar também que a formação celeste que atuou contra o Brasil nesses encontros era praticamente idêntica àquela que foi a campo na sinistra tarde de 16 de julho.

Percebe-se, portanto, que perder para o Uruguai naquela época, mesmo dentro de casa, não era um acontecimento tão insólito como se poderia imaginar. Mas a euforia crescente ao longo da vistosa campanha na Copa fez com que a possibilidade do fracasso fosse esquecida, tornando ainda mais amarga a desilusão pelo resultado final (vitória celeste por 2 a 1), com consequências funestas para a autoestima da nação, profundamente identificada com seus heróis de calções e chuteiras. Para os vencedores, o episódio não foi menos significativo, bastando dizer que a imprensa uruguaia, quando elabora listas dos fatos mais marcantes do século de XX, nunca deixa de incluir o evento ao qual deram o apelido de "Maracanazo". Seja como for, o êxito uruguaio, indiscutível, revelou uma verdade fundamental sobre as competições futebolísticas breves, como a Copa do Mundo: o retrospecto das equipes não somente é inútil na hora da decisão, como pode ter efeito contrário ao reduzir a concentração do lado que se considera superior.

Assim, grande parte da emoção de Brasil x Uruguai na semifinal da Copa de 70 ficou por conta dos antecedentes históricos do confronto. Embora no dia do "Maracanazo" Pelé tivesse apenas nove anos de idade, Rivelino quatro e o técnico Zagallo dezoito, todos carregavam nos ombros o peso desse passado inglório. E para aumentar as preocupações dos que acreditam em coincidências, o Brasil fazia no México uma campanha esplendorosa, ao passo que o Uruguai percorrera um caminho repleto de sustos, exatamente como há 20 anos. No campo, porém, em uma partida marcada por lances geniais de Pelé, o Brasil se impôs ao Uruguai por 3 a 1 e se classificou para a final. De lá para cá, nunca mais as duas equipes voltaram a se enfrentar em Copas do Mundo, o que se explica pela decadência da Celeste Olímpica, que se qualificou para somente quatro dos oito mundiais realizados posteriormente.

Se existe um sentimento predominante de superioridade ou inferioridade do Brasil em relação a cada um dos seus grandes rivais nas Copas, no caso do Uruguai ele permanece sendo de inferioridade,

Conteúdo Expresso

Antes da semifinal de 1970, o fantasma do Maracanazo ainda rondava a Seleção

pois mesmo a convincente vitória no México, obtida por uma das mais brilhantes formações futebolísticas de todos os tempos, não foi remédio eficaz o bastante para aliviar a dor provocada pelo desastre de 1950.

OS RIVAIS SE REENCONTRAM

Em Copas futuras, é imensa a chance de que França, Itália, Argentina, Alemanha, Holanda e Uruguai estejam presentes, o que pode significar novos capítulos na história das rivalidades da Seleção Brasileira. Será a oportunidade que a torcida tanto aguarda para dar à França uma merecida lição? Teremos, mais uma vez, Brasil e Itália na final, permitindo aos canarinhos consolidar a vantagem esboçada em 1994? E o confronto Brasil x Alemanha voltará a acontecer ou se trata mesmo de uma iguaria que só raramente pode ser apreciada? E a Argentina, tradicionalmente repleta de craques, tornará a se interpor no caminho do Brasil, protagonizando batalhas de resultado sempre imprevisível? O fato é que com a realização da próxima Copa do Mundo no Brasil, em 2014, rivalidades que sempre foram quentes atingirão temperaturas nunca antes imaginadas, atiçadas por uma das torcidas mais fanáticas do mundo.

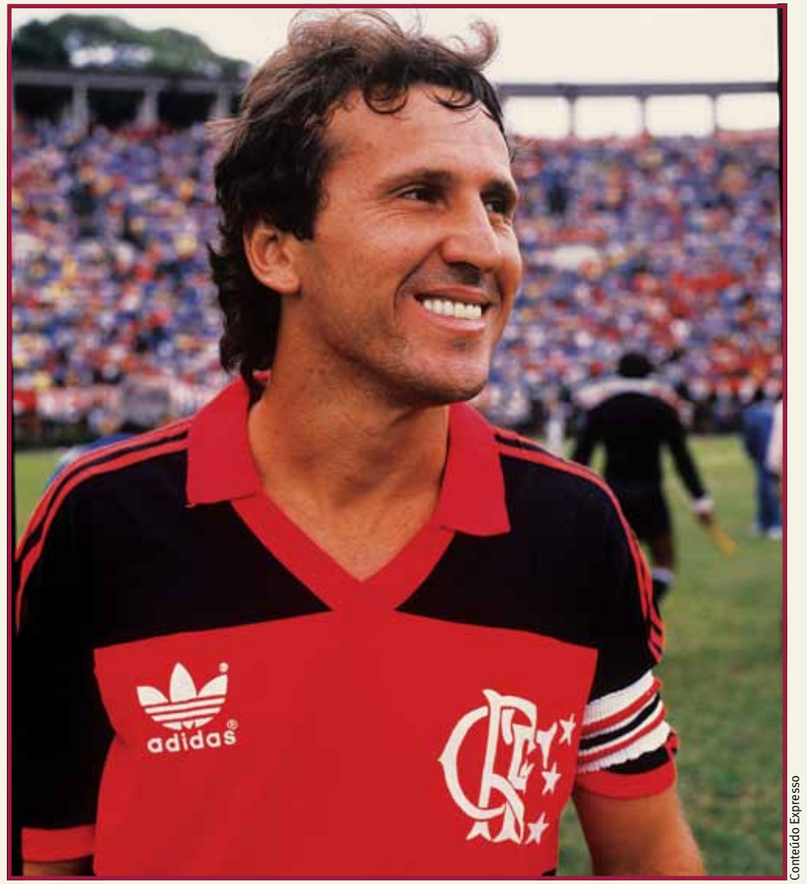
Mário Araújo. *Mário Araújo é escritor e louco por futebol desde 1970. Em 2006, ganhou o Prêmio Jabuti na categoria Contos e Crônicas, com o livro "A Hora Extrema", pela editora 7Letras, e em 2008 lançou o livro "Restos", pela Bertrand Brasil.*

Zico

Arthur Antunes Coimbra, mais conhecido como Zico, foi um dos maiores jogadores brasileiros de todos os tempos. Atuou no Flamengo por 16 anos, tendo marcado mais de 500 gols. Pela Seleção Brasileira, jogou de 1976 a 1989 e assinalou 68 gols. Além de vários títulos no Rio de Janeiro, conquistou também, pelo Flamengo, quatro Campeonatos Brasileiros, uma Taça Libertadores e um Mundial de Clubes. Desde a aposentadoria como jogador, tem atuado como técnico de futebol, dirigindo equipes e seleções de diversos países.

Textos do Brasil: O futebol está cada vez mais globalizado. Mesmo com a crescente mobilidade de jogadores e técnicos, ainda é possível identificar um modo tipicamente brasileiro de praticar o futebol?

Zico: Eu creio que sim. O Brasil se diferencia de outros países por ter um maior conhecimento em relação à cultura do futebol. Em termos de potencial humano, os países africanos, por exemplo, se assemelham muito a nós, embora o Brasil tenha um espírito de competitividade mais desenvolvido. O jogador africano, apesar da qualidade bem similar à do brasileiro, costuma pecar por não entender que o futebol também é resultado, disciplina, tática. O futebol da África tem crescido bastante porque seus jogadores estão indo para os grandes centros e aprendendo isso. Não tenho dúvida de que falta pouco para eles conseguirem um título mundial. Já poderiam até ter conseguido, se tivessem unido essas duas coisas. Acho que a cultura do povo africano tem muito a ver com a prática do futebol. A cultura do Japão já é diferente. Se um japonês tiver que tomar uma decisão individualizada, fazer uma jogada de risco, de criatividade, ele vai ter mais dificuldade porque a cultura deles não é essa; a cultura deles é mais voltada para a coletividade, o grupo. Então, o pessoal tem receio de fazer uma jogada individual, errar, e aí ser criticado, sabe? Eles não ousam porque sentem que estão desobedecendo uma ordem. O perfil dos japoneses é de fazer aquilo que está determinado.



Conteúdo Expresso

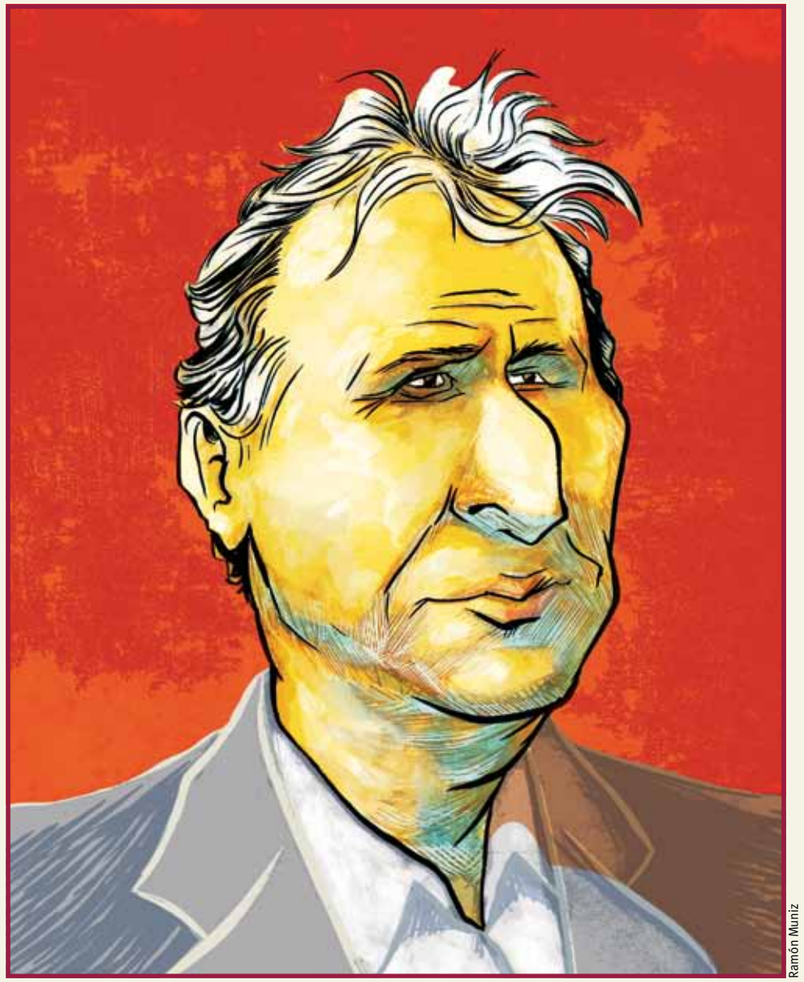
TB: Interessante você mencionar essa relação dos brasileiros com os africanos. O curioso é que os africanos têm preferido técnicos europeus. Fico imaginando como seria se os africanos tivessem técnicos brasileiros, que deixassem o esquema de jogo mais solto, talvez...

Zico: O que acontece é que o técnico brasileiro não é tão valorizado lá fora quanto os jogadores. A ideia é a de que jogador brasileiro não precisa muito de técnico, sabe? As pessoas costumam dizer: “Ah! também com aqueles jogadores que vocês têm lá é fácil dirigir e tal...”. Então, o técnico brasileiro não tem tanto prestígio assim no exterior e os europeus acabam sendo mais requisitados. Para os africanos, que precisam mais dessa parte de disciplina,

de esquema tático, o técnico europeu acaba levando vantagem porque eles acham que um técnico brasileiro não seria capaz de desenvolver tanto esses aspectos.

TB: E, no que diz respeito à torcida, você diria que a torcida brasileira é muito diferente das torcidas dos países em que você atuou?

Zico: Não, não muito. A que eu achei mais diferente foi a da Turquia. Lá, existe uma mentalidade muito particular em relação a questões religiosas, além da própria empolgação do futebol, que é de fato um fanatismo. A forma dos turcos de torcer, de se manifestar, é realmente um caso à parte. No Brasil, na Itália, na Grécia, existe aquela paixão pelo futebol, mas fanatismo igual ao turco, mesmo nos times pequenos, ainda não vi parecido.



Ramón Muniz

TB: Você acha que seria possível comparar o trabalho que você desempenhou durante tantos anos no exterior como técnico com o trabalho de um diplomata, alguém que vai ao exterior para abrir caminhos, para divulgar o Brasil, por assim dizer?

Zico: Isso acaba vindo como consequência, mas, quando fui para o Japão, por exemplo, não tinha muito essa intenção. Me preocupava muito mais a responsabilidade de ter sido escolhido do que esse pensamento de abrir caminhos. Quando a gente adquire um nome, um certo *know-how*, naturalmente o trabalho será mais procurado, e aí é preciso mostrar capacidade. Me chamaram porque queriam que eu ajudasse o futebol a se desenvolver lá. Caso o trabalho seja bem feito, você acaba valorizando de forma indireta a, digamos, "matéria-prima brasileira". Mas não é "eu vou para lá para abrir campo..." Quando fui para o Japão, o objetivo era ajudar o desenvolvimento do futebol profissional japonês com a minha experiência. Então, esse é o pensamento. Mas eu acho que você passa mesmo, principalmente quando tem sucesso, essa impressão de que está vendendo o produto brasileiro.

TB: Naquela época já se tentava organizar uma Copa do Mundo no Japão?

Zico: Não, acho que não... Primeiro, porque o japonês faz tudo com muito planejamento, na base do passo a passo, e também porque não havia ainda essa mentalidade que se vê hoje na FIFA, de promover rodízio e tal. Eu acho que, como o futebol pegou, o público passou a gostar e, logo em seguida, eles também atentaram para essa oportunidade.

TB: Qual a sua opinião sobre o êxodo dos jogadores brasileiros, que, apesar de existir há bastante tempo, agora afeta também jogadores muito jovens, que nem chegaram a jogar no Brasil e já vão para o exterior?

Zico: Acho que isso se deve a uma série de fatores. Primeiro, uma certa omissão da CBF, que lava as mãos quanto ao produto caseiro, à melhoria dos clubes, a promover campeonatos rentáveis para que os clubes tenham condições de permanecer com esses jogadores aqui; depois, a própria questão socioeconômica do País. As pessoas, hoje, querem soluções imediatas. Na minha época de jogador, eu fui para o exterior aos 30 anos, já com uma carreira bastante sólida no Brasil. Grande parte desses jovens que estão aí sofrem muita pressão familiar quando entram no futebol. Os familiares acham que eles têm que resolver os problemas financeiros que eles não conseguiram resolver. Então, o garoto fica sendo a solução da família. Aí, ele recebe uma proposta – com a qual geralmente não dá para competir, porque os clubes estão numa penúria grande – e acaba aceitando. Os clubes não têm como segurar esses atletas... Esses atletas pertencem a empresários. Muitas vezes, os clubes não têm 100% de direito sobre os seus jogadores, e aí fica fácil para qualquer um tirá-los daqui do Brasil.

TB: Imagino que, quando o jogador é preparado numa escolinha, muitas vezes a preparação já é voltada para a venda, como se fosse um produto de exportação...

Zico: É verdade, não existe a menor dúvida disso.

TB: Será que, quando isso acontece, já existe uma influência do jogo europeu? Quer dizer, o jogador já é preparado para jogar na Europa, com ênfase na preparação física, mais que nas qualidades técnicas? O que você acha?

Zico: Olha, se ele vai muito cedo, sim, mas, se ele sai depois dos 16, 17 anos, aí ele já vai com toda uma preparação de base daqui. Vamos dar os exemplos de agora: o Felipe Coutinho, do Vasco; o Wellington, do Fluminense; ou mesmo o Neymar, do Santos: quando forem para o exterior, eles já irão com toda uma preparação de base feita no Brasil, quer dizer, o jogo deles não vai se modificar em nada lá. Eles vão ter apenas uma preocupação um pouco maior com a parte tática. A parte física do treinamento, lá fora, muitas vezes não é tão forte quanto é aqui, então, posso dizer que o trabalho físico que fazemos aqui não deixa nada a desejar. A diferença que existe hoje em termos de preparação física é o início da temporada, que já está começando a deixar de existir lá na Europa, com as grandes equipes. Por causa dos altos investimentos, algumas equipes já estão deixando de fazer pré-temporada da forma como elas faziam, focando na preparação, e vão fazer jogos nos mercados árabes, chineses e japoneses – que é onde eles arrecadam fortunas – para poder ter esses grandes jogadores. O exemplo mais recente é o do Real Madrid, que contratou um monte de gente, saiu jogando, depois foi estourando um por um, e acabou não ganhando nada. Bom, esse era o grande diferencial da

GRANDES JOGADORES

Aldair – 1965

Posição: zagueiro
Clubes: Flamengo, Benfica (Portugal), Roma, Genoa (Itália)
Seleção Brasileira: 1989-2000 (81 jogos, 3 gols)

GRANDES JOGADORES

Falcão – 1953

Posição: volante
Clubes: Internacional, Roma, São Paulo
Seleção Brasileira: 1976-1986 (28 jogos, 6 gols)

preparação física, quando as equipes se preparavam durante um mês, e aí o jogador tinha um lastro até o final da temporada. Em termos de evolução, de desenvolvimento do atleta, não vejo nenhuma diferença daqui, não.

TB: Além da notória excelência no futebol de campo, o Brasil também é um celeiro de grandes jogadores de futebol de salão, com vitórias em campeonatos mundiais etc. Você mesmo começou no futebol de salão. Você acredita que o futebol de salão prepara, de alguma maneira, o atleta para jogar no campo? O primeiro caso que me vem à mente é o do jogador Falcão, um grande craque formado no futebol de salão, mas que acabou não tendo muito sucesso no campo.
Zico: O treinamento de salão funciona se você praticar o campo e o salão ao mesmo tempo. Se você só praticar um ou outro, não dá muito resultado, não. Você fica limitado àquelas medidas por muito tempo. Eu, por exemplo, jogava muito salão na adolescência. Dos 13 aos 17 anos, sempre joguei salão e campo ao mesmo tempo. Salão, eu não jogava federado, mas jogava constantemente, e assim também outros jogadores. Hoje os clubes não estão mais permitindo isso. Alguns até deixam de ir para o clube para jogar no salão porque o salão paga melhor. Então, hoje a questão é mais complicada... Com relação ao resultado no jogo, se o atleta praticar salão e campo ao mesmo tempo, vai embora. Se não fizer isso, vai ser difícil passar de um para o outro.

TB: Na sua opinião, o que significa, hoje em dia, jogar na Seleção Brasileira? Será que tem o mesmo valor que tinha na época do Pelé, ou na sua época?
Zico: Tem, com certeza... Em qualquer situação, todo mundo quer jogar na seleção. É um sonho para qualquer jogador. Todo mundo quer fazer parte, tem prazer de vestir a camisa, tem gana de voltar para a seleção... Acho que sempre vai ser assim. Isso não muda, não.

TB: O que você pensa sobre a Copa do Mundo no Brasil? Os preparativos estão apenas começando, mas, como é que você vê esse processo?
Zico: Eu acho muito importante. O Brasil, pela sua história, por tudo que já fez, pelos grandes resultados obtidos, sempre mereceu voltar a sediar uma Copa do Mundo. Estou torcendo muito para que tudo corra bem e que essa Copa ajude a promover ainda mais o futebol brasileiro.

TB: Sei que você tem acompanhado, mesmo durante o tempo que viveu no exterior, o futebol brasileiro, sobretudo o Flamengo, que sempre foi seu time, no Brasil. Você, em algum momento, sentiu vontade de estar no lugar do Andrade no momento em que ele foi campeão brasileiro pelo Flamengo?
Zico: Não, não... Em nenhum momento isso passou pela minha cabeça. Nunca passou. Acho que o que eu tive que fazer lá eu já fiz, e realmente não me preocupo mais com isso, não. Só torço muito. Torci bastante para que essa vitória acontecesse, principalmente porque fui eu que acreditei no Andrade, que dei a oportunidade para ele se tornar treinador. Ele trabalhou no meu clube durante quase sete anos, participou de todas as categorias. Então, fiquei feliz com o sucesso dele porque, além de ser um ex-companheiro, foi uma pessoa que eu ajudei profissionalmente, acreditando e dando oportunidade para ele crescer.

TB: Quando você encerrou sua carreira de jogador, já pensava em atuar como técnico?
Zico: Não! Acho que eu paguei pela língua... Eu dizia que não queria ser técnico... Mas isso era mais em função da minha rotina profissional, com uma carreira de muitos compromissos, sempre muito ocupado, sem conseguir ter tempo para a minha família. Eu não tinha muito tempo para acompanhar, digamos, o crescimento dos meus filhos, para dar mais oportunidades e atenção a eles. Era isso que não me atraía. A carreira de técnico exige muito mais. Quando você é jogador, se preocupa apenas com você, se você está bem e tal. Como técnico, você se preocupa com uma série de outras coisas: planejamento, adversário, tática... Enfim, tudo o que envolve um time de futebol passa, em grande medida, pelo treinador. Então, eu sabia que ia ser muito exigido, e não queria isso, mas aconteceu, e teve a sua razão. Lá no Japão, eu passei a gostar do trabalho e agora estamos aí na estrada.

TB: Você crê que um dia a Seleção Brasileira vai aceitar ter um técnico estrangeiro?
Zico: Não vejo necessidade de o Brasil recorrer a um técnico estrangeiro para dirigir a seleção, assim como não vejo a Itália, a Espanha e outras grandes seleções tendo que importar técnicos.

TB: Pensando em todas as grandes partidas que a Seleção Brasileira, e mesmo o Flamengo, fizeram, existe algum jogo após a sua aposentadoria como jogador do qual você gostaria de ter participado?
Zico: Eu não penso nessas coisas, não, sabe? Principalmente, porque eu passei muito tempo jogando. Foram muitos anos... Então, ficar me imaginando ali, em uma determinada situação, é algo que eu não costumo fazer. Isso nunca me passou pela cabeça. O que deu para fazer, eu fiz, e pronto.

Zico contra a Nova Zelândia

Conteúdo Expresso

Cicatrizes (uma história de futebol)

Por Luiz Ruffato

Sim, 21 de junho de 1970 tornou-se uma das mais importantes datas da História do Brasil. Afinal, naquele dia a Taça Jules Rimet conquistou-a em definitivo a seleção brasileira, na inesquecível peleja contra a Itália, diante dos mais de cem mil fanáticos mexicanos espremidos no Estádio Asteca, quatro a um, lembra? Mas, 1970 também marca a fundação e glória do efêmero Botafogo Futebol Clube, de Cataguases, o "Botafoguinho" do Paraíso, que, raro caso nos anais do desporto bretão, desmantelou, invicto, após vinte partidas disputadas entre agosto e dezembro daquele ano. E, para avivar a memória, que se vai esvanecendo, construímos esse breve relato.

Desassossegado, seu Miguel garrou a levantar a desoras para pitar o cigarro-de-palha. Insone, deambulava pelo quintal, friagem beliscando os pelos do corpo, cerração acoitando a paisagem, indagando de si para si como haverá de ser agora que o misto parecia mesmo ia ser suspenso, só correriam os trilhos os vagões de minério, não mais os de passageiros, ele, que a família sustentava com o frete da carroça estacionada na Praça da Estação, apoucados os carretos, faria como com os filhos, oito, de-menor, e a casa, essa, ainda no acabamento? E nesta agitação vertia a noite, no pretume agachado, a matutar, e se pé-ante-pé o surpreendia a mulher, "Perdeu o sono, homem?", ele, secarrão, retrucava, "Nada, Creusa. Estou tocaiando um gambá que espantou as galinhas, ouviu não?", ou, "Nada, Creusa. Escutei um risco de pé, achei fosse gente, vim ver...", ou, "Nada, Creusa. Tive a impressão de chamado, ouviu não?", e ela, "Meu dormir é pesado, homem, você sabe..."
... porque livraram-se do aluguel... nem mesmo acreditava... Anos aciganados lugar-a-outro, nem a estimação as crianças apegavam. Esculhambação de senhorios humilhando-o na frente da mulher, dos filhos, vizinhos, estranhos. Marginal não era para tanto impropério!

Ramón Muniz

GRANDES JOGADORES

Zito – 1932

Posição: volante
Clubes: Santos
Seleção Brasileira: 1955-1963
(46 jogos, 3 gols)

Engolia os desaforos, catava os pertences e desarranchavam de manhãzinha, tangendo, furtivo, bancos e meninos-de-colo, panelas e narizes-escorrendo, mesas e cabeças-emperebadas, seu sangue, sua mobília. E assim enviesou quatro-cantos, mão para a boca, envergonhado, endividado, a família espichando, planos anormais bicavam suas ideias, formicida, largar-se no mundo, até, demonstrando que Ele não desampara os seus, o cunhado descobri-los alojados de-favor numa garagem na Vila Teresa, doentes, desmilinguidos, e arrastava-se insolucionada a pendenga, desde o passamento do Justi velho, incendiando inimizades e maledicências e quiproquós, com ameaços de morticínio e advogação de doutor-de-anel-no-dedo, cunha interposta entre a outrora amorosa parentalha, cobiça por terras mal amanhadas no derredor de Rodeiro, pátria de voçoroca e mata-pasto, cupim e caninana, pedra e pó olvidando estarem de-mal, estipular a boa-nova, "Creusa, minha irmã!, minha irmã!" (abraços, lágrimas) "Quanto tempo, meu deus, quanto tempo!", necessitava da sua concordância,
"... fim dessa coisa-ruim... Ajeitamos um acerto
"Compro o seu pedaço! Não é coisa de muita valia, mas se é pra enterrar essa história
"O que precisa é de voltar tudo como antigamente, isso que importa

O lote, no Paraíso, compraram-no a prestações, o bairro ainda banguelo, uma lonjura, nem água, nem força, calçamento então!, e escola?! A rua que afluía transversalmente do Beira-Rio trifurcava ao chegar à mina: ali, o terreno. À esquerda, íngreme, serpeava enfezada, trançadas valetas rompendo a poeira e o capim-gordura, casebres de pau-a-pique e viralatas, o Paraíso dos pobres. Ao centro, escalava uma suave elevação entre mangueiras e abacateiros, casas-de-alvenaria, poços artesianos, cachorros, o Paraíso remediado. À direita, ensaibrada, chácaras de muitos pomares, pastores-alemães e amplas varandas, o Paraíso dos ricos. Só, cercou-o, capinou-o, aplainou a base para o alicerce. Servente, as paredes ajudou a erguer. A laje bateram-na um bando de pinguços, domingo de sol entocado, a troco de bucho e cachaça.

A carroça, pagou-a à vista, ponto na Praça da Estação, cavalo e arreio, preço-de-ocasião, chaleirou-o um vivaldo, para meses após entender que o dito, coleado com algum-alguém 'de-dentro', lhe passara a perna, velhaco!, pois o misto agoniava, não-mais vagões-de-passageiros, que lhe garantiriam, parecia, o futuro, serviço certo de carga-descarga daqui-prali: arroz em casca e limpo, feijão, fubá, açúcar, farinha de trigo, rolo-de-arame-farpado, bacia-de-alumínio, balde, bobina-de-papel, vassoura, corda, fumo, farelo, lampião, lamparina, macarrão, óleo, querosene e, enfurnados em sacos-de-estopa, leitões, frangos, patos, gatos. Mudaram num sábado ranzinza e empossaram-se das paredes sem-reboco, do chão de terra-batida, dos cômodos sem portas, ausentes mobílias. Água para beber e cozinhar e lavar roupa e tomar banho buscavam na mina, sol-nascia-se-punha rastos de pingos estrelados na poeira. Necessidades faziam na 'casinha', na claridade, e no penico, nas intempéries, no após-o-ângelus. *Logo*... E planejava vermelhão no piso, paredes azuis-claras, janelas azuis-escuras, poço com bomba, banheiro com bojo, e fogão-a-gás e roupas-novas para a filharada e dentadura para a esposa e um poldro zaino para o lugar do pangaré pedrês e e e
as bicicletas operárias encontravam-no escuro ainda na bica, bom-dia-seu-miguel, desacorçoado ferventando na cabeça a ganhação do dia, e aflito largava o ponto, tão-logo desincumbia-se das mercadorias idas-vindas no misto, para percorrer os mais longínquos bairros, Justino, Matadouro, Dico Leite, Ibraim, Santa Clara, Leonardo, a-soldo no transporte de areia e pedra-britada e cimento e pedra-marruada e tijolo e esterco e lenha e grama e paralelepípedo e tudo, "Vai esfolar esse infeliz, ô Miguel", alertavam insucessos os conhecidos, até
... cansado... o fôlego curto... bolo na garganta... aperto no peito... um troço esquisito...

"Pode ser coração, o doutor Romualdo falou", explicou à mulher, que, desesperada, largou de bater a roupa na tábua e precipitou-se casa adentro, "Ai, meu deus!, que tragédia!, que desgraça!, por que essa provação, meu deus?, que mal eu fiz?, que mal eu fiz?", desmoronou de bruços na cama, pranteando-se, acendendo um rastilho de pavor no marido, quer dizer então que... talvez... aquele negócio... podia ser... severo... e

Morrer...
o pai pegou a lamparina, saiu, os cachorros ganiam e mijavam amedrontados, cartucheira à mão, um bicho-qualquer rondava o galinheiro, a ventania úmida rolava-arremessava as nuvens, roncavam trovões, coriscavam relâmpagos no céu negro, "Põe a botina, homem", a mulher gritou à janela, vendo a luzinha frágil desaparecer surda atrás da tulha, as crianças, abrigadas sob a mesa da cozinha, cisma de temporal, ouviram o estouro, raio ou tiro, berraram, vacilante a mãe indecidia-se em sofrear os filhos, pingos dedilharam as telhas

GRANDES JOGADORES

Toninho Cerezo – 1955

Posição: volante
Clubes: Atlético Mineiro, Roma, Sampdoria (Itália), São Paulo, Cruzeiro
Seleção Brasileira: 1977-1985
(58 jogos, 5 gols)

martelaram batucaram, a chuva abateu em fúria, látegos chacoalham a taipa, dança o teto na zoeira, vozes chapinham, “Nilda! Nilda!”, arreganha a porta o vento frio arruaça os cômodos, “... a cobra... a surucucu... a cobra...” Naquela noite, as águas transbordaram do açude, deitaram o arroz, arrastaram um garrote, escarafuncharam a trama de bambu-e-barro de duas choças, recolheram laranjas limões e abacates, arrancaram pés-de-pau, arruinaram a estradinha que deságua em Guidoval. A manhã despertava lambendo-se ao sol, quando os lábios rachados do pai, inchado e vomitando sangue, moveram-se para testemunhar e cerraram-se, abandonando a plasta malcheirosa que restava sobre o catre.

Morrer...

novo, meu Deus, muito novo! Quantos anos? meses? dias? horas? lhe pertenceriam ainda? Necessitava tanta coisa! Ao menos acompanhar a filharada encorpar, encaminhar-se, pedia muito? Quanta mágoa por não ter tido uma família de-sua!... A mãe, enterrado o marido, enjeitou a prole, perdeu-se no mundo, andeja e falante, bicho asselvajado sem pouso e juízo. Os dez irmãos repartiram-nos pelas redondezas, separados por serventia: os mais velhos, que já podiam manejar o

Conteúdo Expresso

cacumbu, empregados; os mais pequenos, por piedade, incorporados às criações; os do meio, para engorda, agregados. Seis anos, Miguel, embichado e raquítico, amarelo e quebradiço, pulou de fazenda em fazenda, malquisto, até ser pego por uns cultivadores de mudas de laranja em Dona Eusébia, onde, até pela morte desprezado, medrou entre viveiros de plantas e enchentes do Rio Pomba. Nunca soube dos outros, se vicejaram, se converteram-se em pessoas-de-bem, se desandaram. Rude, murcho, deserto, observava a mulher, as crianças, cabeças apoiadas em seu colo, fim de tarde, serena a catar piolhos; ou circunspecta na hora do banho a esfregar a bucha para arrancar a caraca; ou alegre à noite em volta de uma bacia de pipoca a contar casos de quando em Rodeiro; ou brava a passar mertiolate nos machucados; ou terna a fazer maria-chiquinha nas meninas; ou compungida a ensinar músicas da igreja... e ele arredio, xucro, arisco, imaginando gestos de carinho e só se apresentando para o esculacho, a tunda, a surra, como se fantoche lhe movessem as pernas e os braços o diabo, como se lhe espremesse a cabeça a vergonha caso amado fosse.

E acabrunhou-se, ânimo algum o afastava do quarto, o Rex amuado ao pé-da-cama, suspirosa a mulher batendo-cabeça lá-e-cá. Sentidas, as crianças adiaram brigas, correrias, traquinagens, gritaria e lutuosas fungavam quintal e corredor.

Inclinado à janela tardo-vespertina, o cigarro-de-palha penso dos lábios, seu Miguel reparava o ocaso
uma galinha escarva o chão duro, piam álacres os pintinhos
resignado, o pangaré mastiga o pasto seco do terreno vizinho
diligente, a mulher recolhe a roupa do varal
passa um conhecido, **’tarde, seu Miguel**
meninos jogam bola na rua
aroma de café
lânguido, um gato ressona sob uma touceira de erva-cidreira
baldes dágua, seguem a vizinha, os filhos, **’tarde, Creusa**
acende o cigarro-de-palha
uma das filhas afaga o Rex
uma bicicleta, **’tarde, seu Miguel**
a mulher, **Está com fome não, homem?**, pega o ferro-de-passar-roupa
outras duas filhas brincam de casinha, à porta-da-sala
cabelos molhados, um uniforme caminha à escola
meninos jogam bola na rua
uma bicicleta, **’tarde, seu Miguel**

GRANDES JOGADORES

Lúcio – 1978

Posição: zagueiro
Clubes: Internacional, Bayer Leverkusen (Alemanha), Bayern München (Alemanha), Internazionale
Seleção Brasileira: 2000-2010 (89 jogos, 4 gols)

acende o cigarro-de-palha
dois vizinhos a pé, **Como vai indo, seu Miguel?**
uma família crente, cabelos longas roupas, terno-gravata
resguardadas, as galinhas pipilam
obsessivo, o gato mia na cozinha
língua de fora, o Rex vem da direção da mina
os meninos tomam banho-de-cavalo
lenha queimada
grilos sapos grilos sapos
uma bicicleta-de-carga, compras
acende o cigarro-de-palha
o lusco-fusco
cheiro de arroz refogado
chia um rádio
'noite, seu Miguel
vagalumes
a paisagem turva a escuridão
vagalumes
lança fora o cotoco do cigarro-de-palha, fecha a janela, senta-se à cama, não, não podia continuar assim, entregue, pacífico, tinha que lutar, fazer alguma coisa qualquer. Já acordado ao despertar o relógio, levantou, aspirou a enjoativa fragrância da madrugada e, calcando receoso o silêncio, esquivou-se das sombras espessas, perfilando-se frente ao prédio do INPS para tirar uma ficha.

O médico, champoliando a garatuja da receita, recitou **Quinicardine três vezes ao dia, Digoxina um pela manhã.** "... arrumar um troço qualquer pra distrair a cabeça..."

(À frente Jesus, comprida cabeleira, longa túnica branca, homens e mulheres, conhecidos alguns, sobem devagar o morro escarpado. Ao alcançar o topo, suspendem a marcha. Um rapaz, a cara do Zelito, irmão nunca mais visto, cruza perpendicularmente o ajuntamento candeando uma vaca em chamas. O animal segue lento, lastimoso, conformado. Pensa chamá-lo, mas, "Miguel!", ouve a convocação. Assustado, aproxima-se. Jesus deposita a mão pássara em seu ombro esquerdo e, volvendo para a direção de onde se deslocavam, fala, brando, "Miguel, você andou de lá até aqui", apontando um minúsculo casebre, da chaminé um fio risca a paisagem. Após, volvendo para onde se deslocavam, "Falta pouco agora", diz, apontando uma estreita trilha que coleia monte abaixo. Miguel afasta-se, começa a descer sozinho. Alguns passos mais, volta-se, imóvel o grupo permanece. Lá longe, Zelito (seria mesmo o irmão?), conduzindo a vaca em chamas, desaparece atrás de uma enorme pedra.)

A chaleira encheu novamente a caneca de café fervente, Miguel chupou o cigarro-de-palha, "Preciso de tomar um jeito, Creusa", falou, observando, de soslaio, pelo ângulo da janela, o menino entrar no terreiro, cavalo encabrestado, a carroça cabeçalho braços erguidos aos céus. Este, o terceiro filho-homem, calculando do mais velho para trás, Paco, Paquinho, desengonçado que nem paquinha, gracejavam, abria o bué, resignou-se. Dependesse, corria atrás de bola sol a sol, o atentado! "Tem que ralhar com ele, homem, não quer saber de estudo, nada", a mulher comentou, invadindo as ideias do marido. "Vive enrabichado na Vila Teresa..." "Vila Teresa?!"

- Lá tem campinho, pai...
- Aqui não?
- Não tem time...

Centerfór raçudo, em Dona Eusébia trocava bailes por peladas. De segunda a sexta revirava conversas para saber locais de rachas. Domingo, calção e camisa, defendia-se, chutes pernadas dribles empurrões socos murros cabeçadas mordidas beliscões cotoveladas escanteios soladas faltas xingamentos laterais tostões cusparadas gols e, escalavrado, canelas roxas, dedos-dos-pés tortos, unhas lascadas, costelas doridas, olhos raiados, dentes quebrados, tratava de mudas de laranjas e limões. Casado, abandonou o futebol pelas gravidezes. Enrijeceu, perna-de-pau.

Então...

Entre carretos, assuntava, fantasista. Cataguases tem Flamengo; Vasco, do Leonardo; América, da Granjaria. E, agora, também haverá Botafogo, do Paraíso!

Apalavrados:

vereador Ivo do Bazar Menezes: quinze camisas-de-malha brancas, gola-careca
doutor Romualdo: duas camisas-de-goleiro pretas
doutor Normando: vinte e quatro pares de meiões brancos

Chuteira, calção e suporte, intimidades, cada um o seu carrega.

Do comércio do Beira-Rio arrecadou doação e negociou tubos de tinta Guarany preta e Acrilex branca. E uma bola-de-couro oficial número cinco e uma caixa-de-isopor.

Fim-de-semana, Creusa sapecou o corpo na caloria de um fogareiro-de-serragem ferventando camisas-de-malha brancas

GRANDES JOGADORES

Zizinho – 1921-2002

Posição: meio-campo
Clubes: Flamengo, Bangu, São Paulo
Seleção Brasileira: 1942-1957
(53 jogos, 30 gols)

GRANDES JOGADORES

Jair da Rosa Pinto
1921-2005

Posição: meio-campo
Clubes: Vasco, Flamengo, Palmeiras, Santos, São Paulo, Ponte Preta
Seleção Brasileira: 1940-1956
(39 jogos, 22 gols)

Conteúdo Expresso

regurgitando água preta, pitadas de sal para firmar a cor, empós quarar, secar, dobrar, "Custa nada proceder esse gosto, coitado..." Zé Peixe, solícito rapaz vizinho no Paraíso dos pobres, pintou com esmero a numeração nas costas, fez fôrma, desenhou escudo, escreveu em-dentro BOTAFOGO F.C., e decalcou com asseio no coração de cada jaqueta, coisa de artista, "Vai longe, esse", cheiro de acrílico domando a casa, seu Miguel nem mais alembrando do coração manco.

O elenco arregimentou-o boca-a-boca, gente moradora de ali-por-perto, encostados no banco-de-reservas do Flamengo, do Operário, do Manufatora, do Cataguases, veteranos e juvenis, valorosos e descontentes, até um diz-que sobrinho do Friaça, aquele da final contra o Uruguai, dois-a-um, Maracanã, Copa de 50, seboso e mascarado, treteiro e falastrão, entrou-saiu do escrete ainda no primeiro treino, desaforado!

E partidas vieram e vitórias.

De começo, tímidas, como a estreia, despovoada de torcida, um-a-zero contra o Vila Teresa, no alto do Paraíso, onde, chutada, a bola escorria dezenas de metros, até a amparar uma touceira, uma arvrinha, restos de gravetos secos. Quarto jogo, entretanto, afamado o time, arrastava a molecada a bunda barranco abaixo para retomar a bola; vendedores de laranja, de garapa, de picolé, de algodão-doce, de pipoca, arrodeavam as laterais; namoradeiras grasnavam ais de gulodice; e os olhos todos perplexos assistiram o três-a-um sobre o Vasco, que até campeonato da Liga Esportiva Cataguasense disputava...

Judicioso, seu Miguel segredava para em-antes das pelejas pouco comer no almoço, abstinência do beber e do fumar, Iodex nas coxas, faixa-de-gaze nas canelas e o pelo-sinal quando nas quatro-linhas adentravam. Nas contusões, gelo, Emplastro Sabiá, Beladona. Senhor, instruía, xingava, provocava, alertava, modificava, substituía, vibrava. Tratava embates e coletava apostas – paternalista, dividia o 'bicho' em barulhentas rodadas de cerveja e cachaça e cigarro. Estratego, em grupo rumavam coesos bicicletas ao terreno adversário, desassombrados e acintosos, valentes e intimidativos, anus-pretos, por destemor.

Reputados, sobreveio o inaugural desafio intermunicipal – nona partida, pelo Zé Peixe, contabilista de fichas-técnicas, que, incompatibilizado por ruindade, mas porém entusiasta, a tudo se alinhava. E, no deslocamento a Astolfo Dutra, para digladiar com o Portuense, teúdo e manteúdo de renome regional, alugaram o caminhãozinho International KB-6 do Zé Pinto, da Vila Teresa, enguiço, suor e poeira, incontestável e aritmético dois-a-um. Encachoeirados, outros certames: Spartano, de Rodeiro (dois-a-zero), Primeiro de Maio, de Miraí (um-a-zero), Cruzeiro, de Guidoval (três-a-um). Afora, os manjados Bairro-Jardim, Brasil, América... Em resumo, apenasmente não passaram-a-fio os gigantes Operário, Flamengo, Manufatora e Cataguases.

A Rua do Comércio faiscavam luzinhas adornando as lojas, despojos desejos expostos em vitrinas decoradas, Natal.

Domingo, vinte, seu Miguel espertara a manhã zanzando sem-lugar no aguardo do cata-níquel fretado pelo doutor Normando, que conduziria o plantel a Recreio para o enfrentamento com o Ideal, interdita a viagem a caminhão, já que transitariam pela Rio-Bahia, meu deus, a Rio-Bahia!, gente ali havia que nem sequer Leopoldina conhecia... Às onze, encostou junto ao meio-fio do bar do Auzílio,

GRANDES JOGADORES

Didi – 1929-2001

Posição: meio-campo
Clubes: Fluminense, Botafogo, Real Madrid, Sporting Cristal (Peru), São Paulo
Seleção Brasileira: 1952-1962 (68 jogos, 20 gols)

a charanga surdo-repinique-tamborim-zabumba-pandeiro-apito
choramingando por favor, vai embora,/ minha alma que chora,/ está vendo
meu fim./ Fez do meu coração a sua moradia,/ já é demais o meu penar,
e iniciou-se a carregação, sacos de laranjas, lima, baía, campista,
cascadas, e água-da-mina e dois garrafões de sangue-de-boi e a bolsa-
de-massagem e um barrilzinho de cachaça-curtida e quatro dúzias
de foguetes e o saco com uniformes e a caixa-de-isopor com gelo, e
pouco-em-pouco assomaram os atletas, comidos e satisfeitos, seu
Miguel, à porta, dentes às escâncaras, inspecionando. Sol a-pique,
última conferência, "Pode fechar... Vambora, meu povo!", o motor
arranhou, tossiu, resfolegou, zangou-se, calçõezinhos e viralatas
escoltaram as rodas até extenuados renunciarem, felizes.

Paco sombreava, xodó, desde a estreia, "Meu amuleto", seu
Miguel exibia-o, orgulhoso. Agora, à janela, especulava a trêmula
paisagem que ardia lá fora, bois, cupins, urubus, casebre abandonado,
árvores, cachorro, urubus, charrete, sombrinha, chapéu, andarilho,
urubus, nuvens, dormitam alguns, sussurram outros, ri aquele, o pai
vaga pelo corredor, sonha talvez, *Ano que entra...*

Sobre arquibancadas vazias, desmorona a tarde quente
carrinho-de-picolé
o bêbado macaqueia passos de um samba improvável
um vira-lata alardeia-se em covardia
o doido cospe palavras grunhidos parvoíces
um mico acata desconfiado pipocas das mãos
de um deslumbrado garoto
o soldado assiste displicente aos passes
uma preguiça flecha em repouso arranha o tempo trepada num oiti
o vento acaricia as folhas das mangueiras que espiam por sobre o muro
dois-a-zero

e esgotam os garrafões na farra do sangue-de-boi e estouram
quarenta e oito foguetes e fatigados recordam zenãomente lance-a-
lance a partida e esfomeados incitam o motorista, **Lesma!**, a ir mais
depressa, entrecortando a cantoria a fala do seu Miguel, comovido,
"Nossa senhora!, porque sinceramente..." Imperceptível, a noite
apaga o lá-fora...

O ônibus transpõe o pátio irregular, sem calçamento, de um
posto-de-gasolina, "Tem que abastecer", antecipa-se o chofer aos
protestos, estaciona juntas estralando frente ao bar de lâmpadas
enfermas e desembarcam todos ao mictório. Embora a bexiga cheia,
Paco pensa permanecer, de longe espreitando a bagunça que anima o
elenco, mas o pai o incita, "Vamos lá esticar as pernas, falta um bom
trecho ainda", e, voluntarioso, desce, infundindo-se no calor, luzes dos
faróis que pirilampam a Rio-Bahia.

Acanhado, para não mijar com os mais velhos invade a
escuridão, cricris de grilos, semi-incêndios de vagalumes, bumbo de
sapos, zunzuns de pernilongos, dois cavalos estendidos assustam-
se levantam-se afastam-se, apático um cachorro fareja o chão. Às
cegas, busca um lugar para se aliviar, esbarra em dois escangalhados
caminhões, gêmeos em sua desamparada ruína. Intrigado, vazias
as boléias, passos descalços movem-se temerosos curiosos, entre
as carrocerias de lonas esburacadas pareceu escutar sussurros,
murmúrios, para. Orelhas afiladas, coração açulado. O breu. Ribombam
motores que irrompem da Rio-Bahia. Passos descalços movem-se
temerosos curiosos, perfila-se à traseira do F-600, da boca da capota
exala mau hálito. Receoso, seus dedos miúdos arrojados franqueiam
uma pequena fresta
do fundo da treva brilham dezenas de faíscas alumiando seu pálido
rosto aterrorizado, "Menino, onde é aqui?", uma débil voz indaga,
ignoto sotaque; paralítico o corpo estaca, mãos esqueléticas rostos
encaveirados, "Que povoado é esse, menino?", e, seca, a língua é
medo e é pavor, "É São Paulo já?", avoluma-se o burburinho, "É?",
e descarnados braços oferecem-se em murchas bocas, "Vai pra São
Paulo também?", geme um neném, "Amonta aqui!", risos, "Ô, menino!"
e na correria pálido choca-se com o pai, impaciente, mastigando a
ponta do cigarro-de-palha, à porta do ônibus, "Estava todo mundo te
esperando, raio!
Entra logo, vai!".

De *Vista Parcial da Noite* (Rio de Janeiro: Record, 2006)

Luiz Ruffato. *Escritor, nasceu em Cataguases (MG). Tem publicados:* Eles Eram Muitos Cavalos *(2001), também editado na Itália, França, Portugal e Argentina;* De Mim já nem se Lembra *(2007) e* Estive em Lisboa e Lembrei de Você *(2009). Além disso, desde 2005 desenvolve o projeto* Inferno Provisório, *composto por cinco volumes, dos quais quatro já lançados:* Mamma, Son Tanto Felice *e* O Mundo Inimigo *(ambos de 2005, e editados também na França),* Vista Parcial da Noite *(2006) e* O Livro das Impossibilidades *(2008).*

GRANDES JOGADORES

Gérson – 1941

Posição: meio-campo
Clubes: Flamengo, Botafogo, São Paulo, Fluminense
Seleção Brasileira: 1961-1972 (70 jogos, 14 gols)

CURIOSIDADES

Cafu é o jogador que mais atuou pela Seleção Brasileira, com 142 jogos, entre 1990 e 2006. Em Copas do Mundo foram 20 partidas.

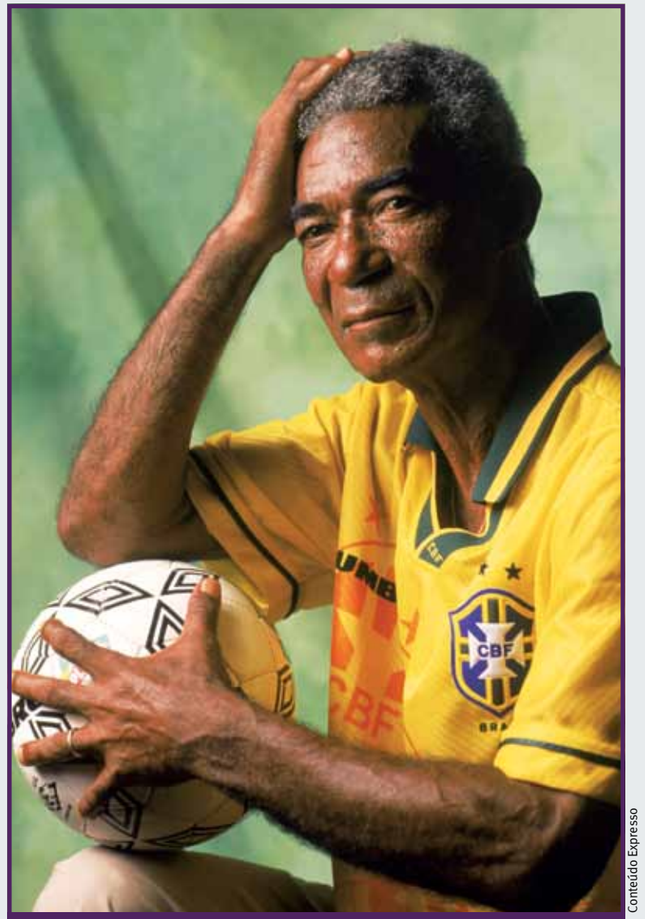
Futebol e **literatura:** desencontros e tabelas

Por João Cezar de Castro Rocha

DESENCONTROS?

O tema "futebol e literatura" desperta alguma perplexidade. É como se a importância do jogo na cultura nacional não tivesse uma representação à altura na ficção. Porém, basta pensar na obra de Nelson Rodrigues, tanto como dramaturgo quanto como cronista, para reconhecer que futebol e ficção tabelam como gente grande e marcam com frequência gols de placa. Se em suas peças, o futebol, e especialmente a paixão que caracteriza o torcedor, muitas vezes ajuda a desenhar certo tipo – o carioca – e determinada atmosfera – o subúrbio da cidade do Rio de Janeiro – em suas crônicas, o tema assume ares de revelação da própria identidade do País.

As definições do autor de *A Falecida* são amplamente conhecidas: sabemos, graças a ele, que a seleção é a pátria em chuteiras, e que a vitória sobre os suecos, em 1958, não apenas permitiu que superássemos o trauma de 1950, mas também levou à superação do complexo de vira-latas que acompanhava o estigma do Brasil como uma civilização mulata. Na final de 1958, quando os suecos abriram o placar aos quatro minutos do primeiro tempo, impondo um inesperado 1 a 0 para os donos casa, o fantasma de 1950 pareceu retornar. Contudo, coube ao "Mr. Football", como a imprensa europeia referia-se a Didi, realizar o gesto liberador. Com a elegância que o caracterizava, Didi colocou a bola debaixo do braço como se nada tivesse acontecido e calmamente caminhou em direção ao meio de campo: controle absoluto das emoções e, sobretudo, certeza da superioridade do futebol brasileiro; futebol negro e mestiço de Didi, Garrincha e Pelé[1]. Por isso, o triunfo em 1958, repetido quatro anos depois, permitiu a revalorização da mestiçagem, como se os jogadores do escrete verde e amarelo fossem todos leitores entusiasmados de *Casa-grande & Senzala*. Por isso, o jeito brasileiro de tocar a bola revelaria muito mais do que uma incomum habilidade puramente atlética. Nas palavras de Nelson Rodrigues: "Repito: o brasileiro é uma nova experiência humana. O homem do Brasil entra na história com um elemento inédito, revolucionário e criador: a molecagem"[2]. Trata-se do "jogar bonito", no vocabulário contemporâneo, e que nem sempre empolga os técnicos da seleção.



O craque Didi, que a imprensa europeia apelidou de Mr. Football

Conteúdo Expresso

Contudo, o meio de campo nem sempre parece tão harmônico: se o futebol ajuda a desvelar o "Brasil profundo" e, portanto, deveria interessar diretamente à tradição do pensamento social brasileiro, na prática a teoria é outra. Leia-se, por exemplo, a reflexão de José Miguel Wisnik num livro de grande importância acerca da centralidade do futebol na formação da cultura brasileira: "O leitor a quem se dirige esse livro não é evidente: em geral, quem vive o futebol não está interessado em ler sobre ele mais do que a notícia de jornal ou revista, e quem se dedica a ler livros e especulações poucas vezes conhece o futebol por dentro"[3]. Abrir-se-ia, assim, um hiato entre o cotidiano da sociedade e o pensamento social brasileiro, como

1 Um excelente compacto do jogo encontra-se disponível no link, embora só mostre o final da caminhada decisiva de Didi: http://www.youtube.com/watch?v=og7TSlkY1xc.
2 RODRIGUES, Nelson. "O escrete de loucos". In CASTRO, Ruy (org.). *A pátria em chuteiras*. Novas crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 81. Crônica originalmente publicada em *Fatos & Fotos*, edição especial, junho de 1962.
3 WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio*: O futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 11.

GRANDES JOGADORES

Ademir da Guia – 1942

Posição: meio-campo
Clubes: Bangu, Palmeiras
Seleção Brasileira: 1965-1974 (10 jogos)

se a excessiva proximidade do futebol, onipresente em todas as esferas sociais, dificultasse a sua transformação em objeto de estudo. Talvez por isso Ivan Cavalcanti Proença tenha adicionado um bem-humorado pórtico ao livro *Futebol e Palavra*, "'Currículo' no Futebol", no qual se descobre a trajetória ininterrupta de um jogador de final de semana: "No início da década de 40, como infantil, jogou no Cerâmica Futebol Clube ali de Mangueira, aquele campo que até hoje ali está (...). Hoje, joga com os veteranos do Clube dos 30 em São Conrado, aos domingos, e nos do Fluminense, aos sábados"[4]. Desse modo, a prática de peladeiro contumaz legitimaria o conteúdo do trabalho, ou pelo menos revelaria a intimidade do autor com a bola, ou seja, com o tema de seu livro.

Portanto, como se viu, é como se um abismo se abrisse entre o futebol, prática definidora do dia a dia de boa parte dos brasileiros, e a reflexão sobre sua importância. E isso apesar do esforço de antropólogos como Roberto DaMatta. Na sua opinião, "se o Oswald de Andrade, autor da ideia modernista de canibalização cultural, tivesse entrado um dia no estádio do Corinthians, teria imediatamente verificado que estava diante da concretização, de uma expressão perfeita, de tudo aquilo que ele estava falando"[5]. Como veremos adiante, a importância simbólica do futebol não espaçou ao poeta da poesia Pau-Brasil, mas o antropólogo tem razão, afinal, se as regras do futebol moderno foram sistematizadas na Inglaterra, foi mesmo no Brasil que o esporte bretão tornou-se sinônimo de arte e malandragem – mais ou menos como ocorreria mais tarde com o jiu-jítsu, arte marcial japonesa a tal ponto transformada nos tristes trópicos pela família Gracie que hoje em dia se diz em inglês "Brazilian jiu-jitsu". É um fenômeno antropológico de grande interesse a apropriação brasileira do futebol e do jiu-jítsu, e o êxito dessa apropriação explicita-se na exportação ininterrupta de nossos melhores jogadores e lutadores. O antropólogo também organizou um livro dedicado ao tema, *Universo do Futebol*, ajudando a revelar aspectos propriamente rituais do futebol na sociedade brasileira. Isso é, DaMatta compreende o futebol como um drama, cujos atores, ainda que inconscientemente, encenam as relações que estruturam a sociedade. Então, em tese, o pé atrás que parece opor futebol e teorização a seu respeito traz à tona um nó górdio de grande interesse teórico, pois os problemas enfrentados pelo analista: "(...) são os problemas da nossa própria sociedade, daí a dificuldade em percebê-los e discuti-los"[6].

Na literatura, ao que consta, a tabelinha futebol/literatura também conhece obstáculos. Flávio Moreira da Costa editou a indispensável antologia *22 Contistas em Campo* reunindo na maioria autores brasileiros, mas sem deixar de escalar nomes estrangeiros, como Mario Benedetti e Horacio Quiroga. Na introdução, ele afirmou: "Os escritores brasileiros têm sido acusados de não tratar bem do tema, ou simplesmente de ignorá-lo". Um pouco adiante, reconheceu: "Não tenho explicação no bolso para esta falta, praticamente na marca do pênalti, embora considere apressada qualquer conclusão tipo elitismo de artista"[7]. Ora, na seção "Postes da Light", incluída em *Pau-Brasil*, Oswald de Andrade compôs um autêntico *ready-made* que talvez ajude a compreender essa questão de uma forma renovada. Não se trata de uma resposta definitiva, mas de uma maneira alternativa de encarar o problema. Em primeiro lugar, recordemos o poema:

A Europa curvou-se ante o Brasil
7 a 2
3 a 1
A injustiça de Cette
4 a 0
2 a 1
2 a 0
3 a 1
E meia dúzia na cabeça dos portugueses

Esclareça-se a circunstância do notável *ready-made* linguístico. Em fevereiro de 1925, o Clube Atlético Paulistano, capitaneado por Arthur Friedenreich, embarcou para uma série de amistosos na Europa. No dia 16 de março, o triunfo principiou de maneira indiscutível: os brasileiros venceram um combinado francês por um folgado 7 a 2, isto é, o primeiro verso do poema de Oswald. E os demais versos referem-se de igual modo a resultados de jogos da excursão. Por exemplo, 4 a 0 foi o placar contra o Bastidienne, de Bordeaux; 2 a 0, a vitória contra o Berne Futebol Clube – na Suíça os atletas do Paulistano também derrotaram o selecionado nacional por 1 a 0, mas Oswald talvez tenha considerado o placar pouco poético e deixou de mencioná-lo. Já o 2 a 1 coroou a vitória em dois certames: contra o Clube Atlético do Havre e contra um combinado de Estrasburgo. Em Portugal, um triunfo fácil: 6 a 0 contra o time da Casa do Pio – a torcida portuguesa, ao que tudo indica, permaneceu em silêncio. A única derrota ocorreu na cidade francesa de Sète para o time local. E ainda assim uma derrota "digna": Cette 1 a 0. Nas palavras de Friedenreich: "Naquela tarde, a neve nos derrotou"[8]. De qualquer modo, no total, foram 11 jogos, nove vitórias, uma derrota e um empate e, o mais importante para o torcedor, o time brasileiro marcou 30 gols, dez dos quais do grande craque da época, Friedenreich. O retorno ao Brasil foi triunfal, com recepções em diversos estados e uma acolhida apoteótica na cidade de São Paulo. Os jornais não se fartavam de proclamar a superioridade nascente do futebol tupiniquim e reproduzia-se com grande entusiasmo a principal manchete dos jornais franceses: os jogadores brasileiros eram mesmo "les rois du football". Não surpreende, pois, que os políticos da época aproveitassem a carona para melhorar sua arranhada popularidade: "No Catete o Presidente Artur Bernardes os espera. Faz questão de cumprimentar um a um. '– Quero um autógrafo'"[9]. Como se sabe, Bernardes governou lançando mão do estado de sítio durante quase todo o período de seu mandato, logo, qualquer ocasião de descontração era bem-vinda. Aliás, sua atitude pode ser vista como um triste prenúncio da

CURIOSIDADES

O colombiano Rincón (Palmeiras e Corinthians) e o equatoriano Reasco (São Paulo) são os jogadores estrangeiros que mais vezes foram campeões brasileiros, com três conquistas cada.

4 PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Futebol e literatura.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1981, p. XIII e o. XIV.
5 DAMATTA, Roberto. Entrevista: "O futebol é a maior escola de democracia". *Revista História da Biblioteca Nacional.* Ano 1, Número 7, Janeiro de 2006, p. 47.
6 DAMATTA, Roberto (org.). *Universo do Futebol*: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p. 22.

7 COSTA, Flávio Moreira da. "Jogo preliminar: ficção X futebol". In COSTA, Flávio Moreira da (org.). *22 Contistas em Campo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 12.
8 Recomendo a página do Clube Paulistano, que, além de dados completos, possui fotografias de época: http://www.paulistano.org.br/upload/editor/file/livros/70anos/cap_04.pdf. Para a declaração do jogador, ver a página 68.
9 *Idem*, p. 62.

GRANDES JOGADORES

Paulo César Lima – 1949

Posição: meio-campo
Clubes: Botafogo, Flamengo, Olympique Marseille (França), Fluminense, Grêmio, Vasco, Corinthians
Seleção Brasileira: 1967-1977 (58 jogos, 8 gols)

sina do esporte em geral e, mais particularmente, do futebol sul-americano, como se evidenciou na manipulação levada a cabo pelas ditaduras militares brasileira e argentina do triunfo de suas seleções, respectivamente em 1970 e 1978.

O poema de Oswald acertou no alvo, ou seja, é como se o futebol já ocupasse um tal lugar no imaginário cotidiano que sua transformação em matéria de ficção apresentasse uma dificuldade nada desprezível. Daí sua solução engenhosa, transformando o simples placar de jogos em inspirados versos. Dificuldade ainda maior porque mesmo no campo da linguagem o futebol entra em campo: "Assim, o nosso léxico se amplia pelo aparecimento de termos ligados ao esporte de massas, principalmente o futebol (...)"[10]. No já citado livro de Ivan Cavalcanti Proença, tarefa similar foi cumprida com brilho e tendo como protagonista o próprio jogador: "Passaremos agora à etapa que consideramos fundamental, razão de ser mesmo, deste trabalho: o mundão vocabular do jogador de futebol – seus 'dribles' vocabulares, suas metáforas, seus 'negaceio', sua malícia e ironia, seu poder criativo enfim". De fato, num apêndice delicioso, denominado "Mundão vocabular"[11], o autor reúne 30 páginas com verdadeiros lances de gênio. Vejamos uns dois ou três exemplos:

"AÇOUGUEIRO – Jogador violento; *carniceiro*"[12].
"MACAQUINHO NAMORADO DA GIRAFA – O jogador que sobe e desce, apoia e defende, cansando-se (o macaquinho sobe e desce para beijar a namorada girafa)"[13].
"PANELA DE PRESSÃO – Estádio do Maracanã"[14].

Esses dois fatores, contudo, não parecem capazes de por si só explicar a falta mais constante de passes entre futebol e literatura. Afinal, nada impede que temas atuais e mesmo onipresentes estimulem a imaginação ficcional; muito pelo contrário, como a tradição literária o prova com abundância de exemplos. Do mesmo modo, a riqueza linguística do futebol apenas deveria favorecer trocas fecundas entre os dois universos. Voltamos à inquietação de Flávio Moreira da Costa.

A CRÔNICA ESPORTIVA

Dois fatores talvez ajudem a levar essa discussão adiante. De um lado, a dificuldade relativa à absorção do futebol pela literatura talvez se encontre na natureza mesma da crônica esportiva. Em outras palavras, o jornalismo esportivo é uma verdadeira fábrica de narrativas, uma usina nuclear de histórias. A "análise" da maioria dos jogos rapidamente se transforma na fabulação de trajetórias individuais: os jogadores viram personagens de uma novela cujo cenário é compartilhado pelos "atores" – os jogadores – e pelos "espectadores" – os torcedores. Ronaldo, o "Fenômeno", conseguirá superar ainda outra vez uma circunstância adversa? Em poucas linhas, o leitor é transportado para a infância difícil em Bento Ribeiro, para o princípio da carreira, num time modesto como o de São Cristóvão porque a família não podia pagar o transporte para a Gávea, até o sucesso absoluto nos gramados europeus. Nesse sentido, depois da terrível lesão no joelho sofrida em 12 de abril de 2000, quando defendia a Inter de Milão, e que parecia haver acabado com sua carreira, o retorno triunfal na Copa do Mundo de 2002, marcando os dois gols decisivos na final contra a Alemanha, é um fecho de ouro que poucos romancistas teriam ousado, pois, de tão perfeito, pareceria inverossímil. Nas palavras de um escritor e torcedor fanático mexicano: "Ronaldo volvió del sitio del que parece no haber retorno. Enorme fue su aprendizaje del dolor, y no menor su victoria"[15]. E o que dizer do milésimo gol de Pelé, marcado em jogo contra o Vasco da Gama, realizado em 19 de novembro de 1969? O encontro no Maracanã ainda hoje é lembrado como o duelo entre um grande goleiro, Andrada, e o maior jogador de todos os tempos, Pelé. O arqueiro cruz-maltino prometera fazer de tudo para impedir o gol do século, pois sabia que se Pelé marcasse o tão esperado tento seria para sempre recordado como o goleiro que sofreu o milésimo gol. Mais uma vez, como se um hábil dramaturgo tivesse preparado o momento, Pelé alcançou a extraordinária marca através de uma penalidade máxima, ou seja, no instante em que o jogo literalmente para e toda a atenção se concentra no confronto mítico entre o atacante e o goleiro. Perfeita conclusão para uma narrativa que

Conteúdo Expresso

A vitória na Suécia, em 1958, teve consequências que ultrapassaram a esfera esportiva

empolgou toda a nação e mesmo todo o mundo. A imagem de Andrada socando o chão após quase haver defendido o pênalti é inesquecível e necessariamente se associou à imagem da impressionante comemoração pelo milésimo gol[16]. Essa capacidade criadora de fábulas breves, muitas vezes autênticos contos *à la* Dalton Trevisan, certamente rivaliza com uma das funções mais tradicionais da literatura: a de contar histórias, estimulando a imaginação dos leitores.

10 FEIJÓ, Luiz Cesar Saraiva. *A linguagem dos esportes de massa e a gíria no futebol.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro – UERJ, 1994, p. 60.
11 PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Op. Cit.*, "Mundão vocabular", p. 92-122.
12 *Idem*, p. 92.
13 *Idem*, p. 111.
14 *Idem*, p. 114.

15 VILLORO, Juan. "Corea y Japón, primer Mundial del siglo XXI". In *Dios es redondo.* México D. F.: Planeta, 2010, p. 196.
16 Uma excelente reportagem sobre o milésimo gol, com imagens e entrevistas da época, pode ser vista no link: http://www.youtube.com/watch?v=RF8EK7iOKQI&feature=related.

CURIOSIDADES

Rogério Ceni, do São Paulo Futebol Clube, é o goleiro que mais marcou gols na história. Foram 91 tentos desde 1997, sendo 52 de falta e 39 de pênalti.

De outro lado, e como uma espécie de complemento dessa capacidade criadora, o típico torcedor é, ele também, um contador de histórias nato. Uma rodada de chope na mesa do botequim o mais simples da cidade logo se metamorfoseia na velha roda em torno da fogueira. Não há torcedor que não tenha seu próprio repertório de casos, numa autêntica obra aberta porque o torcedor do time rival sem dúvida conhecerá uma versão oposta para o mesmo lance, idêntico jogo e até o campeonato inteiro. Qualquer torcedor que se preze possui suas teorias, inquestionáveis, acerca da final da Copa do Mundo da França, em 1998, ou sobre o afastamento de João Saldanha do comando da seleção de 1970. E, claro, se for brasileiro, responderá de bate pronto a qualquer pergunta sobre o jogo da Copa de 1978 entre Argentina e Peru. Isso para não mencionar os debates, sempre apoiados em fatos incontestáveis e legitimados por estatísticas criativas, sobre o melhor jogador de todos os tempos: Pelé ou Maradona? Nenhum dos dois, mas Leônidas da Silva? O "Diamante Negro", o "Homem-Borracha", possui credenciais impressionantes: além de ser o inventor (ou talvez o aperfeiçoador) da bicicleta, ele foi artilheiro da Copa do Mundo de 1938, com oito gols, e campeão por todos os times em que passou, tendo sido pentacampeão pelo São Paulo. Contudo, devido à Segunda Guerra Mundial, as Copas de 1942 e 1946 não foram disputadas e, assim, Lêonidas deixou de brilhar no principal torneio do mundo. Se não fosse isso... (e, de fato, as discussões desse tipo são infinitas).

Conteúdo Expresso

Osmar Santos foi um grande inventor de expressões na crônica esportiva

A combinação desses dois fatores ajuda a compreender o aparente hiato entre futebol e literatura. *Aparente*, vale frisar, pois tabelinhas ocorrem e são muito bem-sucedidas; contudo, é como se o grande romance dedicado ao futebol ainda não tivesse sido escrito[17]. Na avaliação aguda de Juan Villoro: "El sistema de referencias del fútbol está tan codificado e involucra de manera tan eficaz a las emociones que contiene em sí mismo su propia épica, su propia tragédia y su propia comedia. (...) Esta es una de las razones por las que hay mejores cuentos que novelas de fútbol. Como el balompié llega *ya narrado*, sus mistérios inéditos suelen ser breves"[18]. Talvez então a literatura tenha de entrar em campo com um esquema tático diverso, a fim de iludir a onipresença do esporte bretão na realidade cotidiana, ou pelo menos criar uma forma de suspender a excessiva proximidade do universo das quatro linhas – e, claro, os lugares-comuns criados pelo futebol são, eles mesmos, matéria potencial para uma bela aventura literária, como veremos adiante na análise do texto de Luiz Ruffato.

GRANDES JOGADORES

Friedenreich – 1892 - 1969

Posição: atacante
Clubes: Paulistano, Santos, Flamengo
Seleção Brasileira: 1914-1925 (16 jogos, 5 gols)

TABELAS

Não se pense, portanto, que apenas existam dificuldades e obstáculos. Afinal, nada impede que a onipresença do futebol nos meios de comunicação estimule apropriações com base na pura fantasia ou na crítica dessa apropriação. Se não fosse assim, a literatura mesma não seria possível ou estaria limitada ao gênero da literatura fantástica! Numa inversão interessante desse aparente dilema, Flávio Carneiro lançou um romance, na respeitável tradição epistolar, que brinca com os problemas abordados neste breve ensaio. Leia-se a primeira carta de *Prezado Ronaldo*:

17 Pensei em abordar também o notável romance de André Sant'Anna, *O Paraíso é Bem Bacana* (São Paulo: Companhia das Letras, 2006), mas seria impossível fazer justiça à sua importância no espaço de que disponho. O estudo ficará para outra ocasião.
18 VILLORO, Juan. "Campeón de invierno. La afición en primer persona". *Op. cit.*, p. 21, grifos do autor.

Prezado Ronaldo Fenômeno,
Meu nome é Artur, mas pode me chamar de Pinguim (depois explico). Jogo de centroavante no infantil do São Cristóvão, moro no Rio de Janeiro, tenho doze anos e sou seu fã.[19]

A identificação imediata com o ídolo e o tratamento íntimo – o craque "pode", se assim desejar, chamar o menino pelo seu apelido; assim como o menino acrescenta "Fenômeno" naturalmente ao nome do craque – revelam o desafio a ser enfrentado pelo autor que decida tratar o tema. Vale recordar a pergunta: como criar distância em meio à proximidade quase sufocante?

Vejamos o exemplo do conto publicado nesta revista.

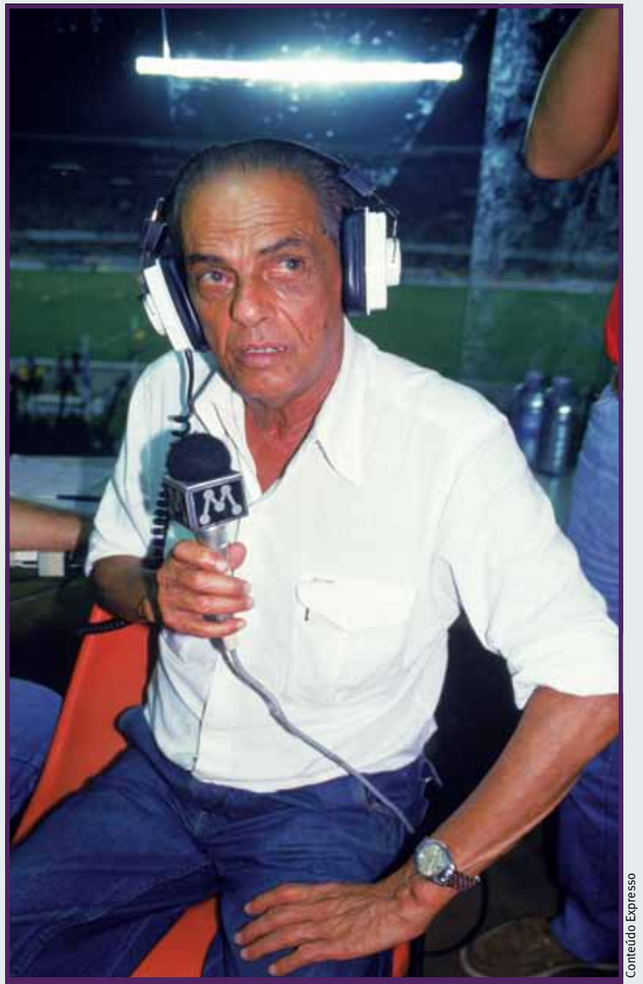
Em seu ambicioso projeto ficcional, intitulado *Inferno Provisório*, Luiz Ruffato incluiu o texto "Cicatrizes (uma história de futebol)" e talvez a colocação do subtítulo entre parêntesis aluda, ainda que indiretamente, ao problema aqui tratado, como se fosse mesmo necessário um esforço inicial de distanciamento para a literatura trocar passes com o futebol. Na entrada do texto, como uma espécie de "falsa epígrafe", Ruffato dá voz a um narrador que assim justifica sua escrita: "E para avivar a memória, que se vai esvaecendo, construímos esse breve relato"[20]. O acontecimento, cuja memória deve ser preservada, é uma autêntica metonímia do projeto ético e do processo literário do autor.

De um lado, reitera a opção que estrutura o *Inferno Provisório*, contrapondo dois extremos: a glória imorredoura (como rezaria a ênfase anacrônica de certas transmissões esportivas) da conquista da seleção em 1970 e a existência efêmera do "Botafoguinho" de Cataguases, time que somente existiu por seis meses, permanecendo invicto até sua prematura porém previsível extinção. Da tensão entre esses polos depende a vitalidade da obra de Ruffato, muito embora sua ênfase recaia especialmente na descrição realista dos setores mais pobres ou no mínimo das relações desiguais que são mantidas entre aqueles polos.

De outro lado, a "falsa epígrafe" é acima de tudo um artifício linguístico, pois tanto brinca com os clichês do futebol, quanto anuncia o que se cumpre apenas parcialmente. Esse ponto é central para o entendimento da ficção de Ruffato e de sua particular apropriação do universo do futebol. Vejamos, pois, cada um deles.

Se não me equivoco, no centro da ficção do autor de *Eles Eram Muitos Cavalos* encontra-se uma concepção renovada de realismo; trata-se, por assim dizer, de um realismo linguístico[21]. Em palavras mais direitas, sua literatura propõe um exercício de apreensão crítica da realidade, especialmente dos grupos menos favorecidos, a partir da linguagem. O realismo de Ruffato supõe a fricção entre observação aguda dos dilemas sociais e invenção linguística radical, cuja complexidade deveria ser imediatamente percebida pelo leitor, pois, na própria superfície do texto, o uso constante de tipos gráficos distintos anuncia a pluralidade de registros empregada pelo autor.

Aliás, as duas epígrafes escolhidas para *Eles Eram Muitos Cavalos* condensam esse projeto e poderiam ser vistas como uma concisa exposição da teoria literária implícita em sua obra. A primeira epígrafe, extraída do *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, e a segunda, do Salmo 82, reúnem *compromisso ético* – seja o de nomear adamicamente o anonimato sistêmico de certo tipo de gente praticamente reduzida à condição animal ("Eles eram muitos cavalos, / mas ninguém mais sabe os seus nomes, / sua pelagem, sua origem...")[22], seja o de denunciar esse mesmo anonimato, explicitando a hipocrisia que o autoriza ("Até quando julgareis injustamente, sustentando a causa dos ímpios?") – e *riqueza de recursos linguísticos* – ora, se é possível reconstruir poeticamente um episódio histórico, ou seja, se nada impede que a poesia narrativa seja, acima de tudo, *poética*, transformando a matéria tratada através da linguagem, então por que afirmar dogmaticamente que todo realismo é chão por considerar ingenuamente a linguagem um simples veículo transmissor de conteúdo? Pelo contrário, se invenção linguística não exclui compromisso ético; e, se, de igual modo, a opção pelo realismo não demanda uma concepção transparente da linguagem, então, a obra de Ruffato obriga-nos a pensar no realismo como *forma* crítica de apreensão da realidade; forma essa cujos conteúdos são desde sempre matéria formal, linguística – caso contrário, seu *realismo* deixaria de ser propriamente *literário*. Eis o vínculo interno


Conteúdo Expresso

O jornalista João Saldanha formou a base da Seleção tricampeã em 1970

GRANDES JOGADORES

Romeu Pelliciari
1911-1971

Posição: atacante
Clubes: Palmeiras, Fluminense
Seleção Brasileira: 1938-1940 (14 jogos, 3 gols)

19 CARNEIRO, Flávio. *Prezado Ronaldo.* São Paulo: Edições SM, 2006, p. 7.
20 Luiz Ruffato. "Cicatrizes (uma história de futebol)". *Inferno provisório.* Volume III. *Vista parcial da noite.* Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 103.
21 De igual modo, a novidade trazida por Ana Miranda ao romance histórico refere-se menos ao conteúdo de seus romances do que à forma linguística dos mesmos, pois seu tema mais constante é a transformação da língua portuguesa, tal como falada no Brasil, ao longo dos séculos. Ou seja, seu projeto investiga o complexo percurso vital de um idioma em seus avatares históricos.

22 Naturalmente, associo os versos de Cecília Meireles ao projeto de o *Inferno Provisório.* Nesse sentido, aproveito a referência aos cavalos como metáfora da desumanização imposta pela sociedade brasileira aos personagens dos relatos de Luiz Ruffato.

Acervo particular (Roberto Porto)

Em junho de 1970, o Brasil se sagrou tricampeão mundial

entre as epígrafes de *Eles Eram Muitos Cavalos* e o projeto em curso do *Inferno Provisório*. Tudo se passa como se Graciliano Ramos e Guimarães Rosa encontrassem um ponto tenso de reunião.

E não disse ainda tudo acerca da "falsa epígrafe" de "Cicatrizes (uma história de futebol)". Ela começa com uma inversão miniatural do *Grande Sertão: Veredas*. Um narrador reitera, como se levasse adiante uma conversa deixada pela metade: "*Sim*, 21 de junho de 1970 tornou-se uma das mais importantes datas da História do Brasil". Como ninguém ignora, "(...) naquele dia a Taça Jules Rimet conquistou-a em definitivo a seleção brasileira, na inesquecível peleja contra a Itália (...)". Repare-se na fina elaboração dos clichês jornalísticos, evidente tanto no emprego de vocabulário "nobre" – "inesquecível peleja" – quanto na sintaxe invertida da frase, também compreendida como sinal de superioridade linguística, logo, social – "a Taça Jules Rimet conquistou-a em definitivo a seleção brasileira", em lugar da ordem direta, mais prosaica: "a seleção brasileira conquistou definitivamente a Taça Jules Rimet".

Na sequência o mesmo procedimento se repete. O leitor é informado da coincidência de datas: o mesmo ano de "1970 também marca a fundação e glória do (...) 'Botafoguinho' do Paraíso, que, raro caso nos anais do desporto bretão, desmantelou invicto, após vinte partidas disputadas (...)"[23]. Eis uma frase composta exclusivamente pelos lugares-comuns da linguagem jornalística! Adjetivos que antecedem substantivos com intenção "poética" ("raro caso"); escolha de vocabulário "precioso" ("nos anais do desporto bretão", "desmantelou"); comparações tão inadequadas quanto as analogias de Brás Cubas, produzindo um efeito similar de comicidade, involuntária no caso do jornalismo esportivo ("1970 também marca"). Contudo, o procedimento de Ruffato talvez esclareça um lado criativo do clichê jornalístico. Quem sabe em sua origem o uso de sintaxe pouco coloquial; o recurso constante a paralelos enobrecedores, embora quase sempre cômicos pelo despropósito dos termos comparados; o emprego de vocabulário rico, às vezes *à la* Coelho Neto; talvez esses procedimentos tenham tido como motivação inicial a criação da necessária distância, a fim de neutralizar a excessiva proximidade do futebol no dia a dia[24]. Vistos sob essa ótica, os lugares-comuns do jornalismo esportivo transformam-se em autênticos *ready-made* verbais, à espera da reciclagem propriamente literária[25]. É o que Ruffato obtém com o que denominei "falsa epígrafe", cuja frase final, já citada, adiciona um novo elemento à complexidade do relato. Pois, se insiste no procedimento do clichê que se pretende enobrecedor da linguagem – "*avivar* a memória, que se vai *esvaecendo* (...)"– também promete o que logo a primeira frase do conto deixa de cumprir: "Desassossegado, seu Miguel garrou a levantar a desoras para pitar o cigarro-de-palha"[26]. Ou seja, na economia do relato a memória do breve porém intenso triunfo do Botafoguinho do Paraíso é menos relevante do que uma outra memória, essa sim quase nunca recordada: a dos que são (eram) muitos cavalos. Os tantos que, como seu Miguel, são constantemente despejados de seus casebres e não parecem ter outra alternativa: "Engolia os desaforos, catava os pertences e desarranchavam de manhãzinha, *tangendo* furtivos, bancos *e* meninos-de-colo, panelas *e* narizes-escorrendo, mesas *e* cabeças-emperebadas, *seu* sangue, *sua* mobília"[27]. A desumanização das crianças, quase os filhos sem nome de Fabiano e Sinhá Vitória, sugerida na equivalência com os trastes e no emprego do verbo *tanger*, anuncia a coisificação dos adultos e, se leio bem o texto de Ruffato, constitui o eixo dessa "história de futebol".

Seu Miguel não concilia mais o sono porque compreendeu o equívoco que cometera. Finalmente pode comprar um pequeno lote na área mais

GRANDES JOGADORES

Leônidas da Silva
1913-2004

Posição: atacante
Clubes: Vasco, Botafogo, Flamengo, São Paulo
Seleção Brasileira: 1932-1946 (15 jogos, 21 gols)

23 Todas as citações foram extraídas da página 103 e os grifos são todos meus.
24 Permitam-me uma breve digressão acerca do elo afetivo de Coelho Neto com o futebol. Torcedor apaixonado do Fluminense, o escritor compôs um hino para o clube, mas não pode competir com a genialidade polivalente de Lamartine Babo, autor do hino dos principais times cariocas. Um de seus 14 filhos, João Coelho Neto, mais conhecido como Preguinho, além de ser um dos maiores artilheiros da história do tricolor das Laranjeiras, foi o autor do primeiro gol da seleção brasileira em Copa de Mundo, a do Uruguai, em 1930.
25 Em alguma medida, esse é um dos maiores méritos do romance de André Sant'Anna, *O Paraíso é Bem Bacana*. Aliás, a reciclagem crítica e paródica de clichês linguísticos – especialmente os do mundo da propaganda – é o traço mais característico de sua literatura.
26 RUFFATO, Luiz. "Cicatrizes (uma história de futebol)". In *Inferno provisório*. Volume III. *Vista parcial da noite*. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 103.
27 *Idem*, p. 104, grifos meus.

CURIOSIDADES

O primeiro clube do Brasil a aceitar um jogador negro foi o Bangu, do Rio de Janeiro, no início do século XX, e o Vasco da Gama foi o primeiro time a colocar em campo um time onde predominava a mistura racial.

pobre do Paraíso e, para o sustento da família, adquiriu uma carroça. Contava viver, e bem, com os carretos que certamente faria para os passageiros de inúmeros trens que passavam na região. No entanto, descobriu que os trens de passageiros seriam substituídos por trens de carga. Desse modo, perderia antes mesmo de ter aproveitado "o serviço certo de carga-descarga daqui-prali"[28], e a longa lista que se segue dos produtos que seu Miguel não mais transportará revela outro procedimento definidor da prosa de Ruffato: a enumeração caótica de elementos muitas vezes díspares a fim de denunciar o efeito desumanizador da coisificação dos seres e das relações interpessoais numa sociedade desigual como a brasileira. Mais uma vez, compromisso ético e radicalidade linguística não se opõem e muito menos se excluem.

É nesse horizonte que a "história de futebol" entra em campo, inicialmente através de um dos filhos de seu Miguel e Creusa, o "Paco, Paquinho (...). Dependesse, corria atrás de bola sol a sol, o atentado!"[29]. Ao recordar-se de seu passado de "centerfór raçudo"[30], seu Miguel supera a prostração que o desengano com a carroça havia produzido – se fosse de classe média, diríamos *depressão* – e decide montar um time de futebol: "*Então...* / Entre carretos, assuntava, *fantasista*. Cataguases tem Flamengo; Vasco, do Leonardo; América, da Granjaria. E, agora, também haverá Botafogo, do Paraíso!"[31]. É um oásis na existência de seu Miguel, pois a fantasia que o cotidiano árido destrói, retorna com o futebol, assim como a autoestima proporcionada pelas vitórias do Botafoguinho do Paraíso: "Senhor, instruía, xingava, provocava, alertava, modificava, substituía, vibrava. (...) Estratego, em grupo rumavam coesos bicicletas ao terreno adversário, desassombrados e acintosos, valentes e intimidativos, anuspretos, por destemor"[32].

Em seu conto, Ruffato ajuda-nos a entender a onipresença do futebol e mesmo sua aparente rivalidade com a literatura. No dia a dia embrutecido de seu Miguel e Creusa, eles terminam atrofiando sua capacidade de sonhar, de fabular, enfim, de imaginar um mundo diferente do inferno nada provisório em que vivem no Paraíso dos pobres[33]. Nesse jogo monótono de um cotidiano desumanizado, o futebol talvez seja o exercício de um imaginário possível, o exercício possível da fantasia, da molecagem, tal como assinalada por Nelson Rodrigues. Com a bola nos pés, Paquinho, ou o menino Artur, que também podemos chamar de Pinguim, podem sonhar com o futuro de Ronaldo, Romário, Robinho: não são todos de uma origem muito semelhante? Driblar, ainda que nos estreitos limites de um campo de várzea, as condições precárias do Paraíso, é a fórmula anti-orteguiana inventada pelo futebol. O homem deixa de ser o eu mais suas circunstâncias; afinal, o craque é aquele que reinventa sua própria identidade – com uma bola nos pés e um sonho na cabeça. *Homo ludens*, sem dúvida: todo peladeiro, no fundo, deseja reescrever sua história, assumindo a *persona* do jogador que emula. E todo torcedor é um leitor involuntário de Johan Huizinga e nos 90 minutos em que vibra por seu time, redescobre sua humanidade e, se o time vence a partida (nem é preciso pensar no campeonato), sua autoestima brilha por uns breves instantes, mas ainda assim se afirma.

Contudo, se terminasse minha leitura da obra de Ruffato numa nota apenas lírica, deixaria de chamar a atenção para o final do relato. Vitorioso no "inaugural desafio intermunicipal"[34] (e o leitor dificilmente evita o sorriso diante dessa passagem), o elenco do Botafoguinho do Paraíso chega ao céu e comemora a valer. Num determinado momento, o retorno triunfal ao lar é interrompido, pois o motorista precisa encher o tanque do ônibus – repare-se no progresso: do carreto, que transporta objetos sem sentido para seu Miguel, ao ônibus, que conduz os jogadores do Botafoguinho a triunfos inesperados, liderados por um outro seu Miguel, muito diferente daquele carregador de fretes eventuais. O mascote do time, Paquinho, "acanhado, para não mijar com os mais velhos invade a escuridão"[35]. No breu que lhe protege, contudo, escuta vozes e se assusta ainda mais quando se dirigem a ele: "'Menino, onde é aqui?', uma débil voz indaga, ignoto sotaque; paralítico o corpo estaca, mãos esqueléticas rostos encaveirados, 'Que povoado é esse, menino?', e, seca, a língua é medo e é pavor, 'É São Paulo já?'"[36].

A fim de concluir, permitam-me um modesto exercício de anacronismo deliberado. Sem saber, Paquinho encontrou Fabiano, Sinhá Vitória e os seus dois filhos, ainda sem nome, em rumo à cidade grande. Teve medo e correu em direção ao ônibus, fugindo do espelho de sua miséria, buscando o conforto do triunfo provisório de um time de futebol "que, raro caso nos anais do desporto bretão, desmantelou invicto, após vinte partidas disputadas entre agosto e dezembro daquele ano".

GRANDES JOGADORES

Ademir Meneses
1922-1996

Posição: atacante
Clubes: Sport, Vasco, Fluminense
Seleção Brasileira: 1945-1953 (39 jogos, 32 gols)

João Cezar de Castro Rocha. *Professor universitário e ensaísta. Realizou seus estudos no Brasil (UERJ) e nos Estados Unidos (Doutor em Literatura Comparada pela Universidade de Stanford). Autor de quatro livros e organizador de mais de 20 títulos.*

28 *Idem*, p. 105.
29 *Idem*, p. 110.
30 *Ibidem*.
31 *Idem*, p. 111, grifo meu.
32 *Idem*, p. 112.
33 Como o autor esclareceu, seu Miguel comprou um lote no "Paraíso dos pobres", próximo ao "Paraíso remediado", e um pouco mais distante do "Paraíso dos ricos". *Idem*, p. 105.

34 *Idem*, p. 112.
35 *Idem*, p. 114.
36 *Idem*, p. 115.

Duas perguntas para Pelé

Textos do Brasil: Em 1970, você já tinha fama e todos os títulos que um jogador poderia desejar. Mesmo assim, se preparou para que aquela fosse a sua melhor Copa. Atualmente, com muito menos do que isso – mas com muito mais dinheiro –, alguns jogadores brasileiros parecem acomodados e sem interesse pela carreira. A que você atribui isso?

Pelé: Em primeiro lugar as condições mudaram muito, sem dúvida nenhuma, hoje os jogadores têm uma receita financeira bem maior do que no meu tempo. Mas não acho que eles estão acomodados. O que acontece agora é que os clubes europeus, onde estão as maiores estrelas do Brasil, dão mais visibilidade, notoriedade e pagam muito melhor aos atletas. A maioria dos jogadores não tem muito interesse em jogar na Seleção Brasileira.

TB: Hoje em dia os técnicos mais competentes estão nos clubes e não nas seleções. Além disso, quando chega a época da Copa do Mundo, os jogadores já estão exaustos devido à dura temporada que disputaram. Você vê nisso uma desvalorização dos torneios de seleções? Será que jogar na seleção ainda tem o mesmo significado de antigamente?

Pelé: Na realidade, alguns técnicos estão mais valorizados que muitos jogadores. Torneios de seleções estão sendo menos valorizados que antigamente, a prova disso é que as seleções recebem os jogadores para as Copas do Mundo com apenas duas semanas de antecedência para sua preparação.

Conteúdo Expresso

Política externa e futebol, ora bolas...

Por Vera Cíntia Alvarez

"O melhor embaixador do Brasil é o futebol"

Roberto Jaguaribe, Embaixador

Se existe uma ideia que vem imediatamente ao espírito quando se reflete hoje sobre o esporte, e sobre o futebol em particular, é a de que vivemos em uma imensa arena globalizada, em processo de acelerada interação, na qual o futebol é ao mesmo tempo sujeito e objeto, terreno e instrumento dessa mesma globalização.

Também, para gáudio nosso, nesse cenário complexo o Brasil se situa de forma privilegiada. O Brasil não só lidera em nível simbólico e prático o esporte mais popular da terra, o futebol, como sediará os dois mais importantes megaeventos esportivos dos próximos anos, a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. O olhar diplomático sobre esses dados da realidade leva a avaliar o quanto é imenso o potencial que se abre com a exploração dessa nova fronteira para o Itamaraty, e como mais do que nunca é preciso estar preparado para bem utilizar o esporte como instrumento certeiro de política externa.

Estudiosos definem o futebol como algo que transcende a dimensão de mero esporte; ele estaria, de fato, no epicentro dos processos de globalização contemporâneos (GIULIANOTTI & ROBERTSON, 2004). Por ser tão universal, é sem dúvida, um dos mais bem sucedidos e maleáveis fatores do próprio processo de globalização. Tem a peculiaridade de se comportar ao mesmo tempo como instrumento e resultado, ferramenta e cenário. O chamado "esporte global" é dado cultural fundamental para entender a humanidade, já que é praticado em todos os países, por todas

Acervo particular (Vera Cíntia Alvarez)

Visita de Pelé a Abuja, em 2006, no contexto da candidatura Rio 2016

Acervo particular (Vera Cíntia Alvarez)

GRANDES JOGADORES

Garrincha – 1933-1983

Posição: atacante
Clubes: Botafogo, Corinthians, Flamengo
Seleção Brasileira: 1955-1966
(50 jogos, 12 gols)

as raças e credos, em todos os continentes. Uma estimativa em números, talvez nesse momento já defasada, é de que pelo menos 250 milhões de pessoas estariam envolvidas diretamente na produção do futebol no mundo todo; que cerca de 1,4 bilhão seriam espectadores interessados; e que as finais da Copa do Mundo atrairiam um público televisivo global da ordem de 340 milhões de pessoas em audiência acumulada.

A integração regional e internacional, parte do processo que estamos vivenciando, se realiza inexoravelmente, e com ela crescem e se multiplicam os mercados criados pelo futebol. De "sport" das elites inglesas a modalidade de entretenimento de massas, o futebol vem se transformando no grande galvanizador dos mercados globais que ele mesmo cria. Não obstante as dificuldades em levantar valores em escala global, o esporte representa um dos principais segmentos da produção de bens e das transações de recursos financeiros e de serviços, atrás apenas das indústrias bélica, de petróleo, e de turismo.

Poder-se-ia dizer, sem errar, que o futebol é o segmento mais arrebatador dos indutores de mercado de bens simbólicos. Esses bens de natureza volátil, mas de indiscutível peso na economia, são as partidas entre grandes clubes, transformadas em espetáculos de massa, acompanhados da venda de sua reprodução através da mídia e de seus subprodutos. Dela deriva a movimentação financeira em torno de outros mercados dinâmicos e bem cacifados como o de jogadores, ou o mercado de bens e equipamentos apropriados para a prática do esporte, ou ainda a onipresente moda de inspiração esportiva, entre outros tantos mercados que lidam com cifras imensas mundo afora, e que derivam da paixão por esse esporte. O que alguns especialistas dizem é que estamos testemunhando a transformação do futebol profissional em uma rede global de "media-corporations-merchandising-markets" (GIULIANOTTI & ROBERTSON, 2004).

Nesse contexto, clubes de futebol transformaram-se em empresas, são os chamados clubes-globais. Exemplos seriam o Real Madrid, Barcelona, Chelsea, Manchester United, Inter, Milan etc que possuem torcedores espalhados em todo o mundo, jogadores provenientes de diferentes países, estão presentes na mídia de diversas nações, concentram capital proveniente de diferentes origens nacionais e, principalmente, habitam a imaginação de uma população planetária. Nesse novo sistema, os clubes de cidades de menor peso político-econômico relativo como Sevilha, Eindhoven e Munique granjeiam mais prestígio dentro do sistema futebolístico do que Nova York, Paris, Berlim ou Los Angeles. Como as cidades-globais, as cidades globais futebolísticas, são nódulos de fluxos que atravessam fronteiras dos Estados-nação, e não mais unidades territoriais localizadas no interior de cada país. Esses clubes-globais "são nódulos de fluxos econômicos, humanos, midiáticos e simbólicos globais. Contrastam com os clubes-nacionais, de menor alcance e que predominavam antes dos anos 1980, mas estão com eles organizados em rede e com eles estabelecem alianças que permitem uma maior mobilidade dos jogadores pela troca, venda ou empréstimo." (RIAL, 2009).

No Brasil, contabilizados, ou seja, dentro da economia formal, a indústria esportiva brasileira movimentaria mais de 18 bilhões de dólares por ano, e empregaria mais de 300 mil pessoas, segundo analistas que ressalvam não haver estatísticas confiáveis sobre o assunto até o momento. Esses números podem ser muito maiores. Os salários dos jogadores brasileiros no exterior transformam-se em remessa unilateral para suas famílias no Brasil, e são registrados na faixa dos milhões pelo Banco Central. Os megaeventos que se aproximam e que

CURIOSIDADES

A Seleção Brasileira detém, ao lado da Espanha, a maior série invicta de uma equipe nacional em partidas oficiais. Foram 35 confrontos sem derrota entre 1993 e 1996.

GRANDES JOGADORES

Pepe – 1935

Posição: atacante
Clubes: Santos
Seleção Brasileira: 1956-1963 (34 jogos, 16 gols)

iluminarão aos olhos do mundo, tanto nossos traços mais superficiais quanto nossas entranhas mais profundas, multiplicarão os números relacionados ao esporte e aos mercados por ele criados em futuro próximo. A movimentação financeira gerada por essa sinergia vai impulsionar ainda mais a indústria em torno do futebol. Segundo a própria FIFA, o Mundial de 2014 será o evento que mais dará dinheiro aos cofres da entidade em sua história de mais de cem anos. A perspectiva é de que a Copa no Brasil renda 100% a mais que a Copa de 2006 na Alemanha.

Os mercados são criados em função de um notável aspecto da indústria do futebol: sua capacidade de mobilizar as paixões. Foi Eric Hobsbawn (1983) quem usou o termo "religião laica" para definir a cultura do futebol e seus rituais. Muitos autores discorreram sobre esse aspecto, mas uma das análises mais interessantes é de Christian Bromberger (1998), que em seu "mapa das paixões ordinárias" interessou-se em particular pelo grupo de pessoas dedicadas a uma das atividades humanas que mais despertam dimensões altamente emotivas. Esse terceiro grupo (de uma classificação de cinco) é formado por especialistas e fanáticos dos espetáculos esportivos, aqueles que vivem cotidianamente as emoções que proporciona "le football, la bagatelle la plus importante du monde" (BROMBERGER, 2004). Uma paixão, que como diz Bromberger, em pouco mais de um século transformou-se em "paixão planetária".

O futebol transformou-se em uma cultura comum, a "língua franca" do mundo, um sistema ético-social que todos entendem e reconhecem, o *locus* de encontro da diversidade regional e geracional. Por essa razão, passou a ser matéria de estudo de sociólogos e antropólogos como uma metáfora da própria problemática humana. Já foi interpretado como gerador de uma "falsa consciência" das massas, que seriam assim manipuladas para que lhes fossem inculcados padrões de comportamento desejáveis, ou que fossem distraídas de suas reais necessidades econômicas e políticas. O novo proletariado urbano, nascido com a industrialização, amputado de seus laços com o vilarejo natal, sofrendo a impessoalidade da existência urbana, podia, através do futebol, readquirir um sentimento de identidade, a segurança do pertencimento e uma válvula de escape para suas tensões. Um ou dois séculos depois, a análise também se aplicaria às massas urbanas da era pós-industrial. No entanto, essa visão simplista, que faz do esporte mera instância de manipulação de massas, ignora que o futebol foi evoluindo ao longo do século XX, junto com as sociedades que vivenciaram os embates pela melhoria das condições dos trabalhadores, sob a bandeira do socialismo, e os movimentos anticolonialistas, que em muito usufruíram de sua capacidade de motivar – ignoram também que em certas sociedades, como a brasileira, o futebol desenhou a história da inclusão social e da absorção racial. Outros teóricos, como Eduardo Archetti, opuseram-se a essas ilações: "Football is neither a ritual of open rebellion nor the much-mentioned opium of the masses. It is a rich, complex, open scenario that has to be taken seriously" (1992).

Levado a sério pelo sociólogo Norbert Elias (1995), nome fundamental no estudo da função social do esporte, o futebol foi entendido como inserido no que ele chama de processo civilizador, no sentido de que forneceria válvula de escape segura para as pulsões potencialmente destrutivas da humanidade. O futebol seria uma das mais importantes formas de controle, regulação e gerenciamento das emoções no quotidiano das sociedades modernas. Metáfora de uma batalha ritualizada, teria a virtude de ser elemento fundamental na construção da paz dentro das sociedades contemporâneas. Não fosse o futebol, haveria mais guerras e mais conflitos do que já existem, diria Elias.

A antropóloga americana Janet Lever, na perspectiva funcionalista de Durkheim, argumenta que o futebol promove a integração social exatamente pela ritualização do conflito: "By giving dramatic expression to the strains between groups and regions, soccer confrontations sustain traditional pluralism, countering cultural homogeneity while accentuating the wholeness of the social system" (apud ARMSTRONG & GIULIANOTTI, 1997).

De fato, o futebol tem procedimentos que se assemelham aos de uma igreja: seus protagonistas são rigidamente hierarquizados; há convenções e tabus; seu momento mais especial, a partida, realiza-se em espaço fechado, onde há um campo, equivalente a um altar; a linguagem é específica e seu calendário tem algo de litúrgico; há um momento de recolhimento, a concentração, que

GRANDES JOGADORES

Vavá – 1934-2002

Posição: atacante
Clubes: Sport, Vasco, Atlético Madrid, Palmeiras
Seleção Brasileira: 1955-1964 (13, jogos, 14 gols)

Acervo particular (Vera Cíntia Alvarez)

Quadro *Copa de 94* (óleo sobre tela), da autora

exclui o sexo oposto; e um resultado final, que pode conduzir a um exame de consciência se houve erro, seguido de contrição, ou a um momento de recompensa e glória, para alguns, eterna, como diria Pelé.

O que não se pode negar é que o futebol, além de rito e mitologia, é instância de educação dos indivíduos, pelas regras e disciplinas que impõe. Foi Albert Camus quem disse: "Tudo o que sei com certeza sobre moral e obrigações dos homens, devo ao futebol". E foi Roberto DaMatta quem afirmou que o melhor professor de democracia no Brasil é o esporte, em particular o futebol: "O futebol foi trazido para o Brasil por uma sociedade altamente democrática que é a inglesa e se analisarmos direitinho, neste esporte, a vitória não é sinônimo de superioridade. A derrota não é predestinação. O futebol ensina de maneira curiosa que o vencedor e o perdedor trocam sempre de lugar", diz o antropólogo.

Já é lugar-comum a ideia de que o futebol sempre foi usado como instrumento político-diplomático. Um dos mais interessantes estudos sobre esse viés foi feito por Paul Napolitano (2009), que mostra a interconexão entre política e futebol nos governos da Itália e da Inglaterra nos anos 1930. Ao mesmo tempo em que a Itália ganhava proeminência na cena política europeia, tornava-se uma ameaça à hegemonia inglesa no futebol. Segundo o autor, essa ameaça à reputação esportiva britânica representava também a ameaça do fascismo italiano à democracia britânica, a tal ponto que os dois governos desenvolveram políticas públicas em relação ao esporte calculadas para atingir objetivos de política externa. É claro que a importância do esporte para as políticas fascistas pode ser entendida como uma tendência mais ampla no mundo do século XX, como se depreende da análise da utilização do esporte pelo nazismo e, mais tarde, pelo comunismo. No entanto, a análise de três jogos emblemáticos na época demonstra como, na Itália fascista, dos "Calciatori (jogadores) in camicia nera", o desenvolvimento de políticas esportivas progrediu da ênfase no bom desempenho físico, ligado ao conceito de eugenia, ao entendimento do papel substantivo dos torneios internacionais para projetar os interesses italianos, a visibilidade e o prestígio do governo. Há aí uma evolução que vai do regime nos anos 1920, quando o esporte era dado na fase escolar primária, até os anos 1930, quando o esporte se transforma em formidável veículo de propaganda. Os resultados dos jogos refletiam mais que a habilidade atlética de seus jogadores: representavam a qualidade de um sistema sócio-político.

Sem dúvida, também já se transformaram em redundância no discurso acadêmico sobre o tema análises de como os Estados nacionais se apropriaram historicamente do esporte para promover políticas em nível interno e externo. Hoje em dia, políticas que incentivem o esporte e conduzam ao êxito esportivo são vistas como vitais para os interesses nacionais, seja criando consenso e prestígio para os sistemas políticos, seja como ferramenta diplomática para assegurar a paz, seja ainda para fortalecer a identidade nacional, como na África, onde em muitos casos os tribalismos só podem ser superados pela unidade em torno das seleções nacionais.

No Brasil não foi diferente. Até a década de 1930, o futebol era amador e restringia-se ao lazer (pelo menos oficialmente, pois na prática o que existia era o chamado amadorismo marrom, com jogadores recebendo gratificações). O momento de transformação e o início da democratização do esporte, com a incorporação das classes subalternas e a integração de noções não racistas na seleção dos jogadores se dão junto com a adoção do profissionalismo em 1933. Dessa época em diante, em plena era Vargas, o futebol fica indelevelmente associado a nossa nacionalidade. Gilberto Freyre relacionou o futebol brasileiro, com sua ginga e floreios, a um suposto tipo ideal de brasileiro: versátil, astuto, malandro, capaz de humilhar com humor a racionalidade europeia. Freyre tropicalizou a teoria sobre o caráter civilizador do futebol ao dizer que elementos irracionais da formação cultural brasileira, que poderiam derivar em banditismo urbano, teriam sido contidos pela canalização das qualidades associadas à malandragem pelo futebol. É notável essa passagem clássica de Gilberto Freyre:

> *O mesmo estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidade de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e capoeiragem que marcam o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo* flamboyant *e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil.*
> (FREYRE, 1945, p. 432)

Talvez apenas mito hoje em dia, essa análise do estilo dos jogadores brasileiros, descritos como homens de habilidades corporais especiais, capazes de evitar o choque entre jogadores, cheios de dribles e meneios originais, correspondeu na Europa, e especialmente na França, ao momento em que se fazia a descoberta de encantos exóticos: era a época dos 'anos loucos' dos *Ballets nègres* e de Josephine Baker, da invenção do jazz nos EUA e do chorinho no Brasil, tocado por negros, que assim legitimavam suas noitadas de música ante a desconfiança em relação ao batuque; é a época em que antropólogos e artistas seguiam em expedições para a África, em busca de

CURIOSIDADES

Carlos Alberto Parreira é o treinador brasileiro com maior número de partidas por seleções nacionais. Foram 232 jogos pelas seleções do Brasil, Kuaite, Emirados Árabes, Arábia Saudita e África do Sul.

GRANDES JOGADORES

Amarildo – 1939

Posição: atacante
Clubes: Flamengo, Botafogo, Milan, Fiorentina (Itália), Roma, Vasco
Seleção Brasileira: 1961-1966 (21 jogos, 8 gols)

máscaras, esculturas e formas que vieram a alimentar o modernismo que nascia então.

O encanto com o jeito inventivo, sul-americano, de jogar futebol nasceu com a vitória uruguaia na Copa de 1930. O Brasil era então um time a mais, e a derrota de 1950, no Maracanã, construído especialmente para consagrar o Brasil na Copa disputada aqui, deixou o País de luto e reafirmou a glória dos uruguaios, dos quais já se disse que jogar bola parecia ser uma segunda natureza. Foi só em 1958, com Didi e o menino Pelé, que o Brasil entrou para os registros entre os melhores. Em 1962, repetido o feito, ingressamos na era em que a Copa já era sempre nossa, e que a ideia de não a podermos guardar por mais quatro anos parecia anátema intolerável. O jejum até 1970, na Copa do México, vivido como longo pelos torcedores brasileiros, no entanto, sempre deixou espaço para a exibição do talento futebolístico brasileiro mundo afora, através das "excursões", algumas famosas, com as do Santos na África. Outro longo período sem vitórias, de 1970 a 1994, contemplou ainda uma das mais afinadas e extraordinárias seleções, a de 1982 com Zico e Falcão. Em 1994, mais uma vitória, e finalmente o pentacampeonato vitorioso sob o comando de Felipão, em 2002. Essa trajetória inscreveu o Brasil para sempre na memória coletiva do mundo.

Conteúdo Expresso

O futebol está presente em todos os aspectos da vida brasileira

Dentro do Brasil, mais do que um mero esporte, o futebol entrou em simbiose com o jeito de ser e estar no mundo dessa gente nova, formada por gente de todos os cantos, como dizia Darcy Ribeiro. Basta pensar que no Brasil, as palavras e termos usados no esporte são vetores do discurso político e econômico. Quem já não ouviu dizer que o ex-futuro ministro ficou no "banco de reservas", ou que a economia pode ficar "na série B", entre os tantos outros aforismos em uso por todos os brasileiros? O Brasil é o único país com cinco títulos mundiais, único a participar de todas as Copas do Mundo já realizadas, é o país que liderou o *ranking* da FIFA por mais tempo nas últimas décadas, e é aquele cujos nacionais mais vezes conquistaram o título de melhor jogador do mundo. Se o futebol é instrumento por excelência de construção das identidades nacionais, no caso do Brasil é também, fundamentalmente, a digital de sua identidade internacional. Há o reconhecimento espontâneo da "personalidade esportiva" do Brasil, o que transforma o futebol brasileiro em marca internacional com alta cotação de mercado. É conhecida a ideia de que "se a moda é francesa, o design italiano e o *way of life* é americano, então o futebol é brasileiro".

FUTEBOL COMO TEMA DA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA

A reflexão sobre as relações possíveis entre o esporte e a diplomacia foi se forjando e amadurecendo nesse diapasão. Com a memória da excursão do Santos à África que paralisou uma guerra em curso e mitigou conflitos raciais, foi-se cristalizando a ideia de que o futebol brasileiro é produto estratégico nas campanhas de comunicação social. Um jornalista estrangeiro afirmou que as camisas amarelas do Brasil, usadas em todos os quadrantes, equivalem a bandeiras brancas da paz. Essa impressão ganhou impulso prático com a decisão do Presidente Lula e do Ministro Celso Amorim de promover o chamado Jogo da Paz no Haiti, em 2004, concebido como gesto humanitário, mas sobretudo como ferramenta diplomática, com grande potencial de contribuir, como contribuiu, para o esforço que já vinha fazendo a representação militar brasileira para a pacificação daquela região.

A tese "Esporte, Poder e Relações Internacionais", defendida pelo diplomata Douglas Wanderley de Vasconcelos (2008), serviu como lastro teórico para a decisão de colocar em operação, em janeiro de 2008, a Coordenação-Geral de Intercâmbio e Cooperação Esportiva. A nova unidade criada no Itamaraty inscreve-se na visão estratégica que vê a possibilidade de dilatação dos dividendos político-diplomáticos advindos do esporte para desenvolver e projetar a imagem do Brasil como protagonista de peso na cena internacional. É mais uma arma a ser usada pelo país que, para o mundo, é a imagem da excelência de seu futebol-arte.

Desde que entrou em operação em janeiro de 2008, o "CG-Bola", como apelidaram gaiatamente os estudantes do Instituto Rio Branco (academia diplomática brasileira), destampou uma caixa de pandora, na qual as solicitações e demandas, no âmbito das reuniões bilaterais e dos foros multilaterais, têm tido crescimento exponencial. Para o Itamaraty, fazer política externa através do esporte significa explorar uma nova fronteira, fundar uma nova interface, muito além das fronteiras territoriais cruzadas por nossos jogadores.

O G-20, grupo de países em desenvolvimento, por contraste com o G-8, grupo dos países mais ricos do mundo, nasceu pelas necessidades impostas por um novo cenário internacional, com novos jogadores (*players*, como dizem os analistas políticos de veia inglesa) emergentes. Com o advento deles, espera-se que se constitua também uma forma diferente de relacionamento internacional, expressa por discursos diversos dos anteriores, novas atitudes e novos conceitos. A ideia é de que a participação mais ativa de países como o Brasil possa vir a promover um grau maior de democratização das relações internacionais e dos organismos multilaterais como a Organização das Nações Unidas (ONU), o Fundo Monetário Internacional (FMI), a Organização Mundial do Comércio (OMC) e o Banco Mundial.

A política externa que mais funciona é aquela que esteja a serviço de um projeto nacional de desenvolvimento econômico e social, com respeito aos outros países e a seus projetos nacionais. Se é verdade que o jogo das distrações da elite inglesa se consolidou como paixão das massas de trabalhadores no mundo inteiro e criou consigo um novo modo de inclusão social, além de ter concorrido com seu quinhão para a democratização racial no Brasil – e quiçá alhures –, o futebol encontra mais uma utilidade no mundo das relações internacionais: ser instrumento de política externa, constituir-se em meio de interação social e cultural entre povos e culturas, transformando-se em um dos vetores da ação e do pensamento diplomático contemporâneo.

Em resumo, o futebol sendo local e internacional, é paixão de cada indivíduo, mas, no contexto da globalização, é tema imprescindível das relações internacionais. Por sua ligação com a inclusão social e com o sentimento de identidade e pertencimento a um grupo ou nação, o futebol projeta o perfil internacional de cada país em uma arena, que se confunde com a arena do relacionamento interestatal. Em momento no qual países como o Brasil, China, Índia inauguram nova presença no cenário global, mais do que nunca é necessário continuar incorporando com clareza mais essa dimensão ao repertório de recursos para defender a paz, a solução pacífica dos conflitos, a mobilidade social e o desenvolvimento. Em suma, o que se procura aqui é validar um novo componente de uma política externa criativa, que valorize a cooperação para além dos aspectos militares ou econômico-comerciais.

Os embates futebolísticos internos e externos ajudaram a construir o mito de uma distinção especial do futebol, colado à ideia de Brasil. Desde a cobertura da mídia, de Mario Filho, com seus impagáveis artigos no *Jornal dos Sports*, até o jornalismo esportivo de hoje, a noção de que o Brasil é "craque", virou elemento chave da comunidade nacional imaginada. A visão dos brasileiros de que "somos o país do futebol" faz bem ao imaginário brasileiro. Alimenta uma visão feliz de país. A eficiência e alegria da Seleção refletem a imagem do Brasil que dá certo, que não é mais o vira-lata da célebre máxima de Nelson Rodrigues. Essa autoimagem idealizada pode ser apenas um mito, mas é de mitos, de ideais e de heróis que se forjam as emoções que impulsionam um país. Ora bolas...

GRANDES JOGADORES

Pelé – 1940

Posição: atacante
Clubes: Santos, Cosmos (EUA)
Seleção Brasileira: 1957-1971
(96 jogos, 77 gols)

CURIOSIDADES

O atacante José Altafini, conhecido no Brasil como Mazola, é o brasileiro com maior número de atuações por duas seleções nacionais diferentes. Foram oito partidas com a camisa auriverde (1957-58) e seis defendendo a Itália (1961-62).

Vera Cíntia Alvarez. *Estudou Filosofia na Universidade de São Paulo de 1976 a 1980, e entrou para a carreira diplomática em 1981. Em seu retorno de Tóquio, em fins de 2007, já promovida a Ministra da carreira, foi incumbida de colocar em operação a Coordenação-Geral de Intercâmbio e Cooperação Esportiva. A CGCE tem como objetivo promover a cooperação na área de esportes, e utilizar o esporte, e o futebol em particular, como instrumento de inclusão social e desenvolvimento, construindo pontes e estreitando laços com outras nações, em especial, com os países em desenvolvimento.*

Referências Bibliograficas:

- ARCHETTI, Eduardo. "Argentinian football: a ritual of violence?". In: *International Journal of the History of Sport* v.9 n.2, 1992.
- ARMSTRONG, Gary & GIULIANOTTI, Richard. "Introduction: Reclaiming the Game, an introduction to the Anthropology of Football". In *Entering the Field*: New Perspectives on World Football. Berg, 1997, Oxford, NY.
- BROMBERGER, C. (Org.). *Passions ordinaires*: du match de football au concours de dictée. Paris: Bayard, 1998
- _____. *Football*: la bagatelle la plus sérieuse du monde. Paris: Pocket, 2004.
- DAMATTA, Roberto. Entrevista "Futebol é o maior professor de democracia", por Simone Barreto, durante o lançamento de *A bola corre mais que os homens*, DAMATTA, Roberto, na 4ª Bienal do Livro de Campos em 29 de março de 2010.
- ELIAS, Norbert & DUNNING, E. *Desporte y Ócio en el Proceso de Civilización*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.
- FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945, p. 432.
- GIULIANOTTI, Richard & ROBERTSON, Roland. The Globalization of Football: a Study in the glocalization of the "serious life" –, *The Brithish Journal of Sociology*, 2004 – volume 55, issue 4
- HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence (Ed.s), *Inventing Tradition*. University Press, Cambridge. 1983.
- NAPOLITANO, Paul. International Football and International Relations: Football as Foreign Policy between Italy and England, 1933, 1934, and 1939. Tese apresentada ao Departamento de História Comparada da Universidade Brandeis, 2009.
- RIAL, C. S. "Porque todos os 'rebeldes' falam Português? A circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos no exterior, ontem e hoje". In: *A produção das Mobilidades – Redes, Espacialidades e Trajectos*, edited by Renato Miguel do Carmo e José Alberto Simões, 2009: 203-224. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais – ICS
- VASCONCELOS, Douglas Wanderley. *Esporte, Poder e Relações Internacionais*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

Cooperação
sul-sul brasileira em matéria esportiva

Por Marco Farani

O crescimento econômico sustentado, a estabilidade política e o aprimoramento das políticas públicas nacionais têm permitido ao Brasil reduzir gradativamente suas desigualdades regionais e sociais, criando a plataforma para uma atuação mais proativa no exterior, baseada no compartilhamento de conhecimentos e de experiências bem-sucedidas de desenvolvimento.

Acervo particular (Vera Cíntia Alvarez)

Amistoso entre a Seleção Brasiliense e a Seleção de Botsuana, organizado pelo MRE, em 2008

De um lado, essa atuação mais assertiva na arena internacional baseia-se no longo exercício de aprendizado obtido em projetos da cooperação técnica recebida do exterior, que resultou na formação de entidades modelares no País, entidades essas que passaram a atuar, em dado momento, como base para a oferta de cooperação técnica brasileira a países em desenvolvimento. De outro, as vantagens comparativas do Brasil frente a outros atores da cooperação internacional, seja em termos de localização geográfica, seja em função de herança cultural e linguística e de desafios comuns no campo social e econômico, bem como de seu compromisso com a solução pacífica de conflitos, têm favorecido, igualmente, a ampliação da cooperação Sul-Sul do Brasil. A conjunção desses fatores, aliada à disponibilidade de conhecimento e tecnologias de fácil adaptação para a realidade de outros países, tem transformado o Brasil em referência mundial no campo da cooperação internacional para o desenvolvimento.

Nesse contexto, o Presidente Lula determinou ao Ministério das Relações Exteriores a ampliação, a partir de 2003, da cooperação técnica horizontal do Brasil como importante instrumento de adensamento das relações com países em

GRANDES JOGADORES

Jairzinho – 1944

Posição: atacante
Clubes: Botafogo, Olympique Marseille, Cruzeiro, Portuguesa
Seleção Brasileira: 1963-1974 (81 jogos, 33 gols)

desenvolvimento, em linha com o compromisso do Brasil de assumir maiores responsabilidades no plano internacional. A expansão da rede de Embaixadas do Brasil no exterior converge para o sucesso dessa estratégia.

A estratégia da cooperação técnica prestada pelo Brasil está centrada no fortalecimento institucional de nossos parceiros, condição fundamental para que a transferência e a absorção dos conhecimentos sejam realmente efetivadas. Sem fins lucrativos e desvinculada de interesses comerciais, a cooperação técnica Sul-Sul é baseada no conceito de "diplomacia solidária" e pretende compartilhar nossos êxitos e melhores práticas nas áreas demandadas pelos países parceiros, sem imposições.

A Agência Brasileira de Cooperação do Ministério das Relações Exteriores (ABC) tem buscado implantar, desde 2008, uma nova estratégia de ação para a cooperação Sul-Sul, que privilegia a concepção, sempre que possível, de projetos estruturantes no lugar da reprodução automática do modelo tradicional de projetos pontuais.

Os projetos estruturantes oferecem diversas vantagens para a cooperação brasileira e, principalmente, para os países beneficiários, uma vez que têm maior impacto social e econômico, além de maior sustentabilidade.

O Brasil mantém relações de cooperação técnica com a América Latina, Caribe e África, com atuações pontuais nos demais continentes. Os custos operacionais da cooperação brasileira são reduzidos, sobretudo porque as ações de capacitação são realizadas, em sua maioria, por especialistas disponibilizados por instituições públicas nacionais. Não obstante, a ABC tem mantido contato cada vez mais frequente com entidades da sociedade civil, na intenção de ampliar o leque de oportunidades da cooperação horizontal brasileira.

A ABC administra, atualmente, uma carteira composta de 563 projetos e atividades pontuais de cooperação técnica Sul-Sul, em benefício de 58 países em desenvolvimento da América Latina, Caribe, África, Ásia e Oceania. A cooperação técnica Sul-Sul bilateral brasileira se concentra nas áreas de agricultura, segurança alimentar, formação profissional, educação, esporte, governo eletrônico, saúde, meio ambiente, tecnologia da informação, prevenção de acidentes de trabalho, desenvolvimento urbano, biocombustíveis, transporte aéreo, turismo e justiça. Novas áreas temáticas têm sido contempladas, tais como capacitação de agentes governamentais na área de finanças públicas, cultura, comércio exterior e direitos humanos.

Embora a cooperação técnica Sul-Sul na vertente bilateral seja uma prioridade da política externa brasileira, a ABC avalia que parcerias na modalidade triangular contribuem para potencializar o impacto das ações de desenvolvimento. Em razão das mesmas vantagens comparativas que criam um ambiente internacional favorável à atuação do Brasil na cooperação Sul-Sul, o País vem negociando com organismos internacionais e países doadores tradicionais mecanismos de atuação conjunta em benefício de países em desenvolvimento. Nesse contexto, o desafio da cooperação triangular é o de articular as ações de cooperação Sul-Sul com as da cooperação Norte-Sul levada a cabo pelos países doadores, a partir de mecanismos que sejam eficientes e valorizem as contribuições de cada parceiro.

Especificamente no campo do esporte, a ABC tem se esforçado para atender à crescente demanda internacional por cooperação. Nesse sentido, contatos com entidades civis, clubes de futebol e órgãos de classe têm sido intensificados com o objetivo de levar preparadores físicos, técnicos de futebol e juízes a outros países, bem como de trazê-los para treinamento no Brasil, em alguns casos, juntamente com jovens atletas.

Na mesma direção, programa de cooperação triangular envolvendo a UNESCO e entidades civis brasileiras ligadas ao esporte pretende levar a países em desenvolvimento programa que tem como objetivo construir, equipar e colocar em funcionamento escolas comunitárias e transferir para agentes multiplicadores o conhecimento sobre a prática educacional em períodos fora do horário escolar.

Outra importante iniciativa da ABC nessa linha consiste em levar a países ibero-americanos e africanos, em parceria com a Secretaria-Geral Ibero-Americana (SEGIB) o Programa Segundo Tempo, do Ministério dos Esportes. O Programa, ao abordar o esporte sob perspectiva que transcende o estímulo à formação de atletas profissionais, visa a contribuir para a formação integral dos beneficiados, por meio de atividades relacionadas à prática esportiva oferecida no período do contraturno escolar. Neste sentido, o esporte educacional contribui para a aptidão física, bem-estar mental, interação e inclusão social dos jovens, ao induzir o desenvolvimento da cooperação, respeito, resolução de conflitos, liderança, autoestima, responsabilidade, honestidade, trabalho em equipe, disciplina e confiança. Entre os principais benefícios alcançados pelo programa estão a melhoria da convivência dos jovens nas escolas e nas comunidades, a diminuição da evasão escolar, o desenvolvimento da cidadania, a contribuição para a diminuição da violência, a redução das diferenças étnicas e culturais e o desenvolvimento do espírito de grupo.

GRANDES JOGADORES

Tostão – 1947

Posição: atacante
Clubes: Cruzeiro, Vasco
Seleção Brasileira: 1966-1972 (54 jogos, 32 gols)

Marco Farani. *Jogou, durante a juventude, no circuito de tênis semiprofissional na Europa, é apaixonado por cinema e fundador do Festival de Cinema de Brasília. Diplomata de carreira, é atualmente o Diretor da Agência Brasileira de Cooperação (ABC).*

Sócrates

Sócrates foi um dos maiores jogadores do futebol brasileiro em todos os tempos. Atuou 60 vezes com a camisa da Seleção Brasileira, inclusive nas Copas de 82 e 86, e marcou 22 gols. Entre 1978 e 1984 defendeu o Corinthians, de São Paulo, clube pelo qual assinalou 172 dos mais de 300 gols de sua carreira. Teve passagens também pelo Botafogo de Ribeirão Preto, Flamengo, Santos e Fiorentina, da Itália.

Textos do Brasil: Você traçou um caminho um pouco diferente da maioria dos jogadores de futebol, abandonando outra profissão, a medicina, para se tornar atleta. Como foi essa decisão? Fale um pouco da sua trajetória.
Sócrates: Nenhuma decisão é tão difícil quanto aquela em que você abre mão de uma perspectiva de vida por uma incógnita. Intuitivamente, eu sentia que essa decisão possuía em seu seio algo gigantesco e ainda sem uma face definida. Logo após, percebi a grandiosidade do que tinha em mãos e me pus a trabalhar para que crescesse ainda mais. Questão de oportunidade e missão!

TB: Você foi uma das figuras de destaque no que se chamou de "democracia corintiana", movimento iniciado por um grupo de jogadores, na década de 1980, em que os próprios atletas tomavam decisões quanto à contratação de jogadores, regras de concentração etc. Poderia nos falar um pouco sobre aquele período?
Sócrates: Um lugar onde o gari tem o mesmo poder de voto e de veto que o prefeito só pode ser único. Isso foi a democracia corintiana.

TB: Como você vê a gestão atual dos grandes clubes europeus, nos quais, apesar dos altos salários, os jogadores parecem dispor de muito pouca liberdade nas suas declarações, tendo que se adaptar aos objetivos de *marketing* do clube?
Sócrates: Quem abre mão de seus direitos não pode reclamar de ser manipulado por quem o corrompeu.

TB: Como surgiu a ideia de escrever uma coluna sobre futebol na revista *Carta Capital*, um veículo de informações gerais, com ênfase nas áreas de política e economia?
Sócrates: Fui convidado por Mino Carta, idealizador da linha editorial da revista, assim como de *Veja* e *Isto É* quando estas eram independentes.

TB: O Barcelona, time que tem apresentado um futebol alegre e ofensivo, na melhor tradição do futebol brasileiro, sempre soube escolher nossos melhores craques: Ronaldo, Ronaldinho, Romário e Rivaldo. Hoje, seu grande astro é o argentino Messi. Será que têm surgido menos craques no Brasil do que em outros tempos?
Sócrates: Na verdade, ainda há muitos craques surgindo. O Paulo Henrique Ganso, do Santos, por exemplo, é um deles, e só pode mesmo jogar em uma equipe como a do Barça.

TB: Grande parte dos jogadores que fazem sucesso na Europa – e que, portanto, garantem a felicidade das torcidas europeias – são negros, árabes ou mestiços. Mesmo assim, as demonstrações de racismo são frequentes. Como você vê esse paradoxo?
Sócrates: A elite branca, a aristocracia, a burguesia e seus ancestrais acham que o planeta foi feito só para alguns. Como se eles fossem melhores e mais sábios. Sábios, no meu modo de ver, são os que estão aprendendo e não quem acha que já sabe tudo. O medo da cor só é mais burro que o medo do DNA que eventualmente alguns humanos carregam em seu código genético e que caso sejam expostos transpareceriam o pior que a espécie pode carregar. Vide a história da humanidade e suas tragédias provocadas quase sempre por não negros.

Conteúdo Expresso

O futebol na **música** brasileira

por Assis Ângelo

Duas das mais importantes manifestações da cultura brasileira, futebol e música popular têm se encontrado com frequência, resultando em canções que celebram craques famosos, partidas memoráveis ou simplesmente a paixão pelo esporte mais popular do País. Desde a primeira gravação, há quase cem anos, o futebol tem servido de inspiração a alguns dos mais talentosos compositores nacionais, como se pode notar na lista a seguir.

Arquivo Assis Ângelo

Desde o início do século XX, o futebol é tema de canções populares

PRIMEIRA OBRA MUSICAL A ABORDAR O TEMA DO FUTEBOL:
"Foot-Ball", de autor desconhecido, lançada pelo Grupo Lima Vieira & Cia. (Odeon Record), gravada por volta de 1912. Ganharia mais uma gravação nos anos 1920, dessa vez em ritmo de cançoneta, pelo cantor César Nunes.

PRIMEIRA MÚSICA SOBRE O CAMPEONATO MUNDIAL DE FUTEBOL:
Cateretê intitulado "A Copa do Mundo", de Raul Torres e Serrinha, lançado em 1938 pela Columbia.

PRIMEIRA MODA DE VIOLA SOBRE O TEMA:
"Futebol", dos "caipiras" Alvarenga, Ranchinho e Ariowaldo Pires, o Capitão Furtado, lançada em abril de 1936, pela Odeon.

CURIOSIDADES

Zagallo e Dunga são os únicos brasileiros a participar de Copas do Mundo como jogadores e técnicos de sua seleção nacional.

PRIMEIRA MARCHA HUMORÍSTICA ABORDANDO O TEMA, ENTREMEADA COM POLÍTICA:
"É Sopa", de Eduardo Souto, lançada também em 1936.

PRIMEIRO E ÚNICO TANGO DEDICADO A UM TIME BRASILEIRO:
"Fluminense", de Américo Jacomino, o Canhoto, lançado pela Odeon.

Conteúdo Expresso

Lamartine Babo é autor dos hinos dos maiores clubes do Rio de Janeiro

CANÇÕES SOBRE A SELEÇÃO BRASILEIRA, SURGIDAS A PARTIR DE 1950:

- "Vingamos Maracanã", de Denis Brean e O. Guilherme, com Coro e Orquestra Columbia;
- "O Frevo do Bi", de Braz Marques e Diógenes Bezerra, com Jackson do Pandeiro;
- "Pra Frente, Brasil", de Miguel Gustavo, com Demônios da Garoa;
- "A Taça do Mundo é Nossa", de Maugeri, Dagô e Lauro, com Titulares do Ritmo.

PELÉ É O JOGADOR MAIS HOMENAGEADO DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA, TENDO SIDO TEMA DE MUITAS CANÇÕES:

- "Pelé e o Brotinho", de João Chamo e Souza Cruz, lançada pelo selo Carnaval por volta de 1958;
- "Pelé, Pelé", de Alceu Menezes, composta em 1959, gravada no ano seguinte pela Orquestra e Coro e nesse mesmo ano, em janeiro, lançada ao mercado pela extinta RGE;
- "Pelé", de Oiram Santos;
- "Ataca Pelé", de Tico-Tico;
- "Marcha do Pelé", de Paulo Borges e Magdalena Correia;
- "Pelé", de Amasílio Pasquim e Caçulinha;
- "Rei do Futebol", de Wilson Batista e Jorge de Castro;
- "Marchinha do Pelé", de Alvarenga e Ranchinho;
- "Coitadinho do Pelé", de Mariano Nogueira;
- "Pé de Pelé", de Cambuí e Nhô Zé;
- "O Rei Pelé", de José Gomes Filho, o Jackson do Pandeiro;
- "O Nome do Rei é Pelé", de Jorge Ben Jor.

O PRÓPRIO PELÉ COMPÔS ALGUMAS CANÇÕES:

- "Em Busca do Penta" (2002);

GRANDES JOGADORES

Rivellino – 1946

Posição: atacante
Clubes: Corinthians, Fluminense
Seleção Brasileira: 1965-1978 (92 jogos, 26 gols)

- "Sou Brasileiro", em parceria com Edson, da dupla desfeita com Hudson, e Flavinho.

TERMINADA A "ERA PELÉ", ZICO PASSOU A SER O JOGADOR MAIS LEMBRADO PELOS COMPOSITORES:

- "Saudades do Galinho", de Moraes Moreira;
- "Galinho de Briga", de Fagner;
- "Brazuca", de Gabriel O Pensador;
- "Camisa 10 da Gávea", de Jorge Ben Jor.

DENTRE OS CLUBES DE FUTEBOL, O MAIS CANTADO É O SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA:

- "Vasco x Corinthians", de Baptista Júnior, gravada por ele próprio e lançada em setembro de 1929;
- "Corinthians x São Paulo", de Nhô Pai e Nhô Fio;
- "São Paulo x Corinthians", de Murilo Caldas;
- "Corinthians x Palmeiras", de José Fortuna;
- "Campeão do 4º Centenário", de Alfredo Borba;
- "Corinthians, Campeão do Centenário", de Billy Blanco;

- “Campeão dos Campeões”, de Lauro d´Avila;
- “Brasão Preto e Branco (Hino ao Corinthians)”;
- “Corinthians Religião”, de Padre Aparecido e Nélson Correia;
- “O Corinthians Dando Olé”, de Bráulio de Castro e Castanha;
- “Corinthians, Campeão de Amores”, de Geraldo Cunha, Antônio Albino e Osinete Marinho;
- “Transplante Corinthiano (Coração Corinthiano”), de Manoel Ferreira, Ruth Amaral e Gentil Júnior;
- “Vai, Corinthians”, de Oswaldinho da Cuíca e Papete;
- “Corinthians, Alegria do País”, de Aldo Zarim e Nelsinho Melo;
- “Bandeira do Timão”, de Elzo Augusto.

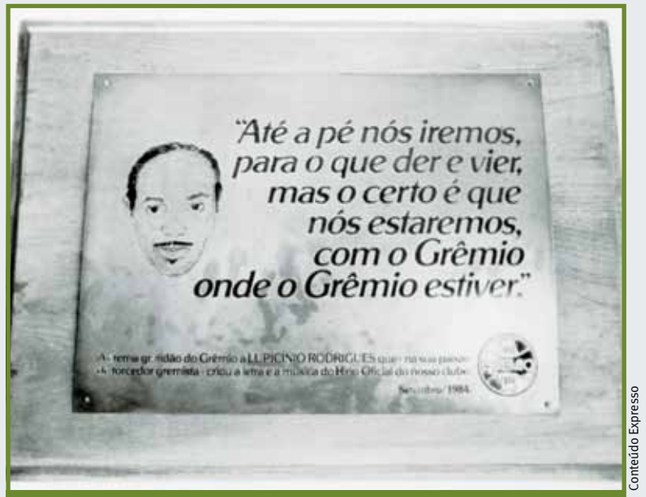
OUTROS GRANDES ARTISTAS QUE COMPUSERAM OBRAS SOBRE A TEMÁTICA DO FUTEBOL:

- Benedito Lacerda/Pixinguinha (“1 x 0”);
- Wilson Batista/Jorge de Castro (“Samba Rubro-Negro”);
- Noel Rosa (“Conversa de Botequim”);
- Lamartine Babo (“Sempre Flamengo!”);
- Antônio Borba (“Goal do Brasil”);
- Antônio Sergi/José Luiz da Silveira (“A Taça é Nossa”);
- Lupicínio Rodrigues (“Grêmio Futebol Portoalegrense”);
- Chico Buarque (“O Futebol”);
- Jorge Ben Jor (“Fio Maravilha”);
- Sérgio Ricardo (“Beto Bom de Bola”);
- Paulinho Nogueira (“O Jogo é Hoje”);
- Luiz Queiroga (“Escola de Feola”);
- Milton Nascimento/Fernando Brant (“Aqui é o País do Futebol”);
- Baptista Júnior (“Futebol Complicado”);
- Zé Fidélis (“Vasco x Arsenal”);
- Teddy Vieira/Zé Carreiro (“Bi-Campeão Mundial”);
- Zé Fortuna (“Pelé e Rivelino”);
- Jacob do Bandolim (“Vascaíno”);
- Gilberto Gil (“Balé da Bola”);
- Jorge Ben Jor (“Fio Maravilha”).

GRANDES JOGADORES

Sócrates – 1954

Posição: atacante
Clubes: Corinthians, Fiorentina, Flamengo, Santos
Seleção Brasileira: 1979-1986 (60 jogos, 22 gols)



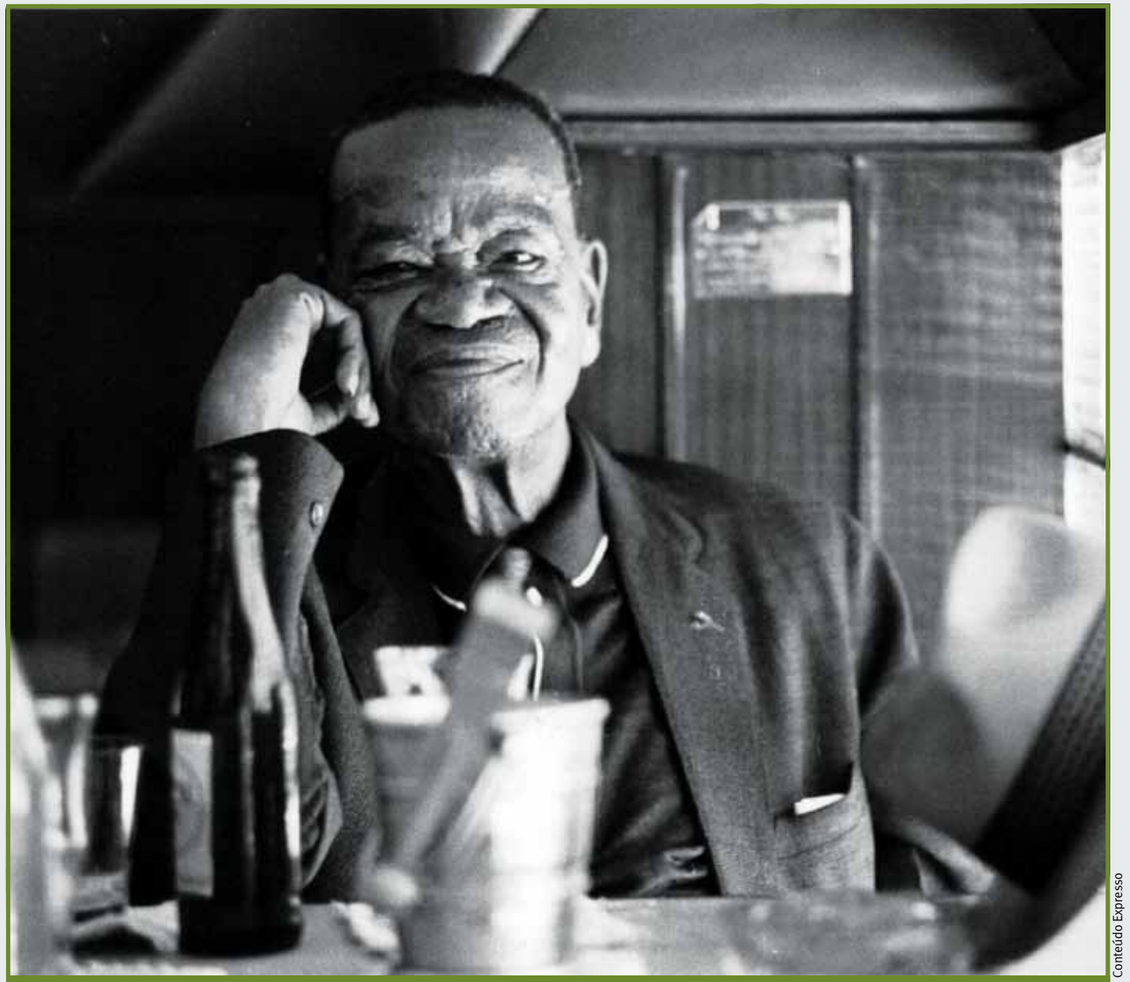
Conteúdo Expresso

Outro grande nome a compor para clubes de futebol foi Lupcínio Rodrigues

Assis Ângelo. *Jornalista, é estudioso da cultura popular e pesquisador do tema futebol na música popular brasileira. Foi consultor musical do filme “Pelé Eterno”, de Aníbal Massaini, e da série musical Som da Terra (Warner/Continental). É autor do livro* A Presença do Futebol na Música Popular Brasileira *(1994, Metrô/SP).*

CURIOSIDADES

Dez jogadores brasileiros marcaram gols em finais de Copas do Mundo. São eles: Pelé e Vavá (3 gols); Ronaldo (2 gols); Friaça, Zagallo, Zito, Amarildo, Gérson, Jairzinho e Carlos Alberto.



Conteúdo Expresso

Pixinguinha compôs o choro “1 a 0” inspirado em vitória contra o Uruguai, em 1919

Futebol, o campo da **palavra**

Por Leonel Kaz

A história, sem dúvida, pode ser contada através de grandes vultos, feitos memoráveis ou datas solenes. Mas há uma outra história que também se transcreve em palavras – aquela narrada pelos hábitos, costumes, atitudes, vestimentas e gestos de um povo, ano a ano, década a década. O futebol, esse país que existe em nós e que aterrissou no Brasil no final do século XIX, talvez seja uma das raras batalhas em que o povo brasileiro entrou e ganhou. Tomou o esporte para si e o transformou em sentido de arte e estética.

O futebol não nos foi dado, mas conquistado. Quando trazido da Europa, em 1894, pelas mãos – e pés – do descendente de ingleses Charles Miller, a atividade ficou reclusa à parcela mais abastada da população. Miller, então com 20 anos, era filho de um engenheiro da São Paulo Railway, a companhia ferro carril que ligava o planalto paulista ao litoral.

Ao introduzir o esporte, já difundido na Inglaterra, entre conhecidos seus e de seu pai, calhou de formar times com a seguinte característica: jogadores de uma elite branca e aristocrata.

O país dos capitães hereditários e dos patriarcas da cana de açúcar era o mesmo dos barões do café que, seis anos antes, haviam imposto a Abolição à Princesa Isabel. O ato não estava imbuído de espírito libertário, mas de interesse oligárquico de não mais sustentar escravos, em vista da imigração europeia que chegava com mão de obra qualificada e mais barata. A Lei Áurea acabou por lançar negros, mulatos, cafusos e mamelucos à rua, todos à deriva.

Diante daquela escravatura que agora tinha liberdades – ou pelo menos pretensas liberdades –, os brancos queriam afirmar a superioridade, mostrando que, a despeito de terem corpos delgados, poderiam ser os grandes atletas olímpicos. O futebol, assim, acabou por se inserir na teoria de "embranquecimento" da população, tese comum à época, segundo a qual o País só se salvaria quando a população se tornasse mais alva e, em última instância, mais europeia ou "civilizada", como se costumava dizer.

Arquivo CR Vasco da Gama

O Vasco da Gama foi um dos primeiros clubes brasileiros a aceitar jogadores negros

O Brasil mestiço, que era farto na rua, não podia existir dentro das quatro linhas do campo. Por certas filigranas semilegais, até a década de 1920, negros eram impedidos de jogar ou mesmo torcer pelos times – que tinham sempre origem grã-fina, com nomes em inglês, como o Sport Club Corinthians Paulista e o Fluminense Football Club. No Rio de Janeiro, Flamengo e Botafogo surgiram de equipes de remo – até então, o esporte das elites. No entanto, o povão acompanhava da amurada da Baía de Guanabara aqueles esbeltos galalaus a mostrarem a força e a fibra dos branquelos a movimentar remos. Já as partidas de futebol eram jogadas com roupas de seda; todos os membros da mais "fina sociedade" compareciam às tribunas de honra e as moçoilas chegavam a encobrir a face com véu.

À massa de ex-escravos coube, em um primeiro momento, testemunhar os jogos à distância, reunidos no alto de morros de onde se avistava os campos, e nas várzeas, atrás dos cercados. Mas ao longo do século XX, essa população que antes apenas observava tomou o futebol para si, transformando-o num apaixonado triunfo de todos. Essa talvez seja a grande batalha em que o povo entrou e ganhou, a partir da aceitação de atletas negros como profissionais aí pelo final da década de 1920. O esporte acabou por virar um raro pertencimento coletivo a que se entregam os brasileiros. (Além de ser um dos poucos espaços verdadeiramente democráticos no país, onde mérito e esforço importam mais do que sobrenome ou origem).

No Brasil, o que é público parece não nos pertencer. Olhamos a rua ou qualquer espaço coletivo com um certo desdém, como se não nos dissessem respeito: "É algo para governantes", dizemos. Presenciamos tudo a uma distância segura, na expectativa de uma decisão que caberá a quem está no poder – alguém assemelhado a um Deus imprevisível, que usa e abusa de vontades arbitrárias.

Salvo por momentos esparsos de comoção política, temos dificuldade de nos entregar à ideia de comunidade. Diferentemente do modelo luterano da sociedade americana – no qual cada um crê que vai ser "salvo" em vida e repassa parte de seus bens à sociedade –, no Brasil, a ideia dominante de que basta uma oração para se redimir e voltar a pecar não nos uniu em associações e comunidades com laços mais consistentes. O futebol é um exemplo contrário. Hoje, num campo oficial ou num campo de pelada, podemos vislumbrar nossa mistura étnica, com 22 brasileiros, mestiços de toda ordem, que se entrecruzam, provocando no imaginário de quem os observa, milhões de possibilidades de interpretação. Nesse esporte, sentimos orgulho de ser brasileiros ou nos tornamos "brasileiros sem-querer" como dizia Mario de Andrade ao poeta Drummond, ainda em 1927.

No ensino primário, aprendemos, burocraticamente, quais foram os ingredientes étnicos de nossa formação. Assim, qual uma fórmula química, um cafuso vira apenas uma mistura entre índio e negro, e um mameluco, uma reles combinação de índio e branco. Se nossas escolas não cultuam os valores de origem, nem incentivam o orgulho de nossa mestiçagem, quem o faz? Quem conhece uma herança cultural que não a do branco europeu? Quem se assume como mameluco, cafuso, mulato, índio (quando não para a política de cotas das universidades)? Anísio Teixeira, o mais importante educador brasileiro, já preconizava, na década de 1930, que aprender era ganhar "um modo de agir": "Não aprendemos uma ideia quando apenas sabemos formulá-la, mas quando a fazemos de tal modo nossa que passa a fazer parte do próprio organismo." Em resumo, Teixeira dizia que só se aprende aquilo que se pratica. "A escola deve se transformar em um centro onde se vive e não em um centro onde se prepara para viver", concluía. O futebol é, à distinção do modelo médio da escola ainda vigente, um lugar onde se vive – no campo, na rua, na arquibancada e, independente do lugar físico, na palavra.

Agência Reuters

A vocação do brasileiro para o futebol se reflete na conquista de cinco Copas do Mundo

GRANDES JOGADORES

Zico – 1953

Posição: atacante
Clubes: Flamengo, Udinese (Itália), Kashima Antlers (Japão)
Seleção Brasileira: 1976-1989 (72 jogos, 52 gols)

GRANDES JOGADORES

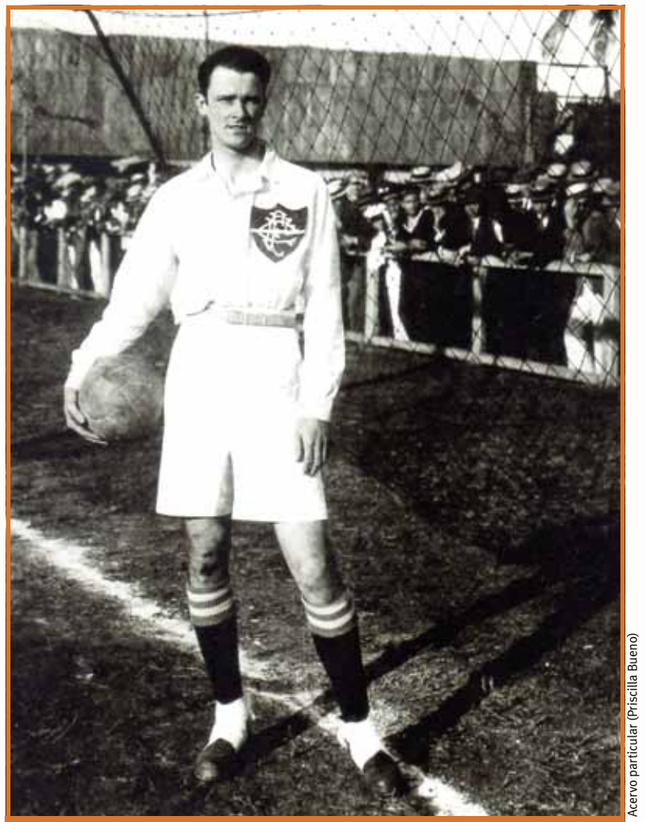
Roberto Dinamite – 1954

Posição: atacante
Clubes: Vasco, Barcelona (Espanha), Portuguesa
Seleção Brasileira: 1975-1984 (38 jogos, 20 gols)

GRANDES JOGADORES

Careca – 1960

Posição: atacante
Clubes: Guarani, São Paulo, Napoli (Itália)
Seleção Brasileira: 1982-1993
(60 jogos, 29 gols)



Acervo particular (Priscilla Bueno)

Marcos Carneiro de Mendonça foi o primeiro goleiro a defender a Seleção Brasileira

Repetimos a lenda e o delírio que o futebol desencadeia em cada relato que fazemos de uma partida, tenha ela ocorrido hoje ou há 50 anos. Pouco importa se o jogo foi assistido pela TV, ouvido pelo rádio, ou lido em uma notícia de jornal. Na cabeça de quem o imagina, ele reaparece límpido como uma verdade absoluta, repassada de geração em geração. É a força expressiva da tradição oral, que serviu perante a história para perpetuar a existência dos contos e dos povos, muito antes da invenção da imprensa ou da imagem eletrônica. O jogo nos faz viver, em renovado feitio, algo que impregna nossa vida afetiva.

O futebol nem sempre é o real. Ele é mais uma desordem da realidade. Muitas vezes, ele é um sonho, um desejo. Naquele famoso drible de corpo de Pelé no goleiro Mazurkiewicz, do Uruguai, durante a Copa de 1970, o gol não se realiza. E se porventura se realizasse, o lance seria mais plástico? Não seria justamente a privação imposta à bola, impedida de entrar por questão de centímetros, que consagraria aquele momento? No futebol, para que o gol exista, ele nem sempre precisa se concretizar, pois continua habitando o desejo de cada torcedor. Qualquer brasileiro que assiste ao drible de Pelé tem, até hoje, a esperança vã de que o gol venha a ocorrer.

O futebol nem sempre é o real porque ele é vivido apaixonadamente. Essa paixão se alimenta da narrativa do jogo, assim como o acaso da partida. Nelson Rodrigues dizia que "o Fla-Flu nasceu 40 minutos antes do nada". A frase exprime o sentimento mágico que imanta o futebol. A narrativa do jogo reinscreve nossa experiência e, cada vez que a repetimos, trazemos de volta essa outra temporalidade reinventada. Para provar que o futebol nada tinha de objetivo, Nelson dizia ainda que "a arbitragem normal e honesta confere às partidas um tédio profundo, uma mediocridade irremediável", e que "só o juiz gatuno, o juiz larápio dá ao futebol uma dimensão nova e, se me permitem, shakespeariana". O futebol fica além da verdade. Como a frase do velho jornalista, no filme *O Homem que Matou o Facínora*, de John Ford, que ensina ao jovem repórter: "Se a lenda é mais forte que a história, publique a lenda".

Como disse o presidente da FIFA, Joseph Blatter, ao visitar o Museu do Futebol, inaugurado em 2008, em São Paulo: "Este não é um museu sobre o jogo de futebol, mas sobre o mais importante no futebol: o povo que o pratica. Este não é um museu; é um lugar onde se vive". Nada mais atual do que, portanto, somar o ensinamento de Anísio Teixeira ao que Blatter falou sete décadas depois: "O lugar onde se vive". O futebol é a casa onde habitamos, o campo que foi por nós conquistado e não, como quase tudo o mais, entregue ou perdido antes da entrega. Como dizia o poeta Fernando Pessoa, "Para viajar basta existir. As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos." O futebol é nossa grande viagem interior para o que somos.

No futebol, mais que jogadores, formamos inventores: os mesmos que com a folha-seca, o "chapéu", o gol de bicicleta foram capazes de descrever parábolas semelhantes às do barroco brasileiro – nossa máxima expressão cultural. Prova disso é que, na seleção de jogadores que comporiam o time perfeito do século XX, votada em 1998 pela FIFA, entre os onze "Prêmios Nobel", levantamos quatro: Garrincha, Carlos Alberto Torres, Nilton Santos e Pelé. Ali, premiava-se não apenas a competência de exímios atletas, mas a competência de atletas que souberam criar uma linguagem. Garrincha é tão importante para a história do futebol quanto Picasso o é para a da pintura. Didi está para a bola, como Stravinsky para a música. No futebol, criamos formas e artes, linguagens singulares que se acrescentam não apenas à nossa própria história, mas à história dos homens de diferentes épocas e países. Por isso, nosso futebol é nossa história.

CURIOSIDADES

Nas copas europeias de clubes, Roberto Carlos foi o brasileiro que mais atuou, com 141 jogos pela Internazionale, Real Madrid e Fenerbahçe. Ronaldo e Jardel foram os que mais marcaram, com 36 gols cada.

No Museu do Futebol, um vídeo narra esta saga com certa "prosa-poética":

Há uma bola na bandeira do Brasil.
No coração de todo brasileiro também.
Nosso futebol começou com Charles Miller,
filho de ingleses, que foi estudar na Inglaterra,
e voltou de lá com uma bola e um manual de regras.

Agora, você imagine que, sete anos antes,
o Brasil foi o último país do mundo a libertar
os escravos. Os negros, mulatos, mestiços foram
jogados na rua. Por outro lado, a elite queria provar
que era a tal. E provar àquele povo mestiço quem é que
mandava, quem é que era mais atleta.

Os bem-nascidos pegaram o futebol para uso
exclusivo deles. Jogavam com roupas de seda.
Os que assistiam vinham todos elegantes,
de cartola e chapéus.

O Brasil era um país dividido:
de um lado, aqueles que tudo tinham.
De outro, os descalços,
que só podiam assistir do alto dos morros
o que se passava nos estádios.

O primeiro estádio foi o do Fluminense,
construído no Rio.
Um jornal de época dizia assim de um jogo:

Arquivo Fluminense FC

O tradicional estádio das Laranjeiras, do Fluminense, foi inaugurado em 1919

"Ocorreu esta semana um match *entre Fluminense e o América Football Club. De camisas elegantes, com os bigodes bem aparados, os* footbalers *apresentaram-se como verdadeiros* sportsmen.
O bem vestido público, composto de famílias e cavalheiros aplaudiu efusivamente".

GRANDES JOGADORES

Bebeto – 1964

Posição: atacante
Clubes: Vitória, Flamengo, Vasco, Deportivo La Coruña (Espanha), Botafogo
Seleção Brasileira: 1985-1998 (75 jogos, 39 gols)

Ora, vejam só: até os nomes eram falados em inglês.
Match *era jogo.* Footbaler *era jogador.*
Muito chique, não é?
Tudo para deixar do lado de fora o povão.
O goleiro do Fluminense, um ídolo!,
Marcos Carneiro de Mendonça,
jogava com uma fitinha roxa de seda. Elegante!

Mas a verdade é que o futebol precisava ser reinventado.
Foi o que aconteceu: as cidades começaram a crescer,
o país a se industrializar.
Os mestiços, os imigrantes mais humildes e os negros
passaram a trabalhar nas fábricas, nas lojas das cidades.
E aí? Bom, aí, eles saíam das ruas para as várzeas,
das fábricas para os campinhos, pegavam a bola no pé
com uma maestria sem igual e passavam a driblar, a
inventar... a dar baile.
Eles não podiam mais ficar de fora dessa jogada.

Os clubes ainda teimavam em proibir a entrada da
gente do povo. Sabe como?
O estatuto dizia assim: "É proibido a presença de
trabalhadores braçais". Ora, futebol só podia ser
jogado por quem tivesse anel de doutor?
Não iria dar certo.

Em 1927 todas as proibições caíram por terra
e entraram em cena os melhores, não importando a
origem nem o berço. O futebol tornou-se a primeira
batalha em que o povo brasileiro entrou e ganhou.
Tomou para si o futebol e deu asas a ele.

Nessa época surge nosso primeiro craque mestiço,
com um nome pra lá de complicado: Friedenreich.
Também com esse nome só poderia ser filho de pai
alemão, de olhos verdes, e mãe negra, lavadeira...

Friedenreich deu um banho de competência.
E o Brasil passou a mostrar com orgulho,
aos olhos do mundo, que éramos um país
capaz de aceitar todas as diferenças.
E fazer disto um gostoso fruto mestiço.

Agora você sabe porque há uma bola na bandeira
do Brasil.E outra imensa, que pulsa e vibra,
no seu coração de torcedor.
Essa história é sua.
Foi você que a conquistou.

O Brasil que passamos a compreender foi aquele que passou a ser incorporado como nosso, ao alvorecer do século XX, aquele em que o ritmo da vida deixou a previsibilidade de lado. Desde a Revolução Industrial, da produção em massa, das Guerras Mundiais, da redefinição de fronteiras, tudo virou fruto do inesperado. Os atos passaram a ser regidos pela urgência, pelo movimento incessante, pelo ritmo percussivo das máquinas e ruídos das cidades, pelas explosões inventivas. O gramofone levou os cantores do teatro para as salas de visita. O cinema criou um mundo em movimento que transmite paixões. Freud revelou o inconsciente, este que nos governa contra nossa própria vontade, nós que acreditávamos dominá-la inteiramente. O futebol era o esporte adequado para um mundo que estava sendo posto de pernas para o ar.

Leonel Kaz. *Curador e diretor do Museu do Futebol, coautor e editor de Aprazível Edições, é professor de Cultura Brasileira na PUC/RJ e foi Secretário de Cultura e Esportes do Estado do Rio. O texto aqui publicado foi extraído do livro* Futebol, a Paixão do Brasil, *publicado pelo Clube dos Treze, com edição de Fernando Bueno e Eduardo Bueno.*

Realizado pelo Governo do Estado e Prefeitura de São Paulo, com a Fundação Roberto Marinho, o apoio do Ministério da Cultura e da iniciativa privada, o Museu do Futebol foi inaugurado em setembro de 2008, nas entranhas do Estádio do Pacaembu, em São Paulo.

Com mais de 1.500 imagens e seis horas de vídeos expostos, o Museu do Futebol comemora uma herança comum do povo brasileiro, passada pela tradição oral, num país tão falto e escasso da valorização desta memória.

Poucos vêem o Museu do Futebol como um museu no sentido estreito do termo, mas sim como um acontecimento, um evento participativo.

O museu narra o Brasil do século XX por meio da Sala das Origens, dos Heróis, o Rito de Passagem (a derrota em 1950) e pela Sala das Copas do Mundo. A das Origens possui 400 fotografias de 1890 até 1930, em grande formato que, do chão ao teto narram esta saga, também exibida em vídeo. Logo a seguir, há a Sala dos Heróis, mostrando o período que vai de 1930 a 1950 – momento em que o País cria seus ídolos e os entroniza no panteão da cultura brasileira: Villa-Lobos, Drummond, Niemeyer, Mario de Andrade, Raquel de Queiroz, Portinari, Jorge Amado e – por que não? – Leônidas da Silva e Domingos da Guia. O jogador de futebol também é um herói nacional, de alta relevância para a fundamentação de nossas origens. Os ídolos da bola que fomos capazes de criar são tão representativos da nossa vitalidade cultural quanto os ícones nos campos da arte, da literatura, do teatro, da música.

No Museu do Futebol, o passado é tanto o que se vê quanto o que se imagina. Cada um que vai lá sai contando uma história. Assim, um dos fatos mais extraordinários durante a realização do projeto, foi a descoberta de que não faz sentido mostrar, visualmente, gols. O importante é recontá-los. Cada qual o conta de uma forma. Daí, todos os gols apresentados no Museu serem narrados por diferentes amantes ou críticos do futebol.

Como não faria sentido um museu prontinho e bem acabado, cenográfico, com paredes de alvenaria instaladas embaixo de arquibancadas, o projeto museográfico acompanhou a arquitetura. Cada espaço foi concebido para ser plenamente vivido pelo espectador, em jogo lúdico e interativo. Tudo rompendo, com o olhar vetusto e esperado de um museu, o medo da aproximação ao museu. O espaço pensado para deixar solto o desejo libertário em cada visitante. Aliás, para deixar solto, mais que tudo, o desejo.

Futebol e **identidade** nacional

por Luiz Carlos Ribeiro

Escrever sobre futebol é falar da alma e do coração dos homens e das sociedades. Ele nos fala de lugares inatingíveis pela razão. São os lugares da paixão e dos sentimentos que borram os limites do racional. Na condição de fenômeno de forte envolvimento emocional, ele é parte dos processos de identidades nacionais e, por isso, encontra-se imbricado com o mundo contemporâneo.

O futebol faz parte do cotidiano brasileiro

Conteúdo Expresso

No Brasil, o identitário nacional é carregado do imaginário mítico do futebol. Para uns, ele é a síntese de nosso "caráter nacional" mestiço e malandro, para outros, é o ópio, a alienação, a fuga do Brasil real. É uma falsa dicotomia. Futebol é paixão, logo, tudo o que lhe diz respeito é necessariamente envolvente e intenso, para o bem ou para o mal. Como em qualquer festa lúdica, é esse contraditório que lhe dá significado. Como qualquer fenômeno de raiz cultural, sua força é maior no simbólico que no real. No Brasil, ele circula como um imaginário coletivo entre homens comuns, políticos, e mesmo intelectuais, que desejam "pensar" o País. Que Brasil é esse?

"O futebol explica o Brasil". "Se a gente mudar o futebol, a gente muda o Brasil". São frases correntes no senso comum. O futebol converteu-se em uma forma de teatralização de nossas relações sociais, concentrando o que há de mais profundo em nossa política, cultura e formação como sociedade.

Mas, ao mesmo tempo em que é inevitável afirmar essa identidade entre futebol e Brasil, é

preciso reconhecer que se trata de um fenômeno historicamente construído e refletir como essa ligação profunda se produziu, desde que o futebol surgiu no Brasil.

A ideia-força de que o futebol é um fenômeno de coesão da sociedade brasileira, uma forma como o brasileiro tem se pensado como nação e como povo, é uma construção antiga. De tal modo ela se enraizou no imaginário social do País que parece já se encontrar naturalizada. Aliás, a sua força de permanência no ideário está fundada em um argumento de naturalidade: a indissociabilidade entre futebol e povo brasileiro. Essa ideia, apesar de ainda presente, já foi mais marcante em nossa cultura. Foram muitos os operários construtores desse imaginário, desde os pés-de-obras comuns, como o mestiço Garrincha ou o negro Pelé, até os grandes ideólogos da hegemonia nacional.

O futebol explica o Brasil porque a construção da ideia "Brasil" deu-se alicerçada em pilares sólidos da nossa cultura. O futebol explica o Brasil assim como nosso sincretismo religioso ou nosso racismo dissimulado.

Uma das chaves para se compreender essa ligação umbilical entre o Brasil e o futebol encontra-se na trajetória intelectual e ideológica brasileira dos últimos cem anos. O futebol surge no Brasil no final do século XIX, com a chegada de uma grande leva de imigrantes europeus. Já no começo do século XX, vimos aparecer os primeiros clubes de futebol, em sua maioria, ligados a essa comunidade. Assim, surgem, em quase todas as grandes cidades brasileiras, clubes de origem portuguesa, italiana, alemã, entre outras. Times como Vasco da Gama (1898), Palestra Itália (antiga denominação dos atuais Palmeiras, 1914, e Cruzeiro, 1921) e Coritiba (1909) foram alguns dos clubes fundados por imigrantes.

Apesar de a imigração inglesa ter sido bastante reduzida no Brasil, houve diversos clubes futebolísticos vinculados a companhias – em especial, ferroviárias – criados e dirigidos por ingleses no final do século XIX. Afinal, foram eles os criadores do futebol moderno.

Nesse contexto, podemos afirmar que, em meio ao cenário de globalização capitalista do final do oitocentos, a introdução do futebol no Brasil fez parte do processo estrutural de *modernização forçada* da economia e da sociedade. Ou seja, a economia do café, a abolição da escravidão, o ingresso de homens livres imigrantes, assim como o fim do regime imperial, compuseram o quadro de adequação da sociedade brasileira às novas regras do capitalismo industrial e financeiro do período.

O impacto dessa modernização exigiu um reordenamento geral da sociedade brasileira, tanto nos seus aspectos econômicos e sociais quanto culturais. O futebol foi uma das manifestações dessa modernização, tornando-se, portanto, motivo de longos debates. Por exemplo, entre nossos primeiros cronistas: Coelho Neto era um otimista em relação ao futebol, ao passo que Lima Barreto via no futebol um estrangeirismo negativo. A nossa modernização acelerada colaborou para dissolver diferenças étnicas e fundiu uma nova cultura nacional, caracterizada por um original multiculturalismo, combinado com uma endêmica desigualdade social, herança patrimonialista dos coronéis e da escravidão.

Tal como ocorreu na Inglaterra e em outros países, rapidamente o futebol transformou-se em manifestação de massa. O que era inicialmente uma prática de ocupação do tempo livre das elites tornou-se, no Brasil, já nos anos 1930, um esporte de paixão popular.

Assim, pensar a nova ordem – republicana, laica e de homens livres – exigiu um esforço político e ideológico. Os momentos dessa construção nacional foram vários, por isso falamos em *formação* da identidade brasileira.

Apesar de terem sido muitos os ideólogos dessa construção simbólica, é possível mapear alguns, em especial aqueles que fizeram do futebol – assim como do samba ou do carnaval – a base de seus argumentos. Como não há propriamente um ponto de partida dessa *formação* identitária, façamos nós um corte arbitrário.

Sem muito medo de errar, podemos tomar como referência os anos 1920 e, mais ainda, as duas décadas seguintes. A dúvida sadia de Mario de Andrade em relação à pretensão de Oswald de Andrade de fundar uma brasilidade é um dos sinais. Como também o debate entre o cosmopolitismo antropofágico – a brasilidade dos Andrade – e o xenofobismo dos verde-amarelos. Qual era a *cara* do Brasil? A de Macunaíma, um "herói sem caráter" – nem branco, nem índio, nem negro – ou a dos heróis bandeirantes colonizadores dos nossos sertões?

Mas foi nos anos 1930/1940 que o esforço de refundação simbólica do Brasil se fez mais nítido. Nesse sentido, a grande contribuição foi o projeto político de Vargas, claramente de ruptura e desejando fundar uma *nova nação* e um *novo homem*. A herança liberal e racialista, que pensava o homem brasileiro como uma utopia branca, havia se esgotado como projeto político. A Primeira Guerra Mundial acelerou a crise do liberalismo e difundiu a crença evolucionista no progresso. Agora, onde se desejava harmonia social não poderia haver raças. Construir a identidade nacional pressupunha dissolver diferenças. O homem brasileiro precisava de uma síntese. E quem a definiu com maior sucesso foi Gilberto Freyre: "psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato".[1]

1 FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945, p. 432.

GRANDES JOGADORES

Romário – 1966

Posição: atacante
Clubes: Vasco, Flamengo, PSV Eindhoven (Holanda), Barcelona, Valencia (Espanha), Fluminense
Seleção Brasileira: 1987-2005 (70 jogos, 55 gols)

GRANDES JOGADORES

Edmundo – 1965

Posição: atacante
Clubes: Vasco, Palmeiras, Flamengo, Corinthians, Fiorentina, Santos, Napoli, Cruzeiro, Fluminense
Seleção Brasileira: 1992-2000 (36 jogos, 9 gols)

GRANDES JOGADORES

Rivaldo – 1972

Posição: atacante
Clubes: Corinthians, Palmeiras, Deportivo La Coruña, Barcelona, Milan, Olympiakos (Grécia)
Seleção Brasileira: 1993-2003 (74 jogos, 34 gols)

O "MULATO *FLAMBOYANT*": SÍNTESE DO HOMEM E DO JOGADOR BRASILEIROS

Na verdade, são poucos os escritos de Gilberto Freyre especificamente sobre o futebol. Além de algumas notas na obra Sociologia (1945), do prefácio escrito para o livro de Mario Rodrigues Filho, *O Negro no Futebol Brasileiro* (1947), há apenas algumas crônicas dispersas na imprensa. Mas os seus escritos sobre o futebol brasileiro têm uma matriz única, a da miscigenação das raças que teria produzido no Brasil um tipo peculiar de jogador: o "mulato *flamboyant*". Este seria a síntese da nossa democracia social: "A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala". A citação abaixo, escrita em pleno desenvolvimento da Copa do Mundo de 1938, na França, logo após a vitória brasileira contra a Tchecoslováquia (que possibilitou nossa classificação às semifinais), é um extrato de seu pensamento sobre miscigenação, democracia social e futebol no Brasil:

> *Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de futebol, e esse estilo é uma expressão a mais do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, curvas ou em músicas, as técnicas europeias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto: sejam elas de jogo ou de arquitetura. Porque é um mulatismo o nosso – psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato – inimigo do formalismo apolíneo sendo dionisíaco a seu jeito – o grande feito mulato.*[2]

Há, portanto, uma confluência óbvia entre seus escritos sobre a civilização brasileira e os específicos sobre o futebol. Na verdade, após o terceiro lugar conquistado pelo Brasil na Copa da França, Gilberto Freyre passou a incorporar nos seus livros o exemplo do futebol como evidência da vitória do mulato enquanto identidade do homem brasileiro.

Mas é por meio da obra de Mario Rodrigues Filho, *O Negro no Futebol Brasileiro*, de 1947, que a visão freyreana se difunde e passa a influenciar os escritos sobre futebol, tanto de memorialistas quanto no meio acadêmico.

Não por acaso, o autor do prefácio do livro de Mario Filho foi Gilberto Freyre. Nesse escrito, Freyre reforça a sua tese do esforço civilizador brasileiro através da mestiçagem:

> *Aqui está um capítulo da história do futebol no Brasil que é também uma contribuição valiosa para a história da sociedade e da cultura brasileiras na sua transição da fase predominantemente rural para a predominantemente urbana. Além disso, as páginas mais sugestivas de Mario Filho nos põem diante do conflito entre estas duas forças imensas – a racionalidade e a irracionalidade – no comportamento ou na vida dos homens. No caso, homens do Brasil. Homens de uma sociedade híbrida, mestiça, cheia de raízes ameríndias e africanas e não apenas europeias.*

2 FREYRE. G. "Prefácio". In: RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 4a ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 24.

> *Creio não dizer novidade nenhuma repetindo que por trás da instituição considerável que o futebol tornou-se em nosso país se condensam e se acumulam, há anos, velhas energias psíquicas e impulsos irracionais do homem brasileiro, em busca da sublimação.*[3]

Freyre afirma com muita força o vínculo da "história do futebol" com a "história da sociedade e da cultura brasileiras" fundando o homem brasileiro, na sua sublimação, o "mulato *flamboyant*".

CURIOSIDADES

Em 1895 foi realizado o primeiro jogo de futebol no Brasil. Enfrentaram-se em São Paulo duas equipes formadas por funcionários da Companhia de Gás e da Estrada de Ferro São Paulo Railway, com vitória desta última por 4 a 2.

O bicampeonato mundial elevou a autoestima do brasileiro (Garrincha e João Goulart)

Conteúdo Expresso

3 FREYRE. G. "Prefácio", op. cit.

A tese central da obra de Mario Filho/Freyre contém duas faces de um mesmo movimento: ao mesmo tempo em que descreve de forma estetizada a ascensão social do negro por meio do futebol, vê nessa evolução a consolidação de nossa identidade nacional. A vitória do negro no futebol brasileiro – expressa nas glórias futebolísticas de um Arthur Friedenreich, filho de pai alemão e mãe negra, e Leônidas da Silva, filho de pai português e mãe negra – é a consolidação da "identidade Brasil".

O interessante é que a tese da sublimação do homem e da nação brasileiros, como evidencia a vitória social do negro através do futebol, não fica circunscrita apenas ao século XX. Nos escritos de Freyre, a impressão que se tem é a de que essa ascensão social esteve colocada desde o princípio e embasa a sua tese da cordialidade entre a "casa-grande" e a senzala. Referindo-se à benevolência do português com o escravo – sobretudo com a mulher negra e seus filhos ilegítimos, base social do nosso mulatismo – Freyre afirma que a atitude do colonizador fora "sempre no sentido de favorecer o mais possível a ascensão social do negro".[4]

Assim, Freyre e Mario Filho – entre os principais – foram os que consolidaram esse imaginário identitário entre futebol e Brasil. O futebol estiliza, pela sua beleza plástica, a imagem do Brasil.

AS VITÓRIAS NO CAMPO

Mas nem só de discursos ideológicos se fez o Brasil-futebol. As vitórias em campo – dentro e fora do País – deram legitimidade aos discursos. Tanto é que a obra de Mario Filho, originalmente publicada em 1947, é reeditada em 1962, logo após as grandes vitórias nas Copas do Mundo de 1958 e 1962. Essas conquistas redimiram não apenas os mulatos derrotados pelos uruguaios em pleno Maracanã, em 1950, como validaram a tese de Gilberto Freyre do mestiço como substância de nosso esforço civilizador e de nossa harmonia social.

Os anos 1950 foram também de modernizações: a bossa-nova, Juscelino e Brasília eram nossos símbolos, aos quais se agregaram as vitórias futebolísticas, na Suécia e no Chile. De lá, retornaram Garrinchas, Pelés e Nilton Santos apagando a derrota de 1950. Havíamos deixado de ser *vira-latas* do mundo, conceito que Nelson Rodrigues inventara para dizer de seu/nosso recalque da derrota de 1950: "Por 'complexo de vira-latas' entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol."[5]

E ele mesmo nos redime clamando, em 1962, pelos "75 milhões de Garrinchas", quando agora, ao contrário do *vira-lata*, "o problema de cada um de nós é ser ou não ser Garrincha".[6] E mais, afirma, o que nos permitiu vencer o complexo de inferioridade e ganhar a Copa "foi o mistério de nossos botecos e a graça das nossas esquinas, e o soluço dos nossas cachaças, e a euforia dos nossos cafajestes", enfim, nada mais do que "um toque de molecagem brasileira".[7] Um reforço à visão macunaímica do homem brasileiro.

Estava, portanto, selada a fusão Brasil-futebol. A nação parecia não existir fora das quatro linhas do campo. O "mulato *flamboyant*" era definitivamente nossa imagem e semelhança.

E A DITADURA MILITAR?

Apesar da tão propalada intervenção dos militares nos meios culturais brasileiros, poucas mudanças houve no futebol durante o período do regime autoritário no Brasil, entre 1964 e 1984. O que os militares fizeram foi se apropriar da cultura futebolística, pois a imagem de vitoriosos e de harmonia social que havia sido construída era fundamental para o regime.

Assim, o projeto intelectual e político de associar a imagem do Brasil – e a do homem brasileiro – às vitórias em campo são anteriores ao regime autoritário dos anos 1960/70. O que a instituição civil-militar da ditadura fez, dada a força simbólica do universo futebolístico, foi agir de forma mais orgânica, indicando dirigentes, disponibilizando recursos etc.

O que os militares buscavam era a sua legitimação. Buscavam associar a imagem do regime à paixão esportiva e às vitórias do Brasil nos campos internacionais. Transformar esses feitos vitoriosos do homem brasileiro na imagem do regime. Qualquer regime político precisa de reconhecimento e legitimação, mesmo os autoritários. Nesse caso, não basta o uso da violência. É preciso também eficácia e persuasão. Identificar o *regime* com a *nação*, fundir o *governo* e a *pátria*, exigia agregar símbolos que legitimassem a associação pretendida. O futebol – como qualquer atividade lúdico-cultural – tem essa força de envolvimento.

Mas a vontade dos dirigentes políticos de ganhar jogos para poder associar o êxito do futebol à imagem do regime não tem uma relação direta, pois depende de uma rede complexa de relações. A evidência disso é que, ao longo dos 20 anos de ditadura militar, o Brasil foi vitorioso apenas em 1970. Após o bicampeonato em 1962, o Brasil teve uma participação vexatória em 1966, quando foi desclassificado logo nas oitavas de final. Em 1974, na Alemanha, o Brasil ficou em quarto lugar. Em 1978, disputado em uma Argentina militarizada, após o resultado altamente suspeito de 6 a 0 sobre o Peru, os argentinos não permitiram que o Brasil chegasse às finais, ficando apenas com terceiro lugar. Finalmente, em 1982, na Espanha, o Brasil,

GRANDES JOGADORES

Ronaldo – 1976

Posição: atacante
Clubes: Cruzeiro, PSV Eindhoven, Barcelona, Internazionale, Real Madrid, Milan, Corinthians
Seleção Brasileira: 1994-2006 (97 jogos, 62 gols)

GRANDES JOGADORES

Ronaldinho Gaúcho – 1980

Posição: atacante
Clubes: Grêmio, Paris Saint-Germain (França), Barcelona, Milan
Seleção Brasileira: 1999-2009 (87 jogos, 32 gols)

4 FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*: Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. 2o tomo. 14a edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969, p 578.
5 *Manchete Esportiva*, 31.5.1958.
6 *Fatos & Fotos*, 23.6.1962.
7 *Fatos & Fotos*, junho de 1962.

GRANDES JOGADORES

Kaká – 1982

Posição: atacante
Clubes: São Paulo, Milan, Real Madrid
Seleção Brasileira: 2002-2010
(76 jogos, 26 gols)

apesar de contar com um time habilidoso (Junior, Toninho Cerezo, Sócrates, Zico e Falcão) perdeu o jogo das quartas de final para a Itália, amargando um quinto lugar.

Essa exposição de resultados é para demonstrar que o campo esportivo tem sua autonomia. A vontade extra-campo, no caso a vontade dos ditadores no Brasil, não resultou em vitórias. Em especial para a Copa de 1974, após a vitória de 1970, os militares se empenharam e fizeram investimentos na preparação da seleção. Já nas Copas de 1978 e de 1982 o regime autoritário encontrava-se praticamente esgotado, não havendo mais o mesmo empenho de legitimação. Ou seja, o regime encontrava-se de tal modo desacreditado que nem mesmo a expectativa de associar-se à imagem da seleção nacional parecia surtir efeito. Portanto, sem dúvida existe o uso político do esporte, mas na maioria das vezes o retorno não é proporcional ao investimento. Não fosse isso, em tempos autoritários os campeonatos terminariam empatados.

Conteúdo Expresso

A vitória do futebol em 1970 conferiu legitimidade ao discurso político da época

E HOJE?

O Brasil experimentou, desde os anos 1980, com o fim da ditadura militar, um processo de democratização, não apenas do Estado, mas da sociedade como um todo. Concomitantemente, o processo de reestruturação da economia global – a chamada globalização – promoveu um privilegiamento do mercado, em detrimento do poder estatal. Assim, por exemplo, tanto a Europa, com seu estado-providência, quanto o Brasil, com seu estado-autoritário, passaram a sofrer as regras liberais de um mercado globalizado. Os projetos nacionais perderam força em favor de vontades multinacionais do mercado.

Essas mudanças estruturais foram decisivas na transformação do futebol. A explosão da indústria de entretenimento – inicialmente com o sistema de TV aberta e fechada; em seguida, com a Internet – associada à expansão do *marketing* esportivo, agregou ao futebol valores financeiros jamais imaginados.

O redimensionamento social e cultural que passou a ter o futebol a partir dos anos 1980 o transformou em um sucesso de mídia, um espetáculo globalizado. Assim, em especial no Brasil, deixou de existir a necessidade de legitimar projetos ideológicos, como os que ocorreram entre os anos 1930-1985. A ideia-força não era mais a de construir a nação, mas a de se inserir com competência no mercado global.

Ao mesmo tempo em que a ideologia nacional se esvaziava, pois sua função era criar uma identidade, houve um processo de desterritorialização do jogador, sobretudo o brasileiro. A forte mercantilização do futebol mundial, transformando-o numa das maiores indústrias de consumo de massa, fez dele mais um produto e menos uma paixão.

Hoje, se perdemos uma Copa do Mundo, nos sentimos menos humilhados, menos vira-latas.

De todo modo, de tal maneira o futebol passou a ocupar o cotidiano do brasileiro que, desde então, a versão de que "o futebol explica o Brasil" tornou-se lugar-comum para a compreensão do desenvolvimento do esporte e do País.

A explicação para a existência e a permanência desse teorema na cultura brasileira encontra-se tanto no pensamento político brasileiro quanto na especificidade do desenvolvimento do futebol no Brasil.

CURIOSIDADES

Até a Copa de 1950, o Brasil jogava de camisas brancas. O trauma da derrota na final resultou na mudança de uniforme e no advento, pouco antes da Copa de 1954, da hoje tradicional camisa amarela.

Luiz Carlos Ribeiro. *Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo e Doutor em História pela Université de Paris III, é professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Organizou em 2007 a publicação do livro* Futebol e Globalização. *Atualmente coordena o grupo de estudos "Futebol e Sociedade" (PGHIS/UFPR).*

O futebol na **língua portuguesa**

Como não poderia deixar de ser, o futebol tem presença marcante na língua portuguesa falada no Brasil, fornecendo expressões para as mais variadas situações. Seguem algumas das mais utilizadas no cotidiano do brasileiro:

A esta altura do campeonato
Agora, presentemente; a esta altura; neste ponto.

Aos 45 do segundo tempo
No último instante.

Baixar a bola
Destruir ou minimizar o motivo de orgulho ou vaidade de alguém.

Bater na trave
Aproximar-se da consecução de um objetivo, mas não concluí-lo por alguma razão.

Bola murcha
Falto de ânimo, de alegria; triste, melancólico.

Bola pra frente
Expressão de estímulo e encorajamento.

Bater um bolão
Ter excelente desempenho (em qualquer atividade).
Ex.: Ela bate um bolão na informática.

Cair pelas tabelas
Não se aguentar de pé; sentir-se extremamente fraco ou fatigado.

Carregar o time nas costas
Ter grande desempenho num trabalho que reúne várias pessoas, levando-o a bom termo.

Chutar
Arriscar uma resposta sem ter certeza.
Ex.: Não estudou e foi chutando as questões.

Chutar para escanteio
Deixar de lado; dar o fora em.
Ex.: Era tão incompetente, que foi chutado para escanteio.

Comer a bola
Ser excelente em alguma profissão ou atividade.

Correr para o abraço
Comemorar.
Ex: O acordo está feito, agora é só correr para o abraço.

Dar bola
Dar confiança a; ensejar ou encorajar namoro com.
Ex.: Essa menina é linda mas não me dá bola.
Ter interesse e atenção (para com alguém ou algo).
Ex: Não deu bola para os convidados.

Dar tratos à bola
Empenhar-se, esforçar-se, diligenciar (em determinado sentido) para; dar tratos à imaginação.
Ex.: Deu tratos à bola para resolver o problema.

Dar uma bola fora
Cometer uma gafe; fazer comentário indevido ou fora de hora.

Do primeiro time
Que é muito importante; que está num plano superior.

Driblar
Esquivar-se de (alguém ou algo), não se deixar abater por; evitar.
Ex.: Driblou as dificuldades; driblou os mendigos para não ter de dar esmola.

Enterrar o time
Fracassar em algum negócio, prejudicando a si e aos colegas.

Entrar de sola
Conduzir-se de modo grosseiro e agressivo no início de uma conversação com outrem.

Estar com a bola toda
Estar no comando, estar no domínio da situação.

Estar com fome de bola
Ser ou estar muito empenhado em uma disputa ou atividade.

Estar na marca do pênalti
Estar por um fio; estar por um triz.

Fazer o meio de campo
Servir de intermediário ou mediador.

Jogar na retranca
Assumir uma atitude de reserva, geralmente por desconfiança; acautelar-se.

Jogar nas onze
Ser capaz de desempenhar múltiplas funções.

Jogar no time de
Simpatizar ou entrosar bem com.
Ex: Esse é dos meus, há muito joga no meu time.

Jogar para a torcida
Fazer alarde das próprias qualidades sem mostrar resultados concretos.

Levar cartão vermelho
Ser abandonado; ser demitido.

Marcar em cima
Vigiar de perto.

Marcar gol contra
Comportar-se de modo a prejudicar a si mesmo ou a seus companheiros.

Não mexer em time que está ganhando
Acomodar-se a uma situação favorável.

Pendurar as chuteiras
Deixar de exercer qualquer profissão ou atividade.

Pisar na bola
Cometer um engano; sair-se mal; dar um fora.

Show de bola
Qualquer trabalho executado com perfeição; exibição brilhante; objeto de grande beleza ou utilidade.

Tirar o time de campo
Ir embora; desistir de algo.

Vestir a camisa
Adotar uma causa e lutar por ela; empenhar-se num trabalho ou tarefa por motivos que não dependem de compensações materiais.

Ministério das
Relações Exteriores